

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**  
**Faculdade de letras**  
**Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos**

Ana Cláudia Menezes Araújo

**ANTICAUSATIVAS EM TENETEHÁRA-GUAJAJÁRA:**  
**uma análise formal**

Belo Horizonte

2023

Ana Cláudia Menezes Araújo

**ANTICAUSATIVAS EM TENETEHÁRA-GUAJAJÁRA:  
uma análise formal**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial à obtenção do título de Doutor(a) em Estudos Linguísticos.

Área de concentração: Linguística Teórica e Descritiva

Linha de pesquisa: Estudos Formais de Língua

Orientador: Prof. Dr. Fábio Bonfim Duarte

Belo Horizonte

2023

A663a Araújo, Ana Claudia Menezes.  
Anticausativas em tenetehára-guajajára [manuscrito] : uma  
análise formal / Ana Claudia Menezes Araújo. – 2023.  
1 recurso online (193 f. : il.) : pdf.  
Orientador: Fábio Bonfim Duarte.  
Área de concentração: Linguística Teórica e Descritiva.  
Linha de Pesquisa: Estudos Formais da Língua.  
Tese (doutorado) – Universidade Federal de Minas Gerais,  
Faculdade de Letras.  
Bibliografia: f. 189-193.  
Exigências do sistema: Adobe Acrobat Reader.

1. Língua tenetehara – Sintaxe – Teses. 2. Língua tenetehara  
– Morfologia – Teses. 3. Língua tenetehara – Gramática – Teses.  
4. Língua tenetehara – Sentenças – Teses. 5. Indígenas da  
América do Sul – Brasil – Línguas – Teses. 6. Índios tenetehara –  
Teses. I. Duarte, Fábio Bonfim. II. Universidade Federal de Minas  
Gerais. Faculdade de Letras. III. Título.

CDD: 498.3



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE LETRAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS

**FOLHA DE APROVAÇÃO**

**ANTICAUSATIVAS EM TENETEHÁRA-GUAJAJÁRA: uma análise formal**

**ANA CLAUDIA MENEZES ARAUJO**

Tese submetida à Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em ESTUDOS LINGUÍSTICOS, como requisito para obtenção do grau de Doutor em ESTUDOS LINGUÍSTICOS, área de concentração LINGUÍSTICA TEÓRICA E DESCRITIVA, linha de pesquisa Estudos Formais de Língua.

Aprovada em 02 de junho de 2023, pela banca constituída pelos membros:

Prof(a). Fábio Bonfim Duarte - Orientador  
UFMG

Prof(a). Rozana Reigota Naves  
UnB

Prof(a). Quesler Fagundes Camargos  
UNIR

Prof(a). Janayna Maria da Rocha Carvalho  
UFMG

Prof(a). Maria José de Oliveira  
SEED-MG

Belo Horizonte, 02 de junho de 2023.



Documento assinado eletronicamente por **Janayna Maria da Rocha Carvalho, Professora do Magistério Superior**, em 06/06/2023, às 19:16, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Rozana Reigota Naves, Usuário Externo**, em 13/06/2023, às 14:29, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Quesler Fagundes Camargos, Usuário Externo**, em 13/06/2023, às 18:23, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Maria José de Oliveira, Usuária Externa**, em 19/06/2023, às 09:39, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Fabio Bonfim Duarte, Professor do Magistério Superior**, em 22/06/2023, às 16:29, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site

[https://sei.ufmg.br/sei/controlador\\_externo.php?](https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0)

[acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **2323567** e o código CRC **A27099B7**.

*Aos meus pais, que em meio a  
saudades e preocupações,  
apoiaram incondicionalmente a  
minha luta.*

## AGRADECIMENTOS

*Este trabalho é resultado não somente de esforços pessoais, mas também de parcerias. Devido a isso externalizo meus sinceros agradecimentos àqueles que, de alguma forma, contribuíram para esta realização.*

*Primeiramente, agradeço à minha família, especialmente minha mãe Maria e meu pai Antonio, que me incentivaram e me apoiaram incondicionalmente nesses anos que dediquei aos meus estudos do doutorado, morando em Belo Horizonte. E às minhas irmãs Susana e Vivia, pelo apoio e carinho que dedicaram a mim durante esse período. Ao lado deles, agradeço ao meu namorado Alex, que esteve comigo nos momentos mais difíceis e aflitivos desse percurso de construção da tese, assim como nos momentos mais tranquilos de êxitos e da conquista.*

*Ao meu orientador, Fábio Bonfim Duarte, por ter aceitado solicitamente me orientar neste doutorado. Agradeço pela riqueza de conhecimentos que ele me proporcionou tanto em Sintaxe Gerativa, como em conhecimento da língua Tenetehára-Guajajára, pela parceria nas viagens de campo nas aldeias indígenas, pela compreensão em todos os momentos de dificuldade e pela dedicação em sua orientação.*

*Aos falantes Guajajára, que foram os colaboradores fundamentais na realização de minha pesquisa, especialmente Dona Maria Santana Guajajára e Cíntia Guajajára, que me receberam tão bem na Aldeia Lagoa Quieta e me permitiram aprender com eles e contribuir com o trabalho de revitalização da língua materna, junto ao meu orientador Fábio Duarte. Um agradecimento especial ao Jessivan Guajajára, meu principal colaborador nos estudos da língua Guajajára ao longo destes anos, tanto em campo como por meio digital.*

*Com esse trabalho de campo e estudo teórico-descritivo da língua Tenetehára-Guajajara, passei a ter uma visão muito mais acurada e humanitária sobre os povos indígenas e sobre a cultura do povo Guajajara em particular.*

*Aos professores Janayna Carvalho, Rozana Reigota, Maria José de Oliveira e Quesler Camargos, que gentilmente aceitaram participar da minha banca de avaliação e, com muita seriedade, contribuíram imensamente com seus conhecimentos e sugestões.*

*Aos meus colegas do grupo LALIAFRO João, Tânia, Veronique, Bráulio, Clauâne, Bárbara, Danilo, com quem compartilhei muitos momentos de aprendizado e de alegria. Muitas foram as suas contribuições com meu trabalho.*

*Às minhas amigas Daniela e Lucélia que, mesmo de longe, me deram força e incentivo em todas as etapas do curso e da construção da tese.*

*À Universidade Estadual do Maranhão, que me propiciou cursar o doutorado durante esses quatro anos de afastamento de minhas atividades, como uma forma de incentivo à qualificação de seu corpo docente.*

*À Universidade Federal de Minas Gerais, por me proporcionar a oportunidade de aprender uma gama de conhecimentos mediados pelos competentes professores do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos (PosLin) durante o curso de doutoramento e, principalmente, por me conceder o título de doutora em Estudos linguísticos.*

## RESUMO

Esta tese tem por objetivo investigar o comportamento sintático das sentenças anticausativas que figuram no par da alternância causativa da língua Tenetehára-Guajajára, pertencente à família linguística Tupí-Guaraní. Identificou-se que, nessa língua, ocorrem sentenças anticausativas não marcadas morfologicamente e sentenças anticausativas que são marcadas por meio do prefixo de voz anticausativa {ze-}. O morfema {ze-} é também compartilhado por sentenças reflexivas nas quais atua como um reflexivizador. Nesse âmbito, proponho que as anticausativas do Tenetehára-Guajajára apresentam duas estruturas sintáticas básicas, a saber: i) uma estrutura formada a partir de uma projeção vP e uma projeção VoiceP expletiva para representar as anticausativas marcadas pelo prefixo {ze-} e ii) uma estrutura formada apenas por uma projeção vP para representar as anticausativas não marcadas morfologicamente. Neste estudo, adoto os pressupostos teóricos da Morfologia Distribuída, que permitiram uma abordagem pautada na relação morfologia-sintaxe, possibilitando uma melhor compreensão da representação sintática do significado verbal. Mais precisamente, fundamentei-me na abordagem teórica de Alexiadou, Anagnostopoulou e Schäfer (2015), segundo a qual a alternância causativa é uma alternância de Voice. Esses autores destacam que causativas possuem um Voice ativo que introduz o argumento externo, enquanto anticausativas que apresentam uma morfologia de voz anticausativa instanciam um Voice expletivo onde essa voz é licenciada, divergindo de anticausativas não-marcadas, que não licenciam esse núcleo. Os resultados das análises sobre estrutura argumental dos dois tipos de sentenças anticausativas – não marcadas e marcadas morfologicamente – na língua Guajajára mostram as seguintes conclusões principais: i) a estrutura do vP permanece a mesma em anticausativas marcadas e não marcadas; ii) a estrutura vP de anticausativas marcadas e não marcadas possui um núcleo v, o qual atesta a causativização dessas sentenças; iii) o morfema de voz anticausativa {ze-} não faz parte da projeção vP e, devido a isso, assumo que o referido morfema é licenciado em uma projeção VoiceP expletiva, com propriedade defectiva. Já a análise do sincretismo reflexivo-anticausativo nos permitiu verificar que, embora marque voz reflexiva e voz anticausativa, respectivamente, o morfema {ze-} tem comportamentos sintático e semântico diferentes em cada tipo de estrutura, ou seja, nas reflexivas tem-se um Voice que projeta um argumento externo, enquanto em anticausativas esse Voice é defectivo que e, por isso, não projeta um argumento externo, resultando em um núcleo expletivo.

Palavras-chave: alternância causativa; sentenças anticausativas; língua Tenetehára-Guajajára; sintaxe; morfologia.

## ABSTRACT

This dissertation aims to investigate the syntactic behavior in anticausatives that appear in the causative alternation pair in Tenetehára-Guajajára, which is a language belonging to the Tupí-Guaraní family. We identified that this language presents unmarked anticausative sentences in its morphology, as well as anticausatives marked through the prefix {ze-}, which indicates anticausative voice. This morpheme can also indicate reflexive sentences, in which it acts as a reflexivizer. In this scope, we propose that anticausatives in Tenetehára-Guajajára present two basic syntactic structures, as follows: i) one formed from  $\nu$ P projection and a VoiceP expletive projection to represent anticausatives marked by {ze-}, and ii) one formed only by a  $\nu$ P projection to represent morphologically unmarked anticausatives. In this study, we adopt theoretical assumptions from Distributed Morphology that allow an approach on the morphology-syntax relationship, enabling a better understanding of the syntactic representation of the verbal meaning. More precisely, we are grounded in Alexiadou, Anagnostopoulou e Schäfer (2015)'s assumptions, according to which causative alternation is an alternation in Voice. These authors highlight that causatives have active Voice introducing the external argument, while anticausatives with anticausative voice morphology instantiate expletive Voice where it is licensed, diverging from unmarked anticausatives, that do not license this head. The results from the argument structure analysis of the two kinds of anticausative sentences – morphologically marked and unmarked – in Guajajára show the following conclusions: i) the  $\nu$ P structure stays the same in marked and unmarked anticausatives; ii) the  $\nu$ P structure of marked and unmarked anticausatives has a  $\nu$  head, which attests the causativization of these sentences; and iii) the morpheme of anticausative Voice {ze-} is not part of the  $\nu$ P projection and, because of this, we assume that such morpheme is licensed in an expletive VoiceP projection, with defective property. On the other hand, the analysis of the reflexive-anticausative syncretism allowed us to verify that, even though it marks reflexive voice and anticausative voice, respectively, the morpheme {ze-} has different syntactic and semantic behaviors in each structure. In other words, in reflexives, we have Voice projecting external argument, while this same Voice is defective in anticausatives and, because of this, does not project external argument, resulting in an expletive head.

Keywords: causative alternation; anticausative sentences; Tenetehára-Guajajára language; syntax; morphology.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa de dispersão “Tenetehára” entre Maranhão e Pará.....	27
Figura 2 – Mapa de dispersão Tenetehára-Guajajara no Maranhão.....	29
Figura 3 – Arquitetura da gramática na MD.....	59
Organograma 1 – Tronco Tupí.....	31
Organograma 2 – Subgrupos da família Tupí-Guaraní.....	32

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Segmentos consonantais da língua Tenetehára-Guajajara.....	38
Quadro 2 – Segmentos vocálicos da língua Tenetehára-Guajajara.....	38
Quadro 3 – Primeiro e segundo paradigmas de concordância verbal.....	44
Quadro 4 – Partículas aspectuais do Guajajara.....	49
Quadro 5 – Construções sintáticas com verbos de alternância.....	83

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AC	Morfema anticausativo
ACT	Morfologia ativa
AG	Agente
ASP	Aspecto
C	Prefixo relacional para marcar adjacência de complemento
CAUS	Morfema causativo
DIM	Diminutivo
DEM	Demonstrativo
DP	Determinante
FUT	Futuro
INTS	Intensificador
INCL	Inclusivo
MD	Morfologia Distribuída
NACT	Morfologia não ativa
NEG	Morfema de negação
NOM	Sufixo nominalizador
PASS	Passado
PERF	Perfectivo
PL	Plural
PP	Sintagma preposicionado
PRES	Presente
PRO	Pronome anafórico
PSP	Posposição
R	Morfema relacional
REC	Morfema de voz recíproca
RED	Morfema reduplicativo
REFL	Morfema de voz reflexiva
REM	Passado remoto
RLZ	Aspecto realizado
SG	Singular
TP	Sintagma temporal
TRANSL	Caso translativo
V	Verbo
VP	Sintagma verbal
1	Primeira pessoa
3	Terceira pessoa
=	Fronteira de clítico

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1:</b> .....	14
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	14
<b>1.1 APRESENTAÇÃO DA PESQUISA</b> .....	14
<b>1.2 OBJETIVOS DA PESQUISA</b> .....	17
<b>1.3 METODOLOGIA DA PESQUISA</b> .....	18
<b>1.3.1 INFORMANTES E CORPUS DA PESQUISA</b> .....	18
<b>1.4 PROCEDIMENTOS DE COLETA E ANÁLISE DE DADOS</b> .....	19
<b>1.5 ORGANIZAÇÃO DA TESE</b> .....	20
<b>CAPÍTULO 2:</b> .....	25
<b>TENETEHÁRA-GUAJAJÁRA: POVO E LÍNGUA</b> .....	25
<b>2.1 O POVO TENETEHÁRA-GUAJAJÁRA</b> .....	25
<b>2.2 A LÍNGUA TENETEHÁRA-GUAJAJÁRA</b> .....	29
<b>2.2.1 A SITUAÇÃO SOCIOLINGÜÍSTICA DOS TENETEHÁRA-GUAJAJÁRA NO MARANHÃO</b> .....	33
<b>2.2.2 SISTEMA FONÊMICO E ORTOGRÁFICO DA LÍNGUA TENETEHÁRA- GUAJAJÁRA</b> .....	36
<b>2.2.2.1 FONEMAS CONSONANTAIS E VOCÁLICOS</b> .....	36
<b>2.2.2.2 ORTOGRAFIA</b> .....	38
<b>2.2.3 A MORFOSSINTAXE VERBAL EM TENETEHÁRA</b> .....	40
<b>2.2.3.1 ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO VERBO</b> .....	40
<b>2.2.3.2 CLASSES DE VERBOS</b> .....	49
<b>2.2.2.2.1 VERBOS TRANSITIVOS</b> .....	50
<b>2.2.2.2.2 VERBOS INTRANSITIVOS ATIVOS</b> .....	51
<b>2.2.2.2.3 VERBOS INTRANSITIVOS NÃO-ATIVOS</b> .....	52
<b>2.3 RESUMO DO CAPÍTULO</b> .....	53
<b>CAPÍTULO 3:</b> .....	55
<b>APORTE TEÓRICO</b> .....	55
<b>3.1 ESCOPO TEÓRICO SOBRE A ESTRUTURA DE EVENTOS: MORFOLOGIA DISTRIBUÍDA</b> .....	56
<b>3.2 ABORDAGEM PARA O TRATAMENTO DA ALTERNÂNCIA CAUSATIVA</b> .....	66
<b>3.2.1 O QUE É ALTERNÂNCIA CAUSATIVA?</b> .....	66
<b>3.2.2 PROPOSTA DE ALEXIADOU, ANAGNOSTOPOLOU E SCHÄFER (2006) E SCHÄFER (2008)</b> .....	71

<b>3.2.3 PROPOSTA DE ALEXIADOU, ANAGNOSTOPOLOU E SCHÄFER (2015)</b>	81
<b>3.3 RESUMO DO CAPÍTULO</b>	94
<b>CAPÍTULO 4:</b>	97
<b>A SINTAXE DAS CAUSATIVAS E ANTICAUSATIVAS</b>	97
<b>4.1 CAUSATIVAS</b>	99
<b>4.1.1 CAUSATIVAS EM TENETEHÁRA-GUAJAJÁRA</b>	105
<b>4.2 ANTICAUSATIVAS</b>	109
<b>4.2.1 ANTICAUSATIVAS EM TENETEHÁRA-GUAJAJÁRA</b>	117
<b>4.3 RESUMO DO CAPÍTULO</b>	122
<b>CAPÍTULO 5:</b>	123
<b>CONSTRUÇÕES REFLEXIVAS</b>	123
<b>5.1 REFLEXIVAS</b>	124
<b>5.1.1 REFLEXIVAS EM TENETEHÁRA-GUAJAJÁRA</b>	128
<b>5.2 O SINCRETISMO ENTRE REFLEXIVAS E ANTICAUSATIVAS</b>	134
<b>5.3 RESUMO DO CAPÍTULO</b>	142
<b>CAPÍTULO 6:</b>	145
<b>PROPOSTA TEÓRICA</b>	145
<b>6.1 A PROJEÇÃO V-CAUSE NAS ANTICAUSATIVAS</b>	149
<b>6.1.1 TESTES DE CAUSATIVIZAÇÃO</b>	153
<b>6.1.1.1 LICENCIAMENTO DE ADJUNTOS DE CAUSA</b>	154
<b>6.1.1.2 LICENCIAMENTO DAS LEITURAS REPETITIVA E RESTITUTIVA</b>	155
<b>6.2 O NÚCLEO VOICE NAS ANTICAUSATIVAS</b>	163
<b>6.4 RESUMO DA PROPOSTA TEÓRICA</b>	178
<b>6.5 RESUMO DO CAPÍTULO</b>	181
<b>CAPÍTULO 7:</b>	184
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	184
<b>REFERÊNCIAS</b>	189

**PARTE I**  
**ORGANIZAÇÃO DA TESE**

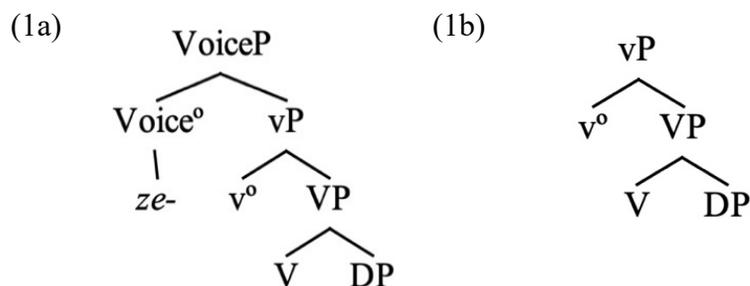
## CAPÍTULO 1: INTRODUÇÃO

---

### 1.1 APRESENTAÇÃO DA PESQUISA

Esta tese investiga a alternância causativa na língua Tenetehára-Guajajára, seguindo principalmente os pressupostos teóricos de Alexiadou, Anagnostopoulou e Schäfer (2015). A hipótese que lanço é a de que a alternância causativa provém não de uma relação derivacional entre duas sentenças – uma transitiva e outra intransitiva –, mas de derivações sintáticas em que há uma raiz como elemento comum em ambas.

O foco central do estudo no âmbito da alternância causativa concentra-se em investigar o comportamento sintático das sentenças anticausativas. Assumo como principal hipótese que as anticausativas da língua Tenetehára-Guajajára apresentam duas estruturas sintáticas, tal como delineadas pelas estruturas arbóreas abstratas mostradas a seguir:



Note-se que as estruturas sintáticas delineadas acima diferem pela presença *versus* ausência da marca morfológica {ze-}, a qual é afixada ao verbo. Nesse caso, as sentenças representadas pela estrutura em (1a) apresentam uma projeção de Voice expletiva, assim considerada por não introduzir uma variável de argumento externo para o evento expresso pelo verbo, na qual a voz anticausativa vem realizada pelo prefixo {ze-}, enquanto as sentenças anticausativas contempladas pela estrutura em (1b) não apresentam nenhuma marca morfológica extra.

A estrutura do evento contida na camada vP das sentenças anticausativas marcadas e não marcadas permanece igual. Ademais, a marcação morfológica realizada por meio do prefixo {ze-} licenciada pela projeção de Voice expletiva para anticausativas marcadas parece não gerar diferenças semânticas entre as duas estruturas anticausativas dessa língua.

Outra hipótese que levanto nesta tese é a de que sentenças anticausativas na língua Tenetehára-Guajajára possuem um núcleo  $v_{\text{cause}}$  em sua estrutura. Nesse caso, sustento que essas sentenças anticausativas compartilham a mesma propriedade de causativização das sentenças causativas. Dessa forma, quanto à decomposição de eventos, apresentam uma camada de processo e uma de resultado do evento; o que atesta sua causativização.

Este trabalho também examina de forma breve o sincretismo do morfema {*ze-*} compartilhado entre as construções anticausativas e as reflexivas da língua em estudo. A hipótese que desenvolvo para explicar o motivo pelo qual verbos anticausativos e verbos reflexivos compartilham essa mesma marca morfológica é a de que tais predicados são sintaticamente transitivos, mas ambos possuem um argumento que é reduzido. Nesse caso, ambas as construções tomam um argumento DP que não apresenta traços- $\phi$  de número para serem valorados durante a derivação.

Nesta tese assume-se a linha de pesquisa segundo a qual o comportamento verbal é analisável com base nas combinações estruturais que ocorrem na sintaxe. Nesse sentido, adoto os pressupostos teóricos da Morfologia Distribuída que permitiram uma abordagem pautada na relação morfologia-sintaxe, possibilitando uma melhor compreensão da representação sintática do significado verbal. De acordo com esse modelo gerativo, as combinações estruturais dos verbos envolvem um significado lexical central – a raiz – e algumas camadas funcionais tais como VoiceP, responsável pela introdução do argumento externo e  $v$ P que introduz os eventos. Mais precisamente, nesta pesquisa interessa-nos utilizar a proposta da Morfologia Distribuída para explicar a estrutura sintática dos verbos de mudança de estado que passam pela alternância causativa na língua Tenetehára-Guajajára.

## 1.2 OBJETIVOS DA PESQUISA

O objetivo geral dessa pesquisa é investigar as propriedades e as condições de licenciamento de sentenças anticausativas marcadas morfologicamente pelo morfema {ze-} e não marcadas que figuram na alternância causativa da língua Tenetehára-Guajajára. Para esse intuito, temos por objetivo fornecer uma resposta unificada para os seguintes objetivos específicos, a saber:

- ✓ Explicar o comportamento dos verbos causativos e anticausativos em contextos da alternância causativa;
- ✓ Identificar as possíveis semelhanças e diferenças sintáticas e semânticas entre sentenças anticausativas marcadas e não marcadas;
- ✓ Analisar as propriedades do núcleo Voice presente em anticausativas marcadas pelo morfema de voz anticausativa {ze-};
- ✓ Examinar as propriedades distintivas dos verbos anticausativos marcados e não marcados nas sentenças em que estes figuram ora marcados pelo morfema causativo {ze-}, ora sem a marca;
- ✓ Proceder a uma análise comparativa entre o morfema anticausativo {ze-} anticausativo e seu sincrético {ze-} reflexivo;

### **1.3 METODOLOGIA DA PESQUISA**

Nesta seção apresento a metodologia utilizada na elaboração desta pesquisa de doutorado. *A priori* destaco os colaboradores que auxiliaram na produção do material linguístico do Tenetehára-Guajajara e, em seguida, discorro sobre os procedimentos utilizados na coleta e na análise dos dados.

#### **1.3.1 INFORMANTES E *CORPUS* DA PESQUISA**

Os colaboradores da pesquisa são indígenas moradores da Terra Indígena (TI) Arariboia, município de Amarante no Maranhão, e da Terra Indígena (TI) Rio Pindaré, município de Bom Jardim, ambas localizadas no estado do Maranhão. Tais colaboradores são todos falantes bilíngues (Tenetehára-Guajajara / Português), do sexo masculino e feminino, com idade entre 20 e 60 anos. É importante ressaltar que todos os informantes que colaboraram com a pesquisa têm o Tenetehára como primeira língua, têm conhecimento da escrita de ambas as línguas e auxiliaram diretamente na transcrição de dados.

O *corpus* de análise consistiu, pois, em dados linguísticos coletados em situações de interação diversas do cotidiano da comunidade indígena e por meio de entrevistas e elicitación de sentenças envolvendo esses falantes.

#### 1.4 PROCEDIMENTOS DE COLETA E ANÁLISE DE DADOS

Para concretização desta pesquisa, além do estudo bibliográfico, foi feita a coleta de dados linguísticos em campo nas comunidades em que moram os falantes Guajajára nos meses de dezembro de 2019 e dezembro de 2021. Além do trabalho em campo, também foram feitas coletas de dados por meio de tecnologia virtual com uso de plataformas como *Teams* e *Whatsapp*, no período de maio a dezembro de 2022 com informantes das mesmas terras indígenas.

Em vista disso, para viabilizar essa coleta de dados, utilizaram-se algumas técnicas descritas a seguir:

- ✓ Produção de sentenças em Tenetehára-Guajajára a partir da formulação prévia de contextos situacionais: por meio dessa técnica, os falantes foram solicitados a produzirem sentenças na língua Guajajára a partir de um contexto situacional, como um relato de uma situação hipotética ou narração de um caso, entre outros, apresentados pela pesquisadora;

- ✓ Testes de aceitabilidade: essa técnica consistiu em apresentar algumas sentenças aos informantes para que estes julgassem se são estruturas aceitas ou não de acordo com o uso da língua;
- ✓ Produção de relatos: os falantes indígenas foram solicitados a contar fatos vivenciados no seu cotidiano. Com essa técnica, foram obtidos textos e sentenças produzidos espontaneamente, os quais foram transcritos e analisados posteriormente.

Para formulação e registro do banco de dados da língua, foram feitas algumas gravações de fala em interação e das entrevistas realizadas com os informantes. Em seguida, procedeu-se com a observação sistemática, descrição e análise das sentenças que passam pela alternância causativa.

## 1.5 ORGANIZAÇÃO DA TESE

Esta tese está organizada em **7 capítulos**. Na sequência da introdução, apresento o **capítulo 2**, no qual é feita uma explanação sobre o povo Tenetehára-Guajajara, sobre a sua língua materna, destacando aspectos como fonologia, ortografia e morfossintaxe verbal e sobre a situação sociolinguística em que se encontra esse povo atualmente.

No **capítulo 3** apresento o aporte teórico que serviu de subsídio para fundamentar a análise da alternância causativa na língua Tenetehára-Guajajára. Inicialmente, no item 3.1 apresento os pressupostos teóricos da Morfologia Distribuída, cujo modelo gerativo é utilizado como embasamento para o estudo das sentenças causativas, anticausativas e reflexivas do Guajajára. Em seguida, no item 3.2 discuto sobre a definição de alternância causativa e, na sequência, traço um percurso sobre abordagem sintática de Alexiadou, Anagnostopoulou e Schäfer (2006; 2015), a qual postula que ambas as variantes, transitiva e intransitiva, que formam um par de verbos de alternância causativa derivam de uma base comum, qual seja, a raiz. Para esses autores, a alternância causativa constitui uma alternância de tipos de Voice, isto é, estruturas causativas licenciam um Voice ativo, estruturas anticausativas marcadas morfologicamente possuem um Voice com característica expletiva e as anticausativas não marcadas não licenciam esse núcleo Voice.

O **capítulo 4** é destinado à apresentação dos dados da língua Tenetehára-Guajajára sobre as sentenças causativas e anticausativas e subdivide-se em duas subseções. Na subseção 4.1 apresento os dados de sentenças causativas da língua, seguindo a classificação tipológica segundo Comrie (1989). Na subseção 4.2 destaco as sentenças anticausativas marcadas

morfológicamente e as não marcadas, de acordo com a tipologia de Alexiadou, Anagnostopolou e Schäfer (2015) e Schäfer (2008).

O **capítulo 5** apresenta os dados de sentenças reflexivas na língua Tenetehára-Guajajára. A princípio, na subseção 5.1, discorro sobre a caracterização geral de sentenças reflexivas; na subseção 5.1.1. apresento os dados sobre reflexivas marcadas morfológicamente pelo morfema reflexivizador {ze-} e não marcadas morfológicamente. Nesse capítulo destaco, ainda, na subseção 5.2, uma breve análise do sincretismo presente entre sentenças reflexivas e anticausativas, as quais compartilham o mesmo morfema {ze-} junto à raiz verbal para marcar as respectivas vozes reflexiva e anticausativa.

No **capítulo 6** delinéo a proposta teórica sobre as sentenças anticausativas que fazem parte análise da alternância causativa na língua Tenetehára-Guajajára. Para fundamentar essa proposta, adoto os pressupostos teóricos de Alexiadou, Anagnostopolou e Schäfer (2015) sobre a alternância causativa se caracterizar como uma alternância de Voice. No contexto da alternância causativa, destaco como foco de estudo as sentenças anticausativas na língua Guajajára, examinando sua estrutura, a tipologia e o comportamento sintático junto ao seu par alternante. Proponho, assim, para essas sentenças duas estruturas diferentes, a saber: (i) uma projeção vP para as anticausativas não

marcadas; (ii) uma projeção Voice expletiva adicionada a uma projeção vP para as anticausativas marcadas por meio do prefixo {ze-}.

Finalizo com o **capítulo 7**, no qual exponho algumas considerações sobre o estudo das sentenças anticausativas marcadas morfologicamente e não marcadas do Tenetehára-Guajajára.

O presente trabalho é um estudo formal sobre a alternância causativa na língua Tenetehára-Guajajára sob a perspectiva da teoria gerativa, com destaque para a investigação das sentenças anticausativas. Essa abordagem possibilitará, portanto, o aprofundamento das peculiaridades de uma tipologia de sentenças dessa língua que faz parte da família linguística Tupí-Guaraní. Ademais, ao propiciar uma análise teórica da língua Tenetehára-Guajajára, este trabalho poderá também contribuir com o processo de revitalização, preservação e promoção da língua Guajajára e poderá auxiliar as demais pesquisas linguísticas dessa área, realizadas por linguistas brasileiros e por estudantes e professores da etnia Guajajára.

**PARTE II**  
**POVO E LÍNGUA**

## **CAPÍTULO 2:**

### **TENETEHÁRA-GUAJAJÁRA: POVO E LÍNGUA**

---

Este capítulo tem por objetivo apresentar considerações sobre o povo Tenetehára-Guajajára, habitante das terras indígenas localizadas no estado do Maranhão e sobre a sua língua materna. A língua Tenetehára-Guajajára faz parte da família linguística Tupí-Guaraní e pertence ao tronco Tupí.

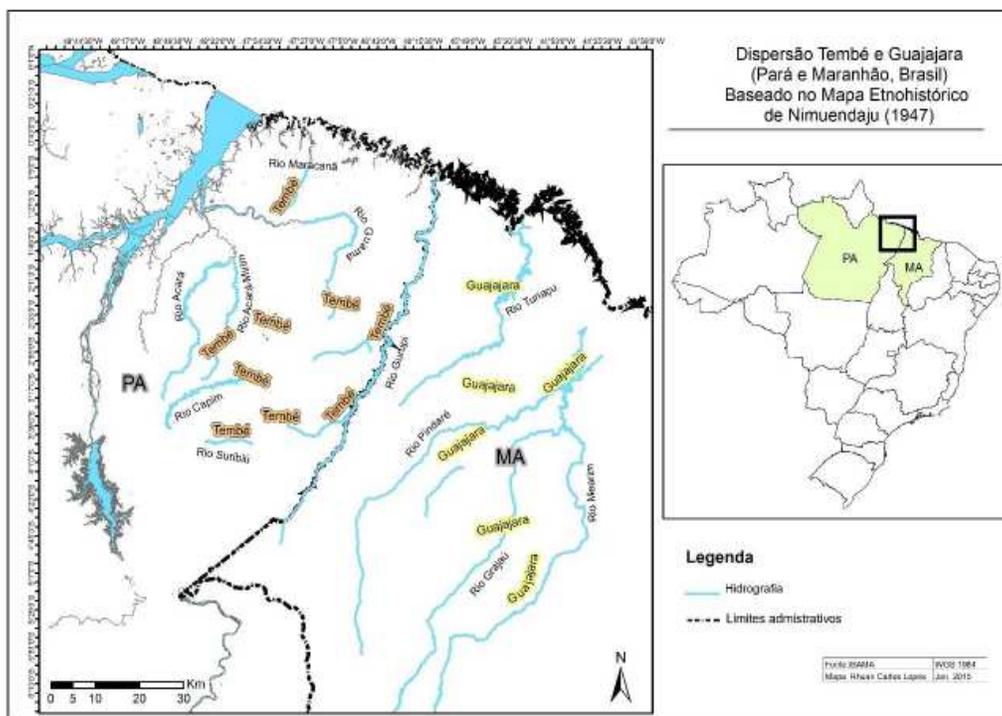
O capítulo está organizado em 3 seções. Na seção 2.1 discorro sobre o povo Guajajára e o contexto histórico-social de sua formação e dispersão no estado do Maranhão. Na seção 2.2 apresento uma caracterização sobre a língua Tenetehára-Guajajára, destacando aspectos como: a sua origem, a classificação quanto ao tronco e a família linguística, a situação sociolinguística em que se encontra o povo Guajajára no Maranhão, características do seu sistema fonêmico e ortográfico atuais e sobre a morfossintaxe do verbo. Na seção 2.3 elaboro o resumo do capítulo.

#### **2.1 O POVO TENETEHÁRA-GUAJAJÁRA**

Juntamente com os Tembé, os Guajajára formam um único povo (os Tenetehára) que anteriormente habitava a região do vale do rio Pindaré. Por volta

dos anos de 1850, uma parte deles se mudou para o oeste, em direção ao vale dos rios Guamá e Pará, no estado do Pará. Esse grupo passou a ser denominado Tembê. Em suma, os Tenetehára se subdividem em dois subgrupos do mesmo povo, a saber: os Guajajara, no estado do Maranhão, e os Tembê, no estado do Pará. O mapa a seguir indica a distribuição geográfica das várias terras indígenas em que a população Tenetehára vive nesses dois estados:

**Figura 1.** Mapa de dispersão “Tenetehára” entre Maranhão e Pará



Fonte: Lopes (2016)

Os Guajajara são um dos povos indígenas mais numerosos do Brasil. Falam a variedade linguística Tenetehára-Guajajara e se autodenominam Tentehar<sup>1</sup>. Habitam mais de dez terras indígenas situadas na região central do Maranhão, em localidades próximas aos rios Pindaré, Mearim, Grajaú e Zitiua.

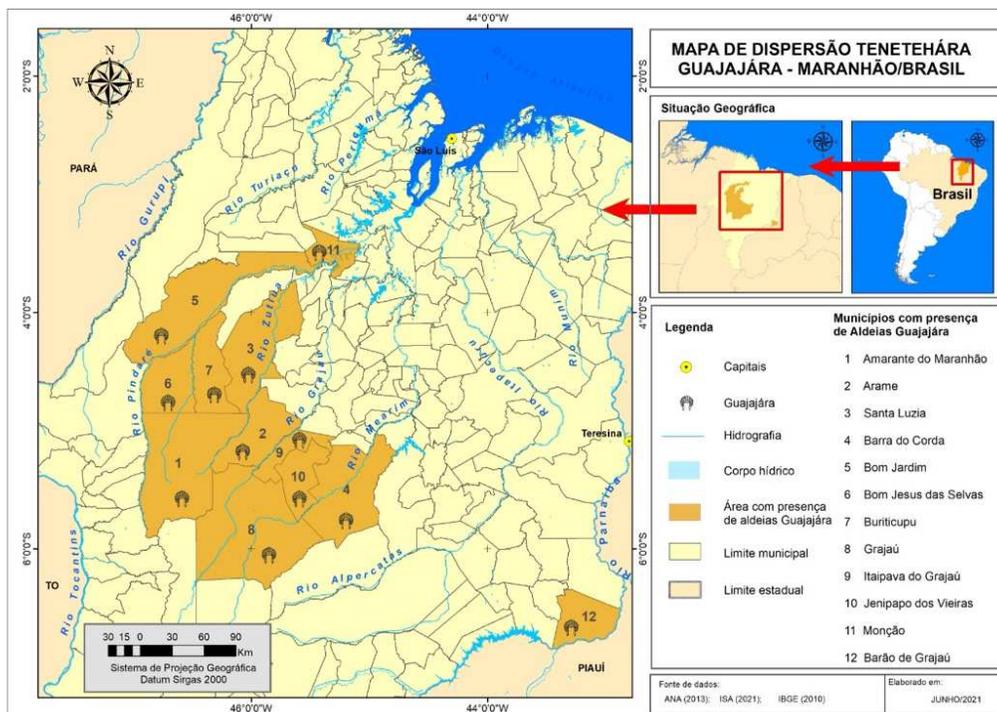
As terras indígenas (TI) Guajajara registradas atualmente e os respectivos municípios onde estão situadas são: Araribóia (Amarante, Grajaú e Santa Luzia); Bacurizinho (Grajaú); Canabrava (Barra do Corda e Grajaú); Caru (Bom Jardim); Governador (Amarante); Lagoa Comprida (Barra do Corda); Morro Branco (Grajaú); Rio Pindaré (Bom Jardim e Monção); Rodeador (Barra do Corda) e Urucu-Juruá (Grajaú).

A seguir apresento o mapa de dispersão somente do povo Tenetehára-Guajajara do estado do Maranhão para melhor visualização dos municípios onde se localizam as terras indígenas Guajajara:

---

<sup>1</sup> *Tentehar* é a forma falada pelos indígenas Guajajara. Constitui a mesma denominação que a literatura de línguas indígenas no Brasil grafava como Tenetehára.

**Figura 2.** Mapa de dispersão Tenetehára-Guajajara no Maranhão



Fonte: Produção própria (2020)

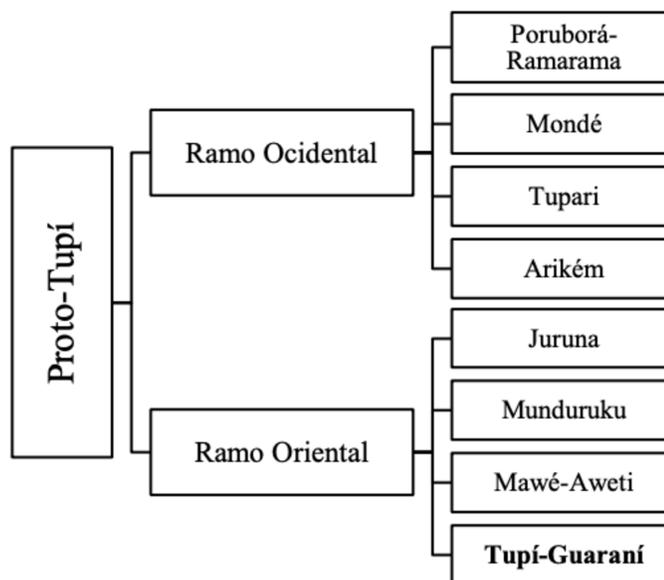
A dispersão de um povo por diferentes localidades leva conseqüentemente à diversidade linguística. A situação sociolinguística dos Guajajara é resultante do contato dessa língua com outras línguas, especialmente o Português. Assim, a variedade Tenetehára-Guajajara tem suas particularidades fonéticas, morfossintáticas, semânticas e lexicais que foram sendo estabelecidas ao longo do seu processo de construção histórico, social e cultural, como será visto na seção seguinte.

## 2.2 A LÍNGUA TENETEHÁRA-GUAJAJÁRA

As línguas indígenas, assim como a diversidade de línguas do mundo, diferem entre si por suas características fonológicas, morfológicas, sintáticas, semânticas e lexicais. Contudo, é por apresentarem semelhanças na origem e nos aspectos linguísticos que a literatura das línguas indígenas organiza o agrupamento destas em famílias e troncos linguísticos.

No cerne das línguas indígenas brasileiras, são reconhecidos dois grandes troncos linguísticos – o Tupí e o Macro-Jê -, 19 famílias que não apresentam taxas de semelhanças suficientes para serem agrupadas em troncos, além de famílias de apenas uma língua, as quais são denominadas línguas isoladas (DUARTE, 2007).

O Tronco Tupí subdivide-se em dois ramos linguísticos, o ocidental e o oriental. Esses dois ramos, por sua vez, subdividem-se em famílias linguísticas organizadas da seguinte forma:

**Organograma 1: Tronco Tupí**

Fonte: adaptado de RODRIGUES, 1985 e 1986; CABRAL, 2002; DIETRICH, 2010

Além dessas famílias citadas, existem também as línguas isoladas que, por não possuírem semelhanças entre si e com outras línguas indígenas brasileiras, não são agrupadas em famílias linguísticas.

Em consonância com Duarte (2016), o Tronco Tupí tem grande importância pelo fato de ser um dos maiores agrupamentos linguísticos da América do Sul. As línguas da família Tupí-Guaraní, em particular, encontram-se bastante distribuídas pela América do Sul, em que há línguas situadas desde a Guiana até a Argentina, por um lado, e da Bolívia ao litoral do Brasil, por outro.

A família Tupí-Guaraní agrupa-se em oito subconjuntos<sup>2</sup>, subdivididos conforme características fonológicas e/ou gramaticais que as línguas compartilham entre si. A seguir tem-se o organograma sobre a família Tupí-Guaraní e seus subgrupos de línguas organizado a partir de Rodrigues (1985; 1986) e Dietrich (2010):

**Organograma 2:** Subgrupos da família Tupí-Guaraní

Família Tupí-Guaraní							
Ramo I	Ramo II	Ramo III	Ramo IV	Ramo V	Ramo VI	Ramo VII	Ramo VIII
Guarani antigo Guarani Mbyá Xetá Nandeva Kaiwá Guarani paraguaio Guayaki Tapieté Chiriguano (Guarani da Bolívia) Izoceño	Guarayu Sirionó Jora (Bolívia) Cocama Cocamila Omagua	Tupinambá Língua Geral Paulista Nheengatu (Língua Geral Amazônica)	Assurini Tapirapé Ava Canoeiro Suruí Parakanã Guajajara Tembé	Kayabi Assurini Xingu Araweté	Parintintin Tupí-Kawahid Apiaká	Kamaiurá	Takunyapé Emerrillon Ka'apor Wayampi Amanayé Anambé Turiwara Guajá

Fonte: adaptado de RODRIGUES (1985; 1986) e DIETRICH, 2010

<sup>2</sup> Para conhecimento dos subgrupos da família Tupí-Guaraní, ver Rodrigues (1985).

Consoante Rodrigues (1986), a família linguística Tupí-Guaraní está distribuída em grande extensão territorial, de norte a sul no continente americano. Hoje se falam línguas dessa família no Maranhão, Pará, Amapá, Amazonas, Rondônia, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Goiás, São Paulo, Paraná, Santa Catarina, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Espírito Santo, assim como fora do Brasil. E em todos esses lugares essas línguas mostram-se pouco diferenciadas.

A língua Tenetehára pertence à família linguística Tupí-Guaraní e está afiliada ao tronco Tupí. Juntamente com outras línguas com as quais possui semelhanças, o Tenetehára pertence ao subconjunto IV que tem a seguinte composição: Assuriní (do Tocantins), Tapirapé, Avá (Canoeiro), Parakanã, Suruí (do Pará), Tenetehára-Guajajara e Tenetehára-Tembé.

De acordo com Rodrigues (1986), a língua Tenetehára possui dois dialetos, o Guajajara e o Tembé, os quais são falados em localidades distintas, quais sejam, nos estados do Maranhão e do Pará, respectivamente. É uma das duas línguas Tupí-Guaraní mais populosas do Brasil, ao lado do Kaiwá.

O Tenetehára dividiu-se em dois dialetos ou línguas (Guajajara e Tembé) quando parte de seus falantes migrou do estado do Maranhão, onde foram localizados pela primeira vez, para o estado do Pará. Contudo, nessa

pesquisa estudamos a língua Tenetehára falada pelo povo Guajajára, considerando as particularidades dessa variedade.

### **2.2.1 A SITUAÇÃO SOCIOLINGUÍSTICA DOS TENETEHÁRA-GUAJAJÁRA NO MARANHÃO**

O povo Guajajára mantém contato com a sociedade envolvente há cerca de 400 anos e, assim como ocorreu com os demais povos indígenas, a convivência nem sempre tem sido harmoniosa, principalmente no período da colonização. Isso porque, durante muito tempo, a situação de contato entre as línguas indígenas e o português se deu de forma impositiva, incorrendo, portanto, no desaparecimento de muitas delas, conquanto se pode ver na história da formação do povo brasileiro.

Atualmente, os Guajajára e a população não indígena convivem com suas respectivas línguas por conta de necessidades econômicas, sociais e políticas que o contato entre esses povos demanda e, devido a isso, a sua língua materna vem sendo substituída pelo português. Dessa forma, a necessidade constante de manter as relações com o comércio e instituições diversas fora das aldeias, dentre outros, têm contribuído para a atual situação sociolinguística do povo Guajajára.

Do ponto de vista sociolinguístico, a comunidade Guajajára pode ser considerada como bilíngue, pois a maioria dos falantes utiliza as duas línguas, Tenetehára-Guajajára e Português, em situações contextuais variadas na comunidade indígena ou em ambientes externos a ela.

Corroborando o conceito de bilinguismo, postulado por Weinreich (1953, p. 1), como “a prática de usar alternadamente duas línguas”, os Guajajára são falantes bilíngues por terem desenvolvido a competência linguística de usar as duas línguas em função das relações sociais mantidas entre esses falantes.

Os longos anos de contato linguístico com o português como segunda língua tornou grande parte dos habitantes da comunidade Guajajára falantes bilíngues. Essa relação de diglossia mantida entre as línguas resultou em diferentes níveis de bilinguismo entre os indígenas, bem como, em uma série de interferências tanto na língua materna quanto no português falado por eles.

Não obstante, o bilinguismo subtrativo Português-Tenetehára tem levado a língua materna ao risco de extinção, pois grande parte dos indígenas falam principalmente português constantemente tanto fora quanto dentro da comunidade. Há casos também nas aldeias de muitas pessoas monolíngues em português, principalmente falantes de faixa etária mais jovem e crianças, os quais passam por um processo de educação escolar bilíngue nas escolas indígenas e/ou não são ensinados cotidianamente pelos mais velhos em casa.

Dessa maneira, o uso da língua Tenetehára-Guajajára por seu povo tem se restringido ao espaço das aldeias em eventos cotidianos de forma bastante reduzida, dependendo dos falantes de cada Terra Indígena, considerando que a realidade linguística em cada localidade diverge. O número de falantes bilíngues e monolíngues varia muito de uma TI para outra ou mesmo entre as aldeias de uma mesma TI.

Este trabalho limita seu campo de pesquisa às TIs Arariboia e Rio Pindaré. No que tange ao aspecto sociolinguístico das variedades do Guajajára faladas nas respectivas TIs, podem ser observadas algumas variações linguísticas de acordo com os níveis fonético, morfossintático e lexical, considerando principalmente as dimensões **diatópica** (diferenças de fala entre uma TI e outra), **diagenérica** (diferenças de fala masculina e feminina) e **diageracional** (diferenças de fala consoante com a idade ou geração dos falantes dentro das comunidades). Para um estudo detalhado sobre aspectos da fonologia, remeto o leitor ao artigo de Duarte, Menezes e Silva (2022), publicado na Revista Brasileira de Linguística Antropológica, no qual é feita uma análise da variação do fonema /z/ na língua Tenetehára, correlacionado com o parâmetro social diatópico.

É válido ressaltar que um estudo mais aprofundado nas diferentes dimensões sociais sobre as variações que ocorrem no Guajajára permitiria

visualizar a riqueza da diversidade linguística que essa língua possui. Todavia, nessa pesquisa não me atendo a essa discussão sobre variação. O escopo desse estudo diz respeito ao exame da alternância causativa na referida língua, conforme se pode verificar nas seções de fundamentação teórica e análise de sentenças anticausativas. Um trabalho futuro deverá ter como escopo a análise da variação linguística na língua Guajajára em diferentes aspectos.

### **2.2.2 SISTEMA FONÊMICO E ORTOGRÁFICO DA LÍNGUA TENETEHÁRA-GUAJAJÁRA**

Nesta seção apresento sucintamente a organização fonêmica e ortográfica da língua Tenetehára-Guajajára. Primeiramente demonstro o quadro fonêmico dos sons consonantais e vocálicos e, em seguida, apresento os grafemas que compõem o sistema ortográfico dessa língua.

#### **2.2.2.1 FONEMAS CONSONANTAIS E VOCÁLICOS**

O sistema fonêmico da língua Guajajára é composto por 21 fonemas, dos quais 14 são fonemas consonantais e 7 são fonemas vocálicos. Em conformidade com Duarte (2007), contabilizam-se 21 fonemas da língua,

excluindo-se os segmentos consonantais e vocálicos que constituem variantes de fonemas.

A seguir arrola dois quadros para demonstrar, respectivamente, o sistema consonantal e vocálico do Guajajára:

**Quadro 1.** Segmentos consonantais da língua Tenetehára-Guajajára

	Bilabial	Alveolar	Velar	Velar	Glotal
Oclusivas	p	t	k	k <sup>w</sup>	ʔ
Fricativas		s z			
Vibrantes Simples		r			
Nasais	m	n	ŋ	ŋ <sup>w</sup>	
Glides	w				h

Fonte: Adaptado de Duarte (2007)

**Quadro 2.** Segmentos vocálicos da língua Tenetehára-Guajajára

	Anterior	Central	Posterior
Alta	i	ɨ	u
Média	e	ɘ	o
Baixa	a		

Fonte: Duarte (2007)

O quadro 1 contém os 14 fonemas consonantais da língua. Vale ressaltar que dentre esses fonemas dois apresentam variantes alofônicas que merecem destaque, quais sejam: i) /s/, que apresenta as variações /s/, /tʃ/; e ii) /z/, o qual

tem como variantes /z/, /d/, /ʒ/, /dʒ/ e /h/. O quadro 2 demonstra os sons vocálicos do Guajajára, os quais não apresentam variações com grande realce.

#### 2.2.2.2 ORTOGRAFIA

A ortografia de uma língua é compreendida pelo conjunto de regras que normatizam a forma de escrita de palavras e sinais dessa língua. No tocante às línguas indígenas, a ortografia tem papel central na alfabetização, auxiliando os professores no trabalho com a escrita e a leitura nas comunidades indígenas e os pesquisadores e as pessoas em geral que tenham interesse em aprender essas línguas.

A convenção ortográfica atual utilizada para a língua Tenetehára-Guajajára compreende 21 grafemas, subdivididos em 14 consoantes e sete vogais, a saber:

- i) consoantes: p, t, k, kw, ', m, n, g, gw, z, x, h, r, w
- ii) vogais: a, e, i, o, u, y, à

Como se observa, alguns grafemas dessa língua divergem daqueles que compõem o sistema ortográfico do português. Para facilitar a compreensão do leitor, listaram-se abaixo os grafemas que diferem dos símbolos fonéticos

relacionados nos quadros 1 e 2 da seção anterior, com seu correspondente sistema fonêmico ao lado, seguindo a classificação proposta por Duarte (2007):

### **Grafemas consonantais**

Grafema g: corresponde ao fonema velar /ŋ/;

Grafema gw: correspondente ao fonema labiovelar sonoro /ŋw/;

Grafema z: equivalente ao fonema oclusivo alveolar /d/ e suas variantes fonéticas;

Grafema x: equivale ao fonema fricativo alveolar /ʃ/ e todas as suas variantes fonéticas;

### **Grafemas vocálicos**

Grafema y: corresponde ao fonema vocálico central alto /i/;

Grafema à: equivale ao fonema vocálico central médio /ə/.

Esta ortografia apresentada é usada em diferentes âmbitos em que se recorre à língua Guajajára, como por exemplo, por professores e por alunos nas escolas indígenas localizadas nas comunidades Guajajára, nas igrejas a partir do uso da bíblia escrita na língua e em reuniões formais nas quais se requer o uso

da escrita. É também utilizada na produção de narrativas para confecção de livros paradidáticos, entre outros.

Na seção a seguir será apresentada a estrutura morfológica do verbo na língua Tenetehára-Guajajara seguida de uma tipologia desses verbos para possibilitar ao leitor um entendimento mais acurado do fenômeno da alternância causativa.

### **2.2.3 A MORFOSSINTAXE VERBAL EM TENETEHÁRA**

Nesta tese tem-se como elemento principal de investigação na língua Tenetehára-Guajajara o verbo em suas formas causativa, anticausativa e reflexiva. Tendo isso em conta, essa seção apresenta a estrutura do verbo na língua e as classes em que estes estão agrupados. O objetivo é fornecer um panorama geral sobre a morfossintaxe verbal da língua, de modo que o leitor consiga compreender a proposta teórica que será desenvolvida no capítulo 6.

#### **2.2.3.1 ESTRUTURA MORFOLÓGICA DO VERBO**

A estrutura das formas verbais em Guajajara é constituída a partir da agregação de prefixos e sufixos à raiz do verbo. Esses morfemas que se juntam à raiz nessa língua podem desempenhar diferentes funções, a saber: alteração da

valência verbal, realização da concordância, marcação da negação, incorporação nominal, codificação do aspecto.

Tomando por base a ordem linear na estrutura morfológica do verbo, Camargos (2017) propõe o seguinte paradigma de organização dos afixos verbais na língua Tenetehára-Guajajara:

(2) Negação > concordância > reflexivo > causativo > incorporação > raiz > aspecto > causativo > aspecto > negação

Em conformidade com Camargos (2017), assumimos que os verbos na referida língua podem apresentar todos os prefixos e sufixos relacionados em (2), porém, somente a marca de concordância é obrigatória. Começamos com a análise dos morfemas de negação.

### **Negação verbal**

A negação verbal em Tenetehára-Guajajara dá-se por meio do morfema circunfixal {*na-/n- ... -kwaw*} agregado à raiz, conforme pode-se verificar nos exemplos abaixo:

- |     |  |                       |                         |                     |                 |
|-----|--|-----------------------|-------------------------|---------------------|-----------------|
| (3) | <i>n-u-zapypy-kwaw</i><br>NEG-3-afundar-NEG<br>“O barco não afundou no rio.” | <i>kanu</i><br>barco  | <i>yryhu</i><br>rio     | <i>rupi</i><br>POSP | <i>a'e</i><br>3 |
| (4) | <i>n-u-zuka-kwaw</i><br>NEG-3-matar-NEG<br>“O Fábio não matou a onça.”       | <i>Fábio</i><br>Fábio | <i>zàwàruhu</i><br>onça | <i>a'e</i><br>3     |                 |

### Concordância

A língua Tenetehára-Guajajára apresenta um rico sistema de concordância que se manifesta por meio de prefixos. Com base nos estudos de Duarte (2007)<sup>3</sup>, Camargos (2010) estabeleceu pelo menos dois paradigmas de concordância verbal que podem ser observados no quadro a seguir:

---

<sup>3</sup> Conforme Duarte (2007), os sintagmas nominais na língua Tenetehára-Guajajára não recebem desinências de Caso para distinguir os sintagmas nominais nas funções sintáticas de sujeito e de objeto. Tais funções são codificadas por meio de uma série de prefixos nominativos e absolutivos e por meio de pronomes pessoais que vêm proclíticos aos verbos.

**Quadro 3.** Primeiro e segundo paradigmas de concordância verbal

<b>Pronomes pessoais em português</b>	<b>Pronomes independentes</b>	<b>Primeiro paradigma (AE) Contexto DIRETO</b>	<b>Segundo paradigma (AI) Contexto INVERSO</b>
Eu	ihe	a-	he-
nós <sub>EXCLUSIVO</sub>	ure	uru- ~ oro-	ure-
nós <sub>INCLUSIVO</sub>	zane	xi- ~ za-	zane-
Você	ne	re-	ne-
Vocês	pe	pe-	pe-
ele(s)	a'e (wà)	u- ~ o- ~ w-	i- ~ h-

Fonte: Camargos (2017)

No quadro 3, Camargos (2017) destacou o primeiro e o segundo paradigmas de concordância do Guajajára. A primeira coluna apresenta os pronomes pessoais em português aos quais correspondem aos prefixos em Guajajára. Na segunda coluna, estão inseridos os pronomes pessoais independentes, os quais podem ocupar posições sintáticas de sujeito e de objeto. Já na terceira coluna estão os prefixos de concordância que se referem aos argumentos externos. E por último, na quarta coluna estão arrolados os prefixos de concordância que indicam o argumento interno.

Em critérios descritivos, o primeiro paradigma constitui-se dos prefixos que se referem aos sujeitos de verbos transitivos e sujeitos de verbos intransitivos ativos e pode ser verificado nos exemplos a seguir:

- (5) *Kuzà*      *u-zuhez*      *tàpuz*      *kàpehàmaw*  
 Mulher      3-lavar      casa      dos lados  
 “A mulher lavou a calçada.”
- (6) *Ana*    *o-mog*      *pypehar*      *kwéhèarer*  
 Ana    3-colar      sapato      velho  
 “Ana colou o seu sapato velho com cola superbonder.”
- (7) *Uru-zapo*      *katu*      *Joana*      *h-emy’har*  
 1PL-consertar      bem      Joana      R-roupa  
 “Nós consertamos as roupas da Joana.”

Quanto ao segundo paradigma, estão relacionados os prefixos de concordância que referenciam os objetos de verbos transitivos e os sujeitos de verbos intransitivos inativos (estativos), em concordância com Camargos (2017). Os exemplos que seguem demonstram o segundo paradigma de concordância verbal na língua estudada:

- (8) *he.r-exak*      *ka’i*      *a’e*  
 1SG=C-ver      macaco      3  
 “O macaco me viu.”  
 (CAMARGOS, 2017, p. 95)
- (9) *zane.r-exak*      *ka’i*      *a’e*  
 1INCL=C-ver      macaco      3  
 “O macaco nos viu.”  
 (CAMARGOS, 2017, p. 95)
- (10) *he=r-aku*      *tata*      *r-uwake*      *ihe*  
 1SG-C-quente      fogo      c-perto      1SG  
 “Eu fiquei aquecido perto do fogo.”  
 (CAMARGOS, 2017, p. 98)

## Reflexivo

Em Guajajára, o prefixo reflexivo {ze-} indica as vozes reflexiva, recíproca e anticausativa (CASTRO, 2017). Esse prefixo quando ocorre com verbos transitivos podem diminuir o seu número de argumentos tornando-os intransitivos. Os exemplos abaixo demonstram isso:

### Voz reflexiva

- (11) *João*            *u-ze-pihopyho*            *a'e*  
 João            3-REFL-esticar            3  
 “João se esticou.”

### Voz recíproca

- (12) *u-ze-(e)xak*            *kuzà*            *tekohaw*            *r-upi*            *a'e*            *wà*  
 3-REC-ver            mulher            aldeia            C-em            ela            PL  
 “As mulheres se viram na aldeia.”

(CASTRO, 2017, p. 95)

### Voz anticausativa

- (13) *u-ze-piawok*            *zapepo*  
 3-AC-destampar            panela  
 “A panela destampou.”

### Morfemas causativos

Os morfemas causativos {*mu-*} e {-(*u*)*kar*} têm a propriedade de aumentar a valência dos verbos em Guajajara. O prefixo {*mu-*} causativiza predicados intransitivos, tornando-os transitivos, enquanto o sufixo {-(*u*)*kar*} se afixa a verbos transitivos e os torna ditransitivos. Seguem alguns exemplos:

- (14) *Maria*            *u-mu-zuwa-katu*            *ma'e*            *tykwer*  
 Maria            3-CAUS-engrossar-INTS            coisa            caldo

*ipuhàpuhàg*            *pupe*  
 temperos            com

“Maria engrossou o caldo da carne com muitos temperos.”

- (15) *João*            *u-mu-hem-kar*            *wiràmiri*            *u-mono*            *rupi*  
 João            3-CAUS-sair-CAUS            pássaro            3-colocar            PERF  
 “João libertou os pássaros da gaiola.”

### Incorporação

A incorporação nominal ocorre quando um objeto direto se incorpora à raiz de um verbo transitivo resultando em um verbo com apenas um argumento. Em conformidade com Castro (2017), nas estruturas em que ocorrem esse tipo de incorporação, nos contextos em que o núcleo do argumento interno se incorpora à raiz do verbo, muitas vezes há perda de material fônico, isso porque

o verbo e o núcleo do objeto passam a constituir-se de uma unidade morfossintática complexa.

Na língua Tenetehára, é muito comum a incorporação do objeto a raízes de certos verbos transitivos, produzindo assim a diminuição no número dos argumentos que o verbo transitivo seleciona no componente sintático. Nessa língua também ocorre a redução fonológica. A seguir demonstramos alguns dados do Guajajara, de acordo com Castro (2017):

- |       |                               |            |                       |
|-------|-------------------------------|------------|-----------------------|
| (16a) | <i>u<sub>NOM</sub>-ʔ-ʔ</i>    | <i>awa</i> | <i>aʔe</i>            |
|       | 3-água-ingerir                | homem      | 3                     |
|       | “O homem bebeu água.”         |            |                       |
|       |                               |            | (CASTRO, 2017, p. 47) |
|       | ↓                             |            |                       |
| (16b) | <i>u<sub>NOM</sub>-i-ʔ</i>    | <i>awa</i> | <i>aʔe</i>            |
|       | 3-água-ingerir                | homem      | ele                   |
|       | “O homem bebeu água.”         |            |                       |
|       |                               |            | (CASTRO, 2017, p. 47) |
| (17a) | <i>u<sub>NOM</sub>-maʔe-ʔ</i> | <i>awa</i> | <i>aʔe</i>            |
|       | 3-coisa-ingerir               | homem      | ele                   |
|       | “O homem comeu algo.”         |            |                       |
|       |                               |            | (CASTRO, 2017, p. 47) |
|       | ↓                             |            |                       |
| (17b) | <i>u<sub>NOM</sub>-mai-ʔ</i>  | <i>awa</i> | <i>aʔe</i>            |
|       | 3-coisa-ingerir               | homem      | ele                   |
|       | “O homem comeu algo.”         |            |                       |
|       |                               |            | (CASTRO, 2017, p. 47) |

Nos exemplos em (16) e (17), Castro (2017) mostra que os DPs *ʔ* “água” e *maʔe* “coisa” sofrem reduções morfofonológicas ao se incorporarem à

raiz verbal, de forma que o DP 'y reduz-se a *i* (16b), e o item *ma'e* reduz-se morfológicamente a *mai* em (17b). Além disso, esse processo de incorporação nos exemplos citados resulta em uma configuração sintática equivalente a uma estrutura intransitiva inergativa.

### Aspecto

A língua Tenetehára-Guajajára possui alguns mecanismos morfológicos e sintáticos para expressar noções aspectuais. Dessa forma, o aspecto nessa língua manifesta-se por meio de partículas que se relacionam diretamente ao verbo ou à sentença como um todo. Conforme Silva (2010), o Guajajára apresenta as partículas do quadro abaixo para fazer as seguintes distinções semânticas:

**Quadro 4.** Partículas aspectuais do Guajajára

	Aspecto	Partículas aspectuais
1	Realizado	<i>kwez</i>
2	Imperfectivo	<i>rihi</i>
3	Cessativo	<i>upaw</i>
4	Repetitivo	<i>wi...no</i>

Fonte: Silva, 2010

Destacamos a seguir alguns exemplos que apresentam morfemas de aspecto na língua Guajajára:

(18) *u-pe'àg-wi*                      *wàhu*                      *a'e*                      *no*  
 3-partir-ASP                      coco                      3                      de novo  
 “O coco partiu de novo.”

(19) *u-zur*                      *kwez*                      *àmàn*                      *upaw*                      *ire*  
 3-*vir*                      RLZ                      chuva                      CES                      depois  
 “Ele chegou depois da chuva.”

(SILVA, 2010)

### 2.2.3.2 CLASSES DE VERBOS

Com base em critérios morfossintáticos, os verbos da língua Tenetehára-Guajajára agrupam-se em duas classes, a saber: (i) verbos transitivos, que exigem como obrigatórios um argumento externo e um argumento interno; (ii) verbos intransitivos, que exigem apenas um argumento como obrigatório. Conforme Duarte (2007), a classe dos intransitivos em Tenetehára subdivide-se em intransitivos ativos, à qual se reservam os inergativos e um grupo de inacusativos e intransitivos não ativos/estativos, que remetem a verbos inacusativos. A seguir arrolamos essas classes verbais.

### 2.2.2.2.1 VERBOS TRANSITIVOS

De acordo com sua estrutura argumental, os verbos *utypy'ir* “limpar”, *uzuka* “matar”, *upyriràg* “cercar”, *uzuhez* “lavar” e *utym* “plantar” são transitivos, pois requerem um DP argumento externo e um DP argumento interno, conforme pode-se observar nos exemplos a seguir:

(20) *Maria*            *u-typy'ir*        *tàpuz*            *hakykwepe*        *kutàri*  
 Maria            3-limpar        casa            no fundo/atrás        hoje  
 “Maria limpou o quintal hoje.”

(21) *Pedro*            *u-zuka*            *zawar*            *wemimutar*        *rupi*  
 Pedro            3-matar        cachorro        de propósito        PERF  
 “Pedro matou o cachorro de propósito.”

(22) *João*            *u-pyriràg*        *wyra'i*            *pe*            *tàpuz*  
 João            3-cercar        varas            com            casa

*hakywepe*            *wemimutar*            *rupi*  
 no fundo/atrás        de propósito            PERF  
 “João cercou o quintal com varas de propósito.”

(23) *kuzà*            *u-zuhez*        *tàpuz*            *kàpehàmaw*  
 mulher            3-lavar        casa            dos lados  
 “A mulher lavou a calçada.”

(24) *awa*            *u-tym*            *kumana'i*  
 homem            3-plantar        feijão  
 “O homem plantou o feijão.”

### 2.2.2.2.2 VERBOS INTRANSITIVOS ATIVOS

Os verbos intransitivos ativos são os inergativos e uma classe de inacusativos. Os inergativos selecionam apenas um argumento na posição de sujeito, qual seja, um agente. Os exemplos *opor* “pular”, *uwata* “caminhar”, *upynyk* “dançar”, *uzàn* “correr” e *y’i’ar* “nadar” da língua Guajajára descritos abaixo são exemplos de intransitivos ativos.

- (25) *o-por*      *Maria*      *o-ho*      *kyhaw*      *Ø-pe*  
 3-pular      Maria      3-ir      rede      C-em  
 “Maria pulou da rede.”
- (26) *u-wata*      *Ana*      *a’e*  
 3-caminhar      Ana      3  
 “Ana caminhou muito.”
- (27) *u-pyynyk*      *kuzà-tà’i*      *yra’uhaw*      *Ø-pe*      *a’e*      *wà*  
 3-dançar      menina-DIM      festa do moqueado      C-em      3      PL  
 “As meninas dançaram na festa do moqueado.”
- (28) *u-zàn*      *kwarer*      *nahu*      *rupi*  
 3-correr      menino      rua      PSP  
 “O menino correu na rua.”
- (29) *na’arewahy*      *João*      *o-ho*      *u-y’i’ar*      *romo*  
 rápido      João      3-ir      3-nadar      TRANSL  
 “O João nadou rápido.”

Já os verbos inacusativos selecionam um argumento interno na posição de sujeito. Os verbos inacusativos *uzexakar* “nascer”, *umàno* “morrer”, *uzapykyk* “afundar” e *u’ar* “cair” arrolados abaixo são exemplos de intransitivos ativos:

- (30) *kwarer*      *u-zexakar*      *zy'itahy*  
 criança      3-nascer      manhã  
 “A criança nasceu de manhã.”
- (31) *u-màno*                      *zawar*      *a'e*  
 3-morrer                      cachorro      3  
 “O cachorro morreu.”
- (32) *Kanu*      *u-zapypyk*                      *yryhu*      *rupi*  
 barco      3-afundar                      rio      PERF  
 “O barco afundou no rio.”
- (33) *u-'ar*      *kwarer*      *a'e*  
 3-cair      criança      3  
 “A criança caiu.”

#### 2.2.2.2.3 VERBOS INTRANSITIVOS NÃO-ATIVOS

Segundo Duarte (2007), os verbos não-ativos/estativos em Tenetehára correspondem aos inacusativos. Esses verbos, tais como os inergativos selecionam apenas um argumento, contudo este argumento possui propriedade semântica de afetado. Abaixo apresenta-se um exemplo de verbo não-ativo:

- (34) *màg*      *i-apywahy*                      *a'e*      *wà*  
 manga      3-amolecer                      3      PL  
 “As mangas amoleceram.”

Em conformidade com Duarte (2007), na língua Tenetehára-Guajajara nem sempre é possível identificar a distinção sintático-semântica que há entre os verbos intransitivos ativos (inergativos) e os não-ativos /estativos (inacusativos),

tendo em vista que esta diferença não é inteiramente codificada no âmbito do componente morfológico.

### **2.3 RESUMO DO CAPÍTULO**

Nesse capítulo foram apresentadas informações sobre os Tenetehára-Guajajara, seu povo, sua língua e sua situação sociolinguística. Além de informações sobre a família e o tronco linguístico aos quais pertence o Guajajara, descreveu-se um pouco sobre os sistemas fonêmicos e ortográficos desta língua e sobre a estrutura morfológica dos verbos em Guajajara. Todas essas informações convergem no sentido de auxiliar na compreensão do leitor para os demais aspectos de cunho morfossintático que serão trabalhados a respeito do Guajajara nessa pesquisa.

**PARTE III**  
**QUADRO TEÓRICO**

### **CAPÍTULO 3:**

#### **APORTE TEÓRICO**

---

Este capítulo tem o objetivo de apresentar os pressupostos teóricos por meio dos quais a pesquisa se sustenta. Nesse âmbito, destaco como embasamento principal a abordagem teórica de Alexiadou, Anagnostopoulou e Schäfer (2015) sobre a alternância causativa, a qual segue as bases gerativistas da Morfologia Distribuída (MD).

O capítulo está dividido em 2 seções, quais sejam: a seção 3.1 apresenta os fundamentos teóricos do modelo gerativo da Morfologia Distribuída, de acordo com os quais palavras e sentenças são formadas no mesmo componente linguístico, ou seja, o sintático. A seção 3.2 é iniciada com uma explanação sobre o que é o fenômeno da alternância causativa. Em sequência, apresento as bases teóricas de Alexiadou, Anagnostopoulou e Schäfer (2015) sobre o referido fenômeno, contemplando dois momentos de seus estudos, sendo uma abordagem inicial e outra mais recente. Ressalte-se que esses autores desenvolveram uma abordagem sobre a alternância causativa, assumindo-a como uma alternância de tipos de Voice; o que deu sustentação à pesquisa com sentenças causativas e anticausativas na língua Tenetehára-Guajajára, com foco especial para estas últimas. A seção 3.3 mostra o resumo do capítulo.

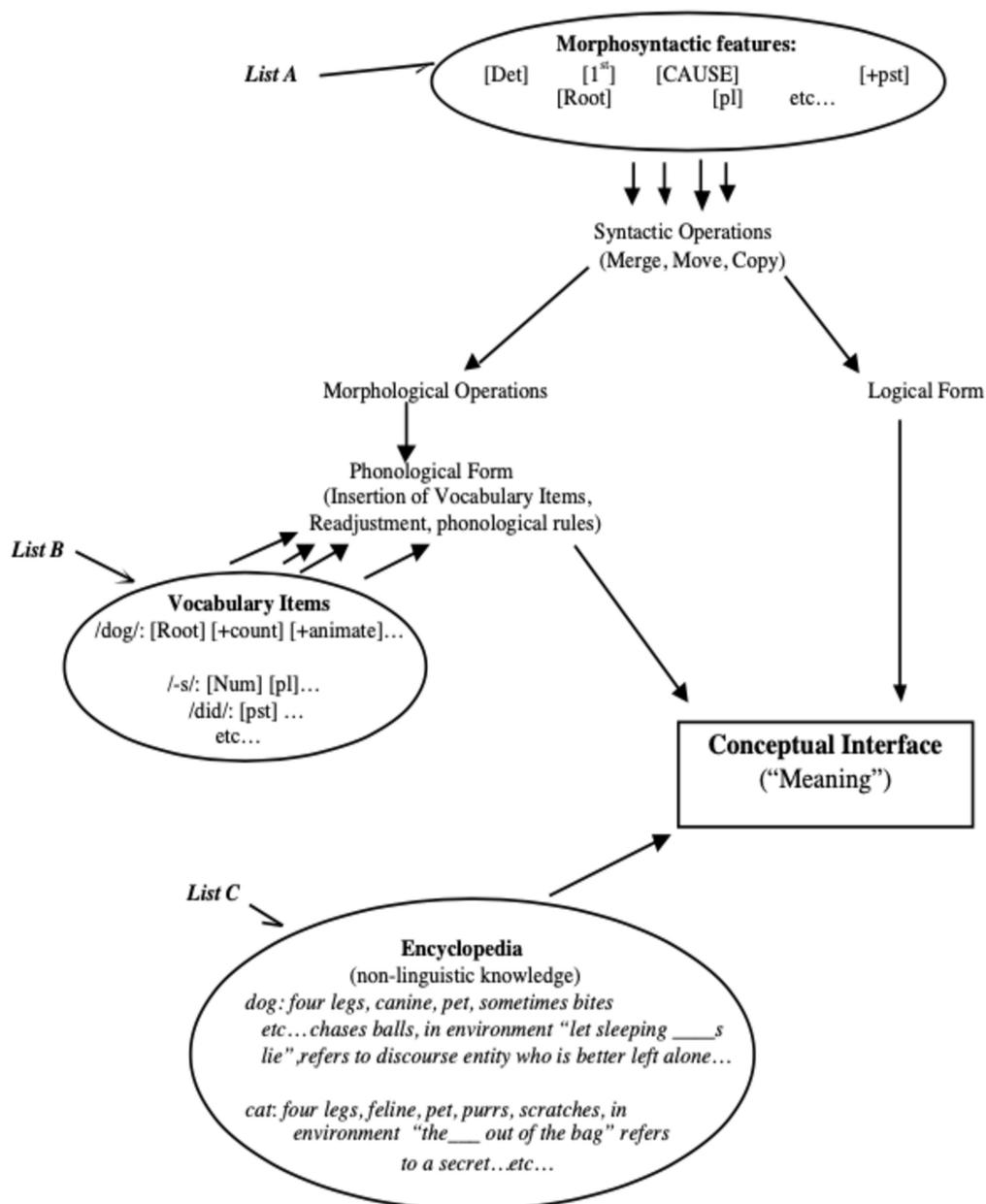
### **3.1 ESCOPO TEÓRICO SOBRE A ESTRUTURA DE EVENTOS: MORFOLOGIA DISTRIBUÍDA**

Para subsidiar os estudos sobre a estrutura argumental das sentenças que passam pelo processo de alternância causativa, utilizo o modelo gerativo da arquitetura da gramática adotado pela Morfologia Distribuída (MD). Esse modelo teórico assume que tanto a formação de palavras quanto a formação de sentenças ocorrem no componente sintático e estão sujeitas às mesmas operações formais. Assim, os princípios da morfologia são também, em grande parte, os princípios da sintaxe. Em propostas anteriores (ver Chomsky 1981, por exemplo) pautadas na hipótese lexicalista, o léxico é considerado como um elemento indivisível que alimenta a sintaxe. É atribuído a esse componente lexical as tarefas como: conter as palavras e os significados correspondentes a elas, bem como os significados sonoros de tais palavras.

A MD, por sua vez, rejeita a hipótese lexicalista apontando a inexistência de um componente léxico como um princípio central da teoria. Em MD se assume que as tarefas que são atribuídas ao léxico devem ser distribuídas por outros componentes, ou seja, o sintático, o morfológico e o fonológico. A formação de uma palavra ou estrutura ocorre, pois, a partir de diferentes processos distribuídos entre o componente sintático e os componentes pós-sintático.

De acordo com a MD, a sintaxe consiste em um conjunto de regras que geram estruturas sintáticas que, durante o processo da derivação, ficam sujeitas a outras operações sintáticas como *merge* e *move* nos níveis da PF (*Phonetic Form*) e da LF (*Logical Form*). De acordo com Harley e Noyer (1999), a sintaxe gera estruturas combinando características morfossintáticas (via *merge* e *move*) selecionadas do inventário disponível na língua, sujeitas aos princípios e parâmetros que regem tal combinação. Na figura 3 a seguir tem-se a arquitetura da gramática da forma que foi esboçada por Harley e Noyer (1999) seguindo a proposta da Morfologia distribuída:

Figura 3: Arquitetura da gramática na MD



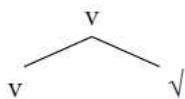
Fonte: Harley e Noyer (1999)

Na figura 3, a arquitetura da gramática para a MD apresenta três listas. Essas três listas compreendem as tarefas que, de acordo com abordagens lexicalistas, são atribuídas ao léxico. No esquema da referida figura, todavia, observa-se que a abordagem da MD prevê a distribuição dessas tarefas para outros componentes da gramática.

Note-se que a lista A corresponde aos traços morfossintáticos e às raízes de uma língua. Morfemas e raízes são unidades sintáticas que passam pelas operações sintáticas (*merge*, *move*, *copy*). As raízes não têm categoria gramatical e, por isso, precisam ser categorizadas por um núcleo funcional.

De acordo com Marantz (1997), as raízes não podem ser interpretadas na sintaxe sem serem categorizadas. Esse processo de categorização ocorre quando essas raízes sofrem *merge* sintático com um categorizador, o qual pode ser um núcleo verbal, adjetival, nominalizador etc., como ilustra a estrutura abstrata a seguir retirada de Alexiadou, Anagnostopoulou e Schäfer (2015, p. 11):

(35)



Acompanhando essa linha de raciocínio, podemos assumir que o mesmo item de vocabulário, a raiz nesse caso, pode aparecer em diferentes categorias morfológicas, dependendo do contexto sintático em que a raiz desse item aparece. Assim como explicam Harley e Noyer (1999), um substantivo, por

exemplo, é uma raiz cujo f-morfema de c-comando mais próximo (ou licenciador) é um determinante; já um verbo é uma raiz cujos f-morfemas de c-comando mais próximos são *v*, aspecto e tempo<sup>4</sup>. A categorização da raiz se definirá, então, após a operação de *merge* no nível da sintaxe.

Harley e Noyer (1999) citam como exemplo o item de vocabulário *destroy* “destruir” do inglês. *Destroy* é realizado como um nome *destruct-(ion)* “destruição” quando seu licenciador mais próximo é um determinante, porém o mesmo item de vocabulário é realizado como um particípio *destroy-(ing)* “destruído” quando seus licenciadores mais próximos são aspecto e tempo.

Após as raízes serem categorizadas por meio da combinação com um núcleo funcional, passam a ser consideradas como objetos sintáticos, assim como palavras e sentenças e ficam disponíveis à derivação subsequente.

Já a lista B diz respeito aos itens do vocabulário. É nessa fase da derivação que ocorrem as operações morfológicas que podem ser associadas às regras fonológicas. As palavras que já passaram pela sintaxe sofrem reajustes morfológicos e recebem inserção vocabular para, em seguida, serem enviadas para *spell-out*.

---

<sup>4</sup> Harley e Noyer (1998; 1999) sugerem que os morfemas são de dois tipos básicos: f-morfemas e l-morfemas, correspondendo aproximadamente à divisão convencional entre categorias funcionais e lexicais, ou seja, categorias de classe fechada e classe aberta. Os f-morfemas expressam propriedades puramente gramaticais, enquanto os l-morfemas são itens de vocabulário que podem denotar um conceito específico da linguagem, como as raízes, por exemplo.

A lista C constitui a enciclopédia da língua e é onde as palavras recebem interpretações especiais. A enciclopédia relaciona itens do vocabulário a significados convencionais na língua e/ou a significados especiais. Nesse caso, as interpretações pós-sintáticas atribuídas às palavras dependerão do contexto extralinguístico, considerando que a interpretação de cada palavra ou expressão idiomática pode variar de acordo com o uso na língua.

Para efeito de exemplificação de como funciona o trabalho das três listas no curso da derivação sintática, cito a forma verbal “quebrou”. Iniciando-se pela lista A, tem-se a raiz “quebr-” (morfema lexical) que mantém uma relação local com o morfema funcional definidor de categoria V e os traços morfológicos de tempo, número e aspecto, que são seus licenciadores e possibilitam a raiz tornar-se um verbo.

Após a construção da palavra “quebrou” na sintaxe estrita, a derivação é enviada para a forma fonológica onde receberá *spell-out*. Por meio de uma operação morfológica – Lista B – é feita a associação do material sintático ao material fonológico correspondente, o que culmina na inserção vocabular.

Como citado anteriormente, a enciclopédia (lista C) é a lista que relaciona os itens do vocabulário a significados especiais na língua. Palavras ou expressões próprias de uma língua assumem significados diversos que serão

interpretados na forma lógica (LF)<sup>5</sup>. O verbo “quebrar”, por exemplo, além de seu significado base “tornar algo ficar quebrado” pode assumir significados de acordo com o contexto em que estiver inserido. Vejam-se os exemplos em (36):

(36a) Quebrar (tornar algo ficar quebrado)

(36b) Quebrar a cara (tornar a cara ficar quebrada)

(36c) Quebrar a cara (sofrer uma decepção)

(36d) Quebrar as pernas (tornar as pernas ficarem quebradas)

(36e) Quebrar as pernas (impedir alguém de fazer algo)

Os exemplos acima ilustram que a lista C possibilita significados especiais ao verbo “quebrar”, como nos VPs “quebrar a cara” em (36c) e “quebrar as pernas” em (36e), os quais fazem parte do conhecimento extralinguístico. “Quebrar” no VP “quebrar a cara” contém em (36b) o significado linguístico convencional de “um(a) rosto/cara ficar quebrado(a)” e em (36c) a expressão idiomática no português brasileiro tem significado de “ter uma decepção”.

---

<sup>5</sup> A enciclopédia é a lista de expressões idiomáticas de uma língua. Nesse caso, expressões idiomáticas se referem a qualquer expressão, mesmo uma única palavra ou subparte de uma palavra, cujo significado não é totalmente previsível de sua descrição estrutural morfossintática (MARANTZ, 2003).

Quanto ao VP “Quebrar as pernas”, em (36d), o sentido de “quebrar” também é convencional, no entanto em (36e) tem-se um significado especial. Isso ocorre porque de acordo com a MD, as palavras que formam a expressão idiomática “quebrar as pernas” em (36e) são representadas como subpartes da entrada enciclopédica para a raiz “quebr-”. Ou seja, é a entrada da enciclopédia para a referida raiz que especificará que em relação ao objeto direto “as pernas”, “quebrar” pode ser interpretado como “impedir algo”.

Em consonância com Harley e Noyer (1999), o significado de uma expressão é interpretado a partir de toda a derivação dessa expressão, incluindo as informações da enciclopédia que é considerada extralinguística. Nesse caso, a LF não expressa ou representa significado, mas, sim, corresponde apenas a um nível de representação que exhibe certas relações estruturais relacionadas ao significado.

Nesse contexto, as expressões com o verbo “quebrar” em (36) somente terão os significados definidos ao final de cada derivação, que vai desde as operações sintáticas e morfológicas até o envio para a LF.

O modelo de estrutura da gramática da MD tenta mostrar com o esquema dessas três listas como acontece a derivação nas línguas e quais elementos estão envolvidos nesse processo. Morfemas gramaticais e raízes apresentam-se como elementos com informações fixas e fundamentais para dar

início à derivação. No entanto, a inserção vocabular e o significado não têm informações fixas, pois o contexto de interpretação e de inserção vocabular irão surgir no decorrer do processo de derivação.

Diferentemente do que explicam as teorias lexicalistas, para a MD, tanto palavras como sentenças não possuem uma fonologia ou significados fixos, ou seja, a fonologia de uma palavra vai variar de acordo com os morfemas e a raiz que a compõem, assim como o significado vai variar considerando o contexto.

Particularmente, nesta tese interessa-me o tratamento da MD sobre a estrutura de argumentos e sobre as raízes com suas condições de licenciamento para explicar as propriedades e as restrições para o licenciamento das raízes verbais em Guajajara, especificamente aquelas que passam pela alternância causativa. Dessa forma, será possível compreender características peculiares da estrutura argumental da língua em estudo.

Na MD são adotadas algumas noções propostas pelo Programa Minimalista. Dentre estas, é de interesse nesse trabalho o modelo de sintaxe cíclica baseada em fases, tal como desenvolvido por Chomsky (2000; 2001). De acordo com esse modelo, o que constitui um domínio de fase na sintaxe corresponderá a um domínio local na formação das palavras e tal domínio local

prevê aspectos da fonologia e da interpretação das palavras (ALEXIADOU; ANAGNOSTOPOLOU; SCHÄFER, 2015).

A proposta de derivação por fases, desenvolvida por Chomsky (2001), postula que a estrutura sintática é construída por fases, com destaque para os núcleos *v* e *C* que se qualificam como núcleos fásicos. Para esse teórico, ao final de cada fase, parte da estrutura sintática já formada sofre transferência para os componentes fonológico e semântico. Como resultado disso, essa parte da estrutura, que foi enviada para *spell out*, fica inacessível para outras operações sintáticas desde então.

Levando-se em consideração essa teoria de fases, Alexiadou, Anagnostopolou e Schäfer (2015) propõem que o núcleo funcional *Voice* se qualifica como um núcleo fásico, tendo em vista que este é responsável pela introdução do argumento externo e encerra uma fase. No âmbito da proposta desses autores, *v* e *Voice* são núcleos fásicos que forçam o mecanismo de *spell out* de seus complementos, de sorte que esses ficam inacessíveis e invisíveis nas etapas posteriores da derivação sintática.

A seguir, apresento a abordagem gerativista de Alexiadou, Anagnostopolou e Schäfer (2015) e Schäfer (2008) sobre a estrutura argumental de verbos que passam pela alternância causativa. Essa proposta será crucial

como aporte teórico fundamental para a análise dos dados do Tenetehára-Guajajara que pretendo desenvolver no capítulo 6.

### **3.2 ABORDAGEM PARA O TRATAMENTO DA ALTERNÂNCIA CAUSATIVA**

Nesta seção elaboro primeiramente uma breve caracterização sobre o fenômeno da alternância causativa. Em seguida, apresento o percurso dos primeiros estudos de Alexiadou, Anagnostopoulou e Schäfer (2015) e Schäfer (2008) sobre a alternância causativa, considerada por estes como resultante de propriedades das raízes que formam o significado verbal. Em seguida, delinco a proposta teórica atual de Alexiadou, Anagnostopoulou e Schäfer (2015), segundo a qual a alternância causativa deve ser considerada como uma alternância de tipos de Voice.

#### **3.2.1 O QUE É ALTERNÂNCIA CAUSATIVA?**

A alternância causativa é um fenômeno que indica a possibilidade de um verbo ocorrer em duas sentenças distintas, sendo uma transitiva e a outra intransitiva. Tal como explicam Levin e Rapaport Hovav (1995, p. 79), “os verbos que participam dessa alternância apresentam usos transitivos e intransitivos, de modo que o uso transitivo tem aproximadamente o significado

de causar para o V-intransitivo.”<sup>6</sup> Observem-se os exemplos da alternância causativa dos verbos a seguir:

**Português:**

(37a) Ana fechou a janela.

(37b) A janela (se) fechou.

**Tenetehára:**

(38a) *Ana Claudia*                    *u-pytymawok*                    *uken*  
 Ana Claudia                    3-abrir                    porta  
 “Ana Claudia abriu a porta.”

(38b) *u-ze-pytymawok*                    *uken*  
 3-AC-abrir                    porta  
 “A porta (se) abriu.”

**Alemão:**

(39a) *Hans versenkt das Schiff*  
 “Hans afundou o navio.”

(39b) *Das Schiff versinkt*  
 “O navio afundou.”

(SCHÄFER, 2008, p. 121)

---

<sup>6</sup> “The verbs that participate in this alternation show transitive and intransitive uses, such that the transitive use has roughly the meaning cause to V-intransitive.” (LEVIN; RAPAPPORT HOVAV 1995, p. 79).

Tomando por base o exemplo em (37), observa-se que a variante intransitiva expressa um evento no qual o tema “a janela” em (37b) sofre uma mudança de estado, enquanto a variante transitiva (37a) apresenta a causa dessa mudança de estado por meio do sujeito, o DP “Ana”. Nesse caso, o objeto da variante causativa é o sujeito da variante intransitiva.

De acordo com Levin e Rapaport Hovav (1995), a relação semântica entre as duas variantes da alternância é refletida pelo fato de que o sujeito da variante intransitiva e o objeto da transitiva têm o mesmo papel temático. A alternância causativa é requerida por um diagnóstico inacusativo, precisamente porque esse compartilhamento de papel semântico pode ser explicado se o verbo na variante intransitiva for inacusativo, de modo que seu sujeito é um argumento interno na *D-Structure* (Estrutura profunda).

Procedendo-se ao exame das sentenças listadas acima, vê-se que em (38) e (39) os verbos alternados possuem a mesma forma em ambas as versões causativa e anticausativa, ou seja, “fechou” no português e *pytymawok* “abriu” no Guajajára, respectivamente. Nas sentenças das referidas línguas em (38) e (39), a alternância é instanciada por meio de processos morfológicos, a partir dos quais a forma verbal pode vir acompanhada por um pronome (clítico ou reflexivo), como o “se” do português no exemplo (37b) ou composta por um

afixo em sua formação, que é o caso do morfema {ze-} em Tenetehára no exemplo (38b).

Já em (39), as formas verbais causativa *versenkt* e anticausativa *versinkt*, do alemão, não são idênticas. Nesse caso, ocorre uma alternância do tipo equipolente, em que as formas são relacionadas por meio de variação de *ablaut*. O *ablaut* é um fenômeno linguístico que implica na alteração do timbre de uma vogal em determinada raiz de palavra. A alteração de som do fonema vocálico /e/ para /i/ no par de palavras *versenkt* - *versinkt* por meio de *ablaut* é uma forma de instanciar a alternância causativa no alemão.

Como foi visto, o fenômeno da alternância causativa pode ocorrer com sentenças em línguas de diferentes famílias, por meio de processo semelhante ou por meio de variações que são peculiares a cada língua. Entretanto, pode-se observar que nos exemplos das três línguas acima, o argumento externo da versão transitiva desaparece no uso intransitivo e o argumento interno da versão transitiva passa a ser o sujeito da versão intransitiva.

Em seus estudos sobre a alternância causativa, Haspelmath (1993) analisou verbos de 21 línguas com o intuito de investigar sobre a regularidade desse fenômeno e unificar algumas generalizações interlinguísticas. A partir da análise dos pares de verbos causativos coletados nessas línguas, o autor observou que a alternância causativa é um fenômeno comum nas línguas estudadas, porém

ocorre com algumas variações, especificamente no que diz respeito às marcas morfológicas que as línguas possuem<sup>7</sup>.

Na literatura sobre essa temática, são identificadas três linhas distintas de abordagens de estudo da alternância causativa, as quais se pode identificar da seguinte forma: (i) abordagens de causativização, segundo as quais o verbo transitivo da alternância deriva da versão intransitiva (Dowty 1979; Pesetsky 1995); (ii) abordagens de detransitivização, em que o verbo intransitivo deriva da sua variante transitiva da alternância (Levin e Hapapport Hovav 1995; Reinhart 2000); (iii) abordagens de base comum, de acordo com as quais o par de verbos que sofrem a alternância causativa/anticausativa são independentes e derivam de uma raiz comum (Embick, 2004; Pylkkänen, 2008; Alexiadou, Anagnostopoulou e Schäfer, 2015).

Após a revisão teórica sobre a Morfologia distribuída, que é o modelo teórico de base gerativista escolhido para fundamentar o estudo das anticausativas da língua que estudo, e a explanação acima sobre os mecanismos

---

<sup>7</sup> A partir do seu estudo interlinguístico feito com 21 línguas, Haspelmath (1993) estabeleceu uma tipologia para a alternância, levando em consideração generalizações comuns aos pares verbais que constituem a alternância nessas línguas, qual seja: i) alternância anticausativa (A): ocorre quando a sentença inacusativa é marcada morfológicamente, sendo derivada da causativa; ii) alternância causativa (C): ocorre quando a sentença causativa é marcada morfológicamente, sendo derivada da anticausativa; iii) alternância equipolente (E): ocorre quando os dois membros da alternância têm morfologia característica própria; iv) alternância lábil (L): nesse tipo de alternância não há marcas morfológicas em nenhum dos membros; v) alternância supletiva (S): as raízes verbais dos dois membros são diferentes.

que regulam a alternância causativa, discuto na próxima seção a abordagem proposta por Alexiadou, Anagnostopoulou e Schäfer (2015) para o tratamento da alternância causativa.

### **3.2.2 PROPOSTA DE ALEXIADOU, ANAGNOSTOPOLOU E SCHÄFER (2006) E SCHÄFER (2008)**

A literatura que trata da alternância causativa apresenta duas propostas teóricas que buscam explicar o processo de alternância dos verbos em causativos e anticausativos como resultante de uma relação derivacional, quais sejam: causativização e deargumentação.

A proposta da causativização foi assumida por Lakoff (1968, 1970), Dowty (1979), Williams (1981), Pesetsky (1995), entre outros autores. Em conformidade com essa proposição, os verbos anticausativos não têm um argumento externo por serem estruturalmente monoargumentais. Nesse caso, a variante causativa é derivada da alternância anticausativa/causativa por meio de causativização, em que um predicado causativo (CAUSE) é adicionado na decomposição semântica desses verbos.

A abordagem da deargumentação sugere que os verbos que sofrem alternância causativa são inerentemente biargumentais. Tais verbos não possuem argumento externo implícito no membro intransitivo, devido a um processo lexical de deargumentação que cria uma entrada intransitiva a partir da forma

transitiva. Essa operação de detransitivização foi explicada por meio de duas orientações teóricas, a saber: (i) “ligação lexical”, desenvolvida por Levin e Rappaport Hovav (1995); e (ii) “expletivização”, apresentada por Reinhart (2000, 2002).

Schäfer (2008) esclarece que os defensores de ambas as abordagens acima descritas concordam que é conceitualmente insatisfatório supor que a cada variante de um verbo alternante é atribuída uma entrada lexical independente. E uma razão para tal é que isso tornaria muito difícil ou quase impossível afirmar generalizações sobre quais verbos podem e quais verbos não podem sofrer a alternância causativa. Portanto, é assumido por Levin e Rappaport Hovav (1995) e Reinhart (2000, 2002) que as duas variantes da alternância devem estar relacionadas por um processo derivacional.

*A priori*, Alexiadou, Anagnostopoulou e Schäfer (2006), fazem uma discussão a respeito do tratamento da alternância causativa tendo em conta essas abordagens, com destaque para: (i) a visão a respeito das semelhanças e diferenças entre anticausativos e passivos; (ii) a visão sobre a relação derivacional entre a variante transitiva e intransitiva na alternância causativa. Seguem algumas considerações dos autores:

i) Marcação morfológica: a sugestão de que causativas e anticausativas derivam uma da outra enfrenta um sério problema, pois não explica o fato de

que, em muitas línguas, é a anticausativa e não a variante causativa da alternância que recebe uma morfologia especial. Essa morfologia extra corresponde em línguas românicas e germânicas ao reflexivo e, em outras línguas, a um morfema de voz não-ativa. Comparem-se os exemplos a seguir:

**Anticausativas marcadas:**

**Russian:**

(40a) *katat'-sja*  
 “roll” (intransitivo)

(40b) *katat'*  
 “roll” (transitivo)

**Polish:**

(41a) *złamać-się*  
 “break” (intransitivo)

(41b) *złamać*  
 “break” (transitivo)

(HASPELMATH, 1993)

Da mesma maneira, a postulação de um processo de destransitivização enfrenta esse problema, porque existem muitas línguas que marcam especialmente a variante causativa da alternância. Os dados abaixo são exemplos de causativas marcadas:

**Causativas marcadas:****Georgian:**

(42a) *duy-s*  
 “cook” (intransitivo)

(42b) *a-duy-eps*  
 “cook” (transitivo)

**Khalka Mongolian:**

(43a) *ongoj-x*  
 “open” (intransitivo)

(43b) *ongoj-lg-ox*  
 “open” (transitivo)

(HASPELMATH, 1993)

Além disso, também existem línguas que possuem verbos que formam alternâncias não-direcionadas. Essas alternâncias não-direcionadas se caracterizariam pela independência de formação dos dois membros da alternância. Seguem os exemplos:

**Alternâncias não-direcionadas:****Japanese:**

(44a) *atum-aru*  
 “gather” (intransitivo)

(44b) *atum-eru*  
 “gather” (transitivo)”

**English:**

(45a) *open* (intransitivo)

(45b) *open* (transitivo) (HASPELMATH, 1993)

No exemplo (44) temos uma alternância do tipo equipolente, em que ambos os verbos são derivados de um radical comum, mas alteram sua transitividade por meio da adição de morfologia própria. Em (45) ocorre a alternância lábil com o verbo do inglês, em que não há uma marca morfológica para indicar a alternância.

ii) Restrições verbais e restrições de seleção: outro problema identificado com relação às duas perspectivas de análise surge do fato de precisarem derivar os verbos de mudança de estado de uma forma que nem sempre existe. Desse modo, a causativização enfrenta o problema de como delimitar com mais exatidão a derivação de causativas a partir de formas anticausativas básicas, as quais nem sempre estão disponíveis na morfossintaxe das línguas. Os exemplos abaixo demonstram isso:

(46a) *Bill broke the glass.*

(46b) *The glass was broken by Bill.*

(46c) *The glass broke.*

(SCHÄFER, 2008, p. 116)

(47a) *The baker cut the bread.*

(47b) *The bread was cut by the baker.*

(47c) \**The bread cut.*

(SCHÄFER, 2008, p. 116)

O mesmo problema ocorre com verbos de mudança de estado que apresentam restrições de seleção quanto aos seus complementos. É o que acontece com verbos como *break*, o qual tem seu uso intransitivo somente para algumas escolhas de argumentos externos, como se vê a seguir:

(48a) *He broke the vase.*

(48b) *The vase broke.*

(LEVIN; RAPPAPORT HOVAV, 1995)

(49a) *He broke his promise/the contract/the world record.*

(49b) \**His promise/the contract/the world record broke.*

(LEVIN; RAPPAPORT HOVAV, 1995)

iii) Modificadores PP em passivas e anticausativas: a distribuição de PPs relacionados a argumentos externos (agente, causador, instrumento) em passivas e anticausativas apresenta diferenças. Enquanto as passivas permitem *by-phrases* introduzindo agentes, as anticausativas licenciam preposições específicas introduzindo eventos causadores. Vejamos nos exemplos:

(50a) *The window was broken by John/by the storm/with a stone.*

(50b) *\*The window broke by John/with a stone.*

(50c) *The window broke from the pressure/from the explosion.*

(SCHÄFER, 2008)

Nas estruturas passivas em inglês, os PPs com todos os papéis temáticos acima são licenciados, como se vê em (50a). Já as anticausativas não aceitam agentes como argumento externo, como em (50b), mas admitem causadores, se estes forem introduzidos pela preposição *from* conforme explícito em (50c).

Com base no exposto acima, Alexiadou, Anagnostopolou e Schäfer (2006) justificam que as teorias desenvolvidas por Levin e Rappaport Hovav (1995) e Reinhart (2000, 2002) não dão conta de explicar o fenômeno da alternância causativa. Ressalte-se o fato de os verbos que são submetidos a esse processo não constituírem uma classe estável entre as línguas, pois há variação quanto às restrições verbais e restrições de seleção.

Alexiadou, Anagnostopolou e Schäfer (2006) desenvolveram uma abordagem sobre a alternância causativa que questiona as abordagens derivacionais, tal como formalizada por Lakoff (1968, 1970), Dowty (1979), Williams (1981), Pesetsky (1995) a respeito da causativização, e Levin e Rappaport Hovav (1995) e Reinhart (2000, 2002) sobre a detransitivização. A proposta elaborada por Alexiadou, Anagnostopolou e Schäfer (2006) propõe

uma estrutura de decomposição de eventos da causação, em que as duas versões causativa e anticausativa<sup>8</sup> são derivadas a partir de uma raiz neutra comum, á luz da morfologia distribuída.

Alexiadou, Anagnostopolou e Schäfer (2006) assumem que as causativas e as anticausativas são construídas a partir de um complexo [ $\sqrt{\text{Raiz}}$  + tema] que exprime o estado resultante e um núcleo verbal eventivo CAUS. Este núcleo eventivo assume o estado resultante como seu complemento e, nesse processo, o CAUS introduz uma relação causativa entre um evento causador (o argumento implícito do CAUS) e o estado resultante denotado pelo complexo [ $\sqrt{\text{Raiz}}$  + tema]<sup>9</sup>.

Consoante esses teóricos, o núcleo Voice introduz o papel temático do argumento externo. Ademais, é a presença da propriedade semântica [+/- Ag] que será responsável pelo licenciamento de argumentos externos “agente” ou “causador” em estruturas tanto ativas quanto passivas.

---

<sup>8</sup> Alexiadou, Anagnostopolou e Schäfer (2006) utilizam os termos causativo e anticausativo para designar as variantes verbais transitiva e intransitiva, respectivamente, que fazem parte da alternância causativa. Quando um dos membros dessa alternância é marcado por morfologia especial recebem a designação de (anti)causativo marcado.

<sup>9</sup> Consoante Alexiadou, Anagnostopolou e Schäfer (2006, p. 140): “Both causatives and anticausatives are built up from a [ $\text{Root}$  + theme] complex which expresses a resultant state and an eventive verbal head CAUS which takes the resultant state as its complement. introduces a *causal relation* between a causing event (the implicit argument of CAUS) and the resultant state de- noted by the [ $\text{Root}$  + theme] complex.”

Especificamente, ocorrerão os licenciamentos de argumentos agentes e PPs instrumentos (Voice [+AG]) em ativas e passivas e de argumentos causadores em ativas e passivas (Voice [-AG]). Por sua vez, se o núcleo de Voice for ativo, o argumento externo será realizado na posição de especificador de VoiceP. De outro modo, se o núcleo Voice for passivo, o argumento externo estará implícito, não realizado, e teremos um núcleo Voice defectivo.

O componente “raiz neutra” se apresenta como um elemento fundamental em uma abordagem baseada na teoria da Morfologia Distribuída. Alexiadou, Anagnostopoulou e Schäfer (2006) ressaltam que as categorias das raízes possuem informações que determinam, em parte, se um verbo passa ou não pela alternância causativa/anticausativa.

Assim, para se identificar quais verbos permitem a alternância e quais não, os tipos diferentes de raízes precisam ser identificadas e diferenciadas segundo as características semânticas e sintáticas que apresentam.

Tendo por base essas assunções teóricas, Schäfer (2008) reelaborou a classificação tipológica de Levin e Rappaport (1995), de tal sorte que as raízes verbais podem apresentar as seguintes propriedades semânticas:

(i) verbos agentivos: restringem sua posição de argumento externo a agentes.

a. *The baker cut the bread.* (sujeito agente)

b. *\*The lightning cut the clothesline.* (\*sujeito causa)

c. *\* The bread cut.* (\*anticausativa)

(ii) verbos causados internamente: formam anticausativas/incoativas, mas não causativas.

a. *\*The gardener blossomed the flower.* (\*sujeito)

b. *\*The warm weather blossomed the flower.* (\*sujeito causa)

c. *The flower blossomed.* (anticausativa)

(iii) verbos causados externamente: permitem agentes e causadores como sujeitos, entretanto, não formam anticausativas.

a. *John destroyed the parcel.* (sujeito agente)

b. *The explosion destroyed the parcel.* (sujeito causa)

c. *\*The parcel destroyed.* (\*anticausativa)

(iv) verbos de causa inespecífica: formam causativas e também anticausativas.

a. *The vandals broke the window.* (sujeito agente)

b. *The storm broke the window.* (sujeito causa)

c. *The window broke.* (anticausativa)

Esse estudo tipológico das raízes verbais se apresenta como um direcionamento à compreensão do fenômeno da alternância causativa no âmbito desses estudos. Todavia, em trabalhos mais atualizados, Schäfer (2008) e Alexiadou, Anagnostopoulou e Schäfer (2015) ajustam a proposta acima e propõem outro direcionamento para a compreensão mais acurada das propriedades que regulam a alternância causativa/anticausativa.

### **3.2.3 PROPOSTA DE ALEXIADOU, ANAGNOSTOPOLOU E SCHÄFER (2015)**

Em trabalhos mais recentes, Alexiadou, Anagnostopoulou e Schäfer (2015) desenvolvem uma abordagem sobre a alternância causativa considerando que o comportamento dos verbos alternantes deve ser analisado com base nas combinações estruturais que ocorrem na sintaxe e não exatamente tomando por base a natureza semântica das raízes, como o fazem na análise de (2006).

Essas combinações que constituem a alternância causativa envolvem uma raiz (tal como concebida pela MD) e as projeções *vP*, que é responsável pela introdução dos eventos e *VoiceP*, que introduz o argumento externo.

Em conformidade com essa abordagem, compreende-se que o comportamento de determinado verbo não é totalmente determinado pelo

conceito da raiz, mas sim a combinação do núcleo  $v_{\text{cause}}$  e de um complexo (raiz + tema) é que determina se um determinado verbo alterna ou não.

Alexiadou, Anagnostopoulou e Schäfer (2015) e Schäfer (2008) investigam a alternância causativa em três línguas, quais sejam, o inglês, o grego e o alemão. Esses autores propõem diferentes construções sintáticas encontradas nas línguas com base no complexo (raiz + tema) ao qual é adicionado acima um núcleo eventivo  $v$ . À esta estrutura sintática poderão ser juntados diferentes tipos de núcleo Voice, variando de acordo com as características paramétricas de cada língua. As construções sintáticas envolvendo verbos de alternância causativa que foram propostas por Schäfer (2015, p. 176) são resumidas no quadro abaixo:

**Quadro 5.** Construções sintáticas com verbos de alternância

active:	[Agent [Voice <sub>{D, agent}</sub> [v [Root]]]]
passive:	[Voice <sub>{agent}</sub> [v [Root]]]
anticausative-I:	[Expl. [Voice <sub>{D, ∅}</sub> [v [Root]]]]
anticausative-II:	[Voice <sub>{∅}</sub> [v [Root]]]
anticausative-III:	[v [Root]]

Fonte: Schäfer (2008)

O quadro 5 reúne as estruturas sintáticas referentes aos verbos que passam pela alternância causativa. Temos as seguintes estruturas explicitadas a

partir da primeira linha: (i) estrutura causativa de voz ativa, que projeta um argumento externo agente; (ii) estrutura de voz passiva, cujo argumento externo encontra-se implícito; (iii) anticausativa I, do tipo marcada morfologicamente, a qual projeta um núcleo Voice expletivo; (iv) anticausativa II, também marcada morfologicamente, que projeta um Voice com característica não ativa; (v) anticausativa III, a qual não licencia morfologia de voz e, conseqüentemente, não projeta Voice.

Uma observação importante a se considerar no contexto da alternância causativa é que somente os predicados que permitem tanto agentes como causadores como argumentos externos em sua versão transitiva podem entrar na alternância causativa. Alexiadou, Anagnostopoulou e Schäfer (2015, p. 7)<sup>10</sup> consideram que uma propriedade definidora dos causadores é que eles são inerentemente eventivos e podem, portanto, modificar o subevento causativo.

O fato de nessa abordagem atual o significado do verbo ser interpretado a partir de uma combinação de elementos (e não apenas a partir das propriedades da raiz) levou a uma classificação mais ampla dos verbos e suas alternâncias, com base no significado de suas raízes.

---

<sup>10</sup> Conforme Alexiadou, Anagnostopoulou e Schäfer (2015, p. 7): “We take it that a defining property of causers is that they are inherently eventive and, therefore, can modify (or stand in for) the causative verbal sub-event.”

Acompanhando as ideias de Levin e Rappaport Hovav (1998), Embick (2004b) e Alexiadou e Anagnostopoulou (2013), Alexiadou, Anagnostopoulou e Schäfer (2015) classificam os verbos em duas classes ou categorias amplas que determinam como o significado do verbo é associado à estrutura do evento, quais sejam: modo e resultado.

Alexiadou, Anagnostopoulou e Schäfer (2015) assumem que “modo e resultado são categorias ontológicas que determinam como o significado do verbo é associado à estrutura do evento<sup>11</sup>.” Em concordância com Levin e Rapaport (1995), Alexiadou, Anagnostopoulou e Schäfer (2015) assumem que as raízes, que são os componentes centrais dos significados dos verbos, têm um papel central na conceituação de eventos, conforme são expressos por verbos particulares.

A partir de uma definição dos tipos ontológicos de verbos, as raízes de modo especificam a maneira como uma ação é realizada ou um evento progride, enquanto as raízes de resultado especificam um estado de resultado. Alexiadou, Anagnostopoulou e Schäfer (2015, p. 13) consideram que “as raízes de resultado

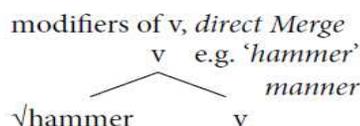
---

<sup>11</sup> “Manner and result are ontological categories that determine how verb meaning gets associated with event structure.” (ALEXIADOU; ANAGNOSTOPOLOU; SCHÄFER, 2015, p. 13).

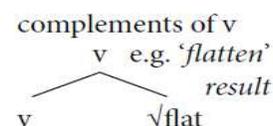
estão possivelmente envolvidas na formação de verbos de mudança de estado e verbos locativos”<sup>12</sup>.

Nesse sentido, o tipo ontológico da raiz determina a integração de verbos específicos na representação sintática, conforme se vê nas estruturas sintáticas abaixo:

(51a) raízes de modo



(51b) raízes de resultado



As raízes de modo têm a configuração estrutural como em (51a), pois são licenciadas como modificadores de v, a exemplo de *hammer*, do inglês ou “limpar”, do português. As raízes de resultado em (51b), como *flat*, do inglês ou “abrir”, do português são licenciadas como complemento de v. Nesse caso, *hammer* e “limpar” lexicalizam o modo de uma ação e *flat* e “abrir” lexicalizam o resultado.

Na sequência da derivação, a representação sintática será interpretada por meio da consulta à enciclopédia de cada língua. Essas raízes contribuem para

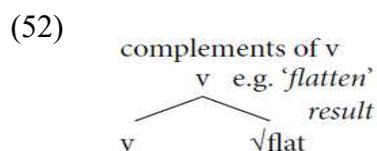
---

<sup>12</sup> “Result roots are arguably involved in the formation of change-of-state and change-of-locations verbs.” (ALEXIADOU; ANAGNOSTOPOLOU; SCHÄFER, 2015, p. 13).

o significado da estrutura devido às suas propriedades e por isso são licenciadas em camadas diferentes. Será a combinação de uma raiz com outro componente da estrutura que gerará vPs que expressam diferentes eventos.

As raízes que são licenciadas na alternância causativa são caracterizadas como raízes de resultado. Nesse caso, os verbos formados a partir dessas raízes devem admitir duas leituras: (i) uma leitura repetitiva, que indica que há uma camada de processo de uma ação desenvolvida; e (ii) uma leitura restitutiva, que indica uma camada resultativa no âmbito da sintaxe.

A presença dessas duas camadas indica que os verbos da alternância são bieventivos. E essa teoria prevê as duas leituras tanto para os verbos causativos como para os anticausativos. Com base nessa proposta de classificação das raízes verbais em raízes de modo e raízes de resultado elaborada por Alexiadou, Anagnostopoulou e Schäfer (2015), assumo a hipótese, conforme a qual as raízes verbais da língua Tenetehára-Guajajára que passam pela alternância causativa/anticausativa têm a configuração sintática como em (51b), ou seja, são raízes de resultado, licenciadas como complemento de *v*, como se vê na representação repetida abaixo:



Para explicar a alternância causativa dos verbos, Alexiadou, Anagnostopoulou e Schäfer (2015) desenvolveram certos diagnósticos no intuito de averiguarem se as estruturas dos verbos podem ser decompostas nas camadas mencionadas acima (vP e VoiceP), ou não. Nesta pesquisa, utilizarei alguns desses diagnósticos para a análise dos dados da língua Guajajára.

Nessa linha de investigação, os principais testes utilizados pelos referidos autores como ferramenta para analisar a alternância causativa dos verbos são os seguintes:

(i) não licenciamento de advérbios orientados a agente: este teste objetiva demonstrar que os anticausativos não possuem argumento externo. A seguir tem-se um exemplo:

- (53) \**The boat sank deliberately.*  
 “O barco afundou deliberadamente.”

(ALEXIADOU; ANAGNOSTOPOLOU; SCHÄFER, 2015, p. 20)

(ii) não licenciamento de controle de orações de propósito: visa mostrar que anticausativos não possuem argumento externo implícito capaz de controlar o sujeito PRO de uma cláusula de justificativa. Portanto, anticausativos não licenciam orações de controle, como se vê no exemplo abaixo:

- (54) \**The boat sank [PRO to collect the insurance].*  
 “O barco afundou [PRO para cobrar o seguro].

(ALEXIADOU; ANAGNOSTOPOLOU; SCHÄFER, 2015, p. 20)

(iii) ambiguidade com o modificador “de novo”: este teste tem como intuito mostrar que anticausativas possuem uma camada de processo e outra de resultado. Segue exemplo:

- (55) *The door opened again.*  
 “A porta abriu de novo”.

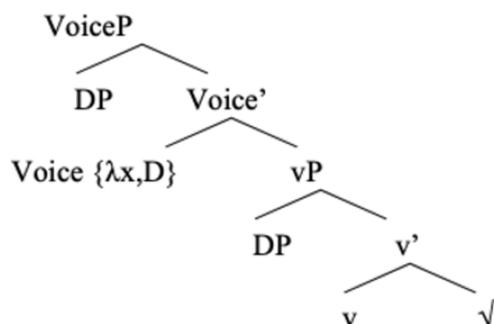
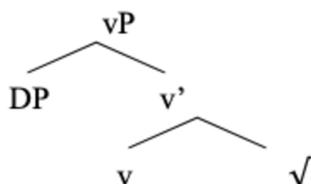
(ALEXIADOU; ANAGNOSTOPOLOU; SCHÄFER, 2015, p. 23)

(iv) distribuição de PPs de causa: tem o propósito de demonstrar que sentenças anticausativas não possuem argumento externo, mas licenciam PPs causadores, que indicam a presença de um componente de significado causativo nesses verbos. Temos um exemplo para ilustrar o teste em (56):

- (56) *The window cracked / broke from the pressure.*  
 “A janela rachou / quebrou com a pressão.”

(ALEXIADOU; ANAGNOSTOPOLOU; SCHÄFER, 2015, p. 31)

O cerne da proposta teórica de Alexiadou, Anagnostopoulou e Schäfer (2015) é que a alternância causativa constitui, ao final das contas, uma alternância de tipos de Voice, em que a variante causativa do par de verbos alternantes contém uma camada VoiceP que introduz um argumento externo na sua estrutura, enquanto a variante anticausativa não o contém, conforme mostram as estruturas sintáticas abstratas delineadas abaixo:

(57a) **Estrutura causativa**(57b) **estrutura anticausativa**

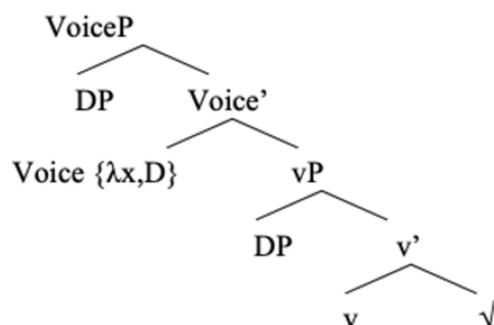
Vale ressaltar que muitas línguas possuem classes distintas de verbos anticausativos. Assim sendo, há anticausativos que não apresentam marca morfológica extra, enquanto observa-se que há anticausativos que são marcados morfológicamente. Essa proposta levou os autores a investigar mais a fundo a estrutura sintática abstrata de verbos anticausativos.

Para explicar a estrutura desses verbos anticausativos marcados, Alexiadou, Anagnostopoulou e Schäfer (2015) assumem que tais verbos contém uma camada de voz adicional em sua estrutura. Contudo, essa camada de voz em

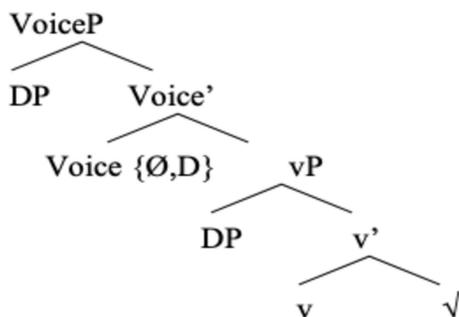
anticausativos marcados morfológicamente deve ser considerada, consoante Schäfer (2008), como voz expletiva, ou seja, semanticamente defectiva.

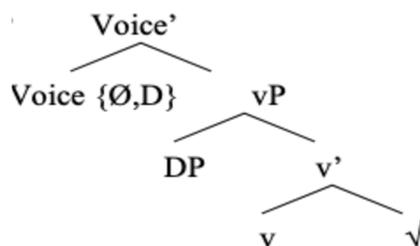
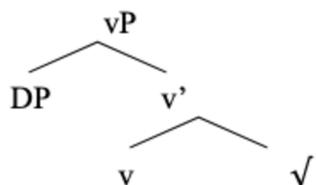
Desse modo, assumindo os pressupostos da abordagem da Morfologia Distribuída no tratamento da estrutura argumental, Alexiadou, Anagnostopoulou e Schäfer (2015) propõem as seguintes estruturas abstratas que as sentenças causativas e anticausativas apresentam:

(58a) **causativas**



(58b) **anticausativa com marcação morfológica ativa**



(58c) **anticausativa com marcação morfológica expletiva**(58d) **anticausativa sem marcação morfológica**

Outro ponto de destaque nessa abordagem (já mencionado antes) é que causativos e anticausativos não são diferentes quanto à decomposição de eventos, pois ambos contêm em sua estrutura um evento de causa, considerando que anticausativos licenciam causadores. Alexiadou, Anagnostopoulou e Schäfer (2015) enfatizam que embora os predicados anticausativos careçam de um argumento externo implícito (isto é, não possuem agentividade), eles envolvem um componente de causa e, portanto, causativos e anticausativos diferem apenas em relação à presença *vs.* ausência de uma camada que introduz o argumento externo, qual seja, VoiceP.<sup>13</sup>

<sup>13</sup> De acordo com Alexiadou, Anagnostopoulou e Schäfer (2015, p. 18): “We show that while indeed anticausative predicates lack agentivity, they do involve a cause component, and hence

Quanto às sentenças intransitivas, embora tenham argumento externo ausente, podem licenciar causadores por meio de preposições (PPs). Nesse sentido, os causadores DPs e PPs, embora sendo diferentes, terão a mesma contribuição semântica.

Acompanhando o essencial da proposta de Levin e Rapaport Hovav (1995) e Schäfer (2006), Alexiadou, Anagnostopoulou e Schäfer (2015) explicam que os verbos de alternância causativa são compatíveis com sujeito agente, instrumento e sujeito causador na versão transitiva. Já a versão anticausativa não contém um sujeito com essas propriedades.

A proposta de Alexiadou, Anagnostopoulou e Schäfer (2015) para a alternância causativa, a qual adoto como fundamento para as análises na língua Guajajára nesse trabalho, pode ser sintetizada por meio de três conclusões principais:

- (i) os causativos e os anticausativos não diferem em termos de complexidade e decomposição de eventos, somente quanto ao licenciamento ou não de VoiceP que introduz o argumento externo. Nesse caso, os verbos anticausativos embora não tenham

---

causatives and anticausatives do not differ in terms of event complexity or event decomposition, but only in the presence vs. absence of the layer introducing the external argument, which we assume to be VoiceP, following Kratzer (1996).”

agente, envolvem um componente de causa que pode ser representado por causadores PPs licenciados por vP;

- (ii) as línguas naturais podem apresentar anticausativas marcadas morfológicamente e não marcadas. As estruturas anticausativas marcadas morfológicamente licenciam uma projeção VoiceP com característica expletiva, em cujo núcleo a morfologia de voz anticausativa se aloja, enquanto as anticausativas não marcadas não licenciam Voice;
- (iii) tanto causativos quanto anticausativos contêm em sua estrutura um evento e um estado resultante. Esse evento é, por sua vez, semanticamente causativo nas duas variantes da alternância, pois licencia argumentos causadores analisados não como DPs, mas como modificadores PPs.

Esses autores estudam a alternância causativa com verbos de mudança de estado, os quais constituem uma classe semântica que admite a alternância causativa. Consoante a proposta acima delineada, esses verbos têm uma estrutura de eventos complexa que envolve um predicado de resultado estativo e um ou mais predicados de eventos.

Tendo em conta a proposta de Alexiadou, Anagnostopoulou e Schäfer (2006; 2015), analiso os verbos de mudança de estado da língua Guajajára que passam pela alternância causativa, com foco para as sentenças anticausativas. O intuito é demonstrar que: (i) os verbos dessas sentenças possuem uma estrutura complexa na camada *vP* tanto em causativas, como em anticausativas marcadas e não marcadas; (ii) que a morfologia de voz anticausativa licencia um núcleo Voice expletivo.

Na próxima seção, será feita a descrição da estrutura sintática das sentenças causativas e anticausativas nas quais figuram esses verbos de mudança de estado e a descrição tipológica dessas estruturas, mediante a demonstração de exemplos de algumas línguas e, especialmente, do Guajajára.

### **3.3 RESUMO DO CAPÍTULO**

Este capítulo objetivou apresentar os pressupostos teóricos que servem de fundamento para a pesquisa sobre a alternância causativa na língua Tenetehára-Guajajára. No intuito de alcançar os objetivos principais voltados ao estudo da estrutura e do comportamento sintático das sentenças anticausativas que figuram na alternância causativa na referida língua, optou-se pelo suporte do modelo gerativo da Morfologia Distribuída. Este modelo auxilia no estudo sobre

a estrutura de argumentos e das condições de licenciamento das raízes verbais que passam pela alternância causativa. Nesse capítulo também faço uma explanação sobre a alternância causativa e sobre a proposta teórica de Alexiadou, Anagnostopoulou e Schäfer (2015) aplicada a esse fenômeno em algumas línguas, a qual sigo como base principal. A abordagem sobre a alternância causativa dos referidos autores segue os princípios da Morfologia distribuída e, em tendo isso em conta, se adequa aos objetivos a que me proponho nesta tese.

**PARTE IV**  
**APRESENTAÇÃO DOS DADOS**

## CAPÍTULO 4: A SINTAXE DAS CAUSATIVAS E ANTICAUSATIVAS

---

Este capítulo tem por objetivo apresentar uma descrição de como as sentenças causativas e anticausativas se realizam da língua Tenetehára-Guajajára. Essa apresentação ajudará na proposta teórica que será delineada posteriormente sobre as sentenças anticausativas que figuram no par alternante. O fenômeno da alternância causativa na referida língua se manifesta por meio de sentenças causativas e anticausativas marcadas morfologicamente e não marcadas, consoante os exemplos abaixo:

### Anticausativa marcada

- (59a) *Ma'e*            *h-o'o-kwer*            *tykwer*            *i-ze-zuwa-katu*  
 coisa            3-carne-PASS            caldo            3-AC-engrossar-INTS  
 “O caldo da carne (se) engrossou.”

### Causativa morfológica

- (59b) *Mari u-mu-zuwa-katu*            *ma'e*    *tykwer*            *ipuhàpuhàg*    *pupe*  
 Maria 3-CAUS-engrossar-INTS    coisa    caldo            temperos            com  
 “Maria engrossou o caldo com temperos.”

### Anticausativa não marcada

- (60a) *u-kaz*            *ka'a*            *huwer xinigwer*  
 3-queimar            folha            secas  
 “As folhas queimaram.”

### Causativa lexical

- (60b) *Jessivan u-wapy ka'a huwer xinigwer*  
 Jessivan 3-queimar folhas secas  
 “Jessivan queimou as folhas secas.”

Neste capítulo, interessa-nos apresentar os dois tipos de causativos que existem na Tenetehára-Guajajára, quais sejam, causativos lexicais e causativos morfológicos, para melhor compreensão do leitor sobre essas estruturas que compõem a alternância causativa. Em seguida, descrevo as sentenças anticausativas da língua, as quais são o foco principal desta tese. Para tal, primeiro apresento as anticausativas marcadas pelo morfema anticausativo {ze-} e, em seguida, as anticausativas não marcadas morfológicamente.

O capítulo está organizado em 3 seções, a saber: na seção 4.1 caracterizo as sentenças causativas a partir da tipologia estabelecida por Comrie (1989) e na subseção 4.1.1 apresento os dados do Tenetehára-Guajajára. Na seção 4.2 caracterizo as sentenças anticausativas marcadas morfológicamente e as não marcadas, seguindo com a subseção 4.2.1 na qual exponho os dados de anticausativas da língua Tenetehára-Guajajára que servirão para análise. E, por fim, na seção 4.3 apresento o resumo do capítulo.

#### 4.1 CAUSATIVAS

Como discutido na seção 3.2.1, a alternância causativa é marcada pela alternância de transitividade verbal, na qual figura uma sentença transitiva e outra intransitiva. A sentença causativa se refere à estrutura transitiva que participa do par alternante, assim como se vê nos dados do português.

(61a) Ana abriu a porta.

(61b) A porta abriu.

A sentença (61a) constitui a estrutura transitiva. Nesse caso, a versão transitiva do verbo “abrir” tem um significado causativo que está relacionado lexicalmente ao sentido da sua forma inacusativa em (61b). Além disso, ao objeto da versão transitiva e ao sujeito da versão intransitiva são atribuídos o mesmo papel semântico de afetado.

Em uma estrutura causativa, como a (61a), conforme Kratzer (1996), a relação entre o verbo da sentença e seu argumento externo é mediada pelo argumento evento. Essa autora desenvolveu uma proposta teórica que assume que os argumentos externos são introduzidos nas sentenças por um núcleo funcional diferente de VP, mais precisamente ela propõe o núcleo Voice, o qual se combina com a proposição compreendida pelo complexo  $v_{\text{cause}}+V+\text{raiz}$ . Nesse

caso, a projeção Voice deve ser a projeção localizada imediatamente acima do vP, considerando que é sintaticamente independente dessa projeção.

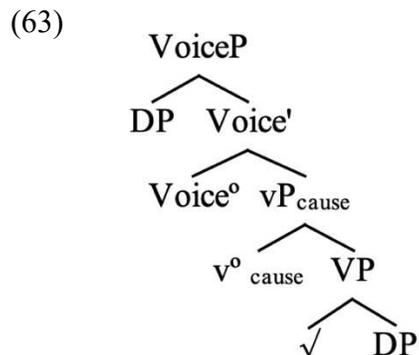
Em contribuição à proposta de Kratzer, Pylkkänen (2002; 2008) destaca que em todas as estruturas causativas deve haver, além de um núcleo Voice<sup>o</sup>, um núcleo Cause<sup>o</sup>. O Voice<sup>o</sup> irá introduzir o argumento externo, enquanto Cause<sup>o</sup> é o núcleo relacional que ligará o evento da causação ao evento causado.

No que tange à decomposição de eventos das sentenças causativas, Schäfer (2008), seguindo Kratzer (1996) e Pylkkänen (2008), explica que essas estruturas projetam um Voice responsável pela introdução do argumento externo, localizado acima de CAUSE. O predicado CAUSE é responsável pelo evento da causação. Abaixo segue a decomposição proposta por Schäfer (2008):

(62) *The abstract decomposition of causatives*

[DP<sub>ext.arg</sub> VOICE [CAUS [ $\sqrt{\text{Root}}$  + DP<sub>theme</sub>]]] (SCHÄFER, 2008 p.140)

Como se vê na decomposição acima, o Voice não introduz nenhum evento, mas sim um argumento externo, em Spec-Voice, que manterá uma relação com o evento em posição de complemento de Voice<sup>o</sup>, ou seja, a projeção CauseP é selecionada pelo núcleo Voice, conforme abaixo:



Essas sentenças causativas podem licenciar como argumento externo um DP “agente”, uma “causa” ou mesmo um DP com papel temático de “instrumento”. Consoante Alexiadou, Anagnostopolou e Schäfer (2006), é a presença da propriedade [+AG] ou [-AG] no núcleo Voice que será a propriedade semântica responsável pelo licenciamento de argumentos externos “agente”, “causador” ou “instrumento” em estruturas causativas.

Com vistas a uma caracterização tipológica das sentenças causativas, Comrie (1989) destacou três formas estratégicas de realização do processo de causativização, a saber: causativização lexical, causativização analítica ou perifrástica e causativização morfológica.

Na causativização lexical, o predicado sofre ampliação de valência e não recebe nenhuma morfologia especial afixada em sua estrutura morfológica. Segundo Comrie (1989), são dois os tipos de causativas lexicais, quais sejam: (i) causativas lexicais homônimas, quando não há alteração na forma verbal

transitiva em relação à sua contraparte intransitiva; (ii) causativas lexicais heterônimas, quando as formas verbais do par alternante são diferentes morfologicamente. Seguem alguns exemplos:

### **Causativas lexicais homônimas**

#### **Inglês**

(64a) *The chair broke*  
 “A cadeira quebrou.”

(64b) *The girl broke chair*  
 “A garota quebrou a cadeira.”

#### **Português**

(65a) Maria queimou as folhas secas no quintal.

(65b) As folhas secas queimaram.

### **Causativas lexicais heterônimas**

#### **Inglês**

(66a) *The jaguar died*  
 “A onça morreu.”

(66b) *The hunter killed the jaguar*  
 “O caçador matou a onça.”

#### **Português**

(67a) O peixe caiu.

(67b) O homem derrubou o peixe.

Em (64) e (65), temos exemplos de causativas homônimas em inglês (*broke*) e português (queimar), em que a forma verbal não apresenta diferença do verbo anticausativo para o causativo. Em (66) e (67), os verbos causativos do inglês (*died / killed*) e do português (caiu / derrubou) são diferentes de suas variantes anticausativas, sendo, portanto, considerados heterônimos.

No processo de causativização analítico ou perifrástico, as sentenças são complexas, ou seja, são estruturadas a partir da junção de um verbo auxiliar (como “fazer”, “causar”, “mandar”) e um verbo lexical, promovendo aumento de valência verbal. Comrie (1989) explica que nessas estruturas perifrásticas os predicados de causa e de efeito se encontram separados. Os dados do português ilustram esse tipo de sentença em seguida:

(68a) A criança caiu.

(68b) Eu fiz a criança cair.

Nos exemplos em (68), a causativização analítica no português se dá por meio da junção do verbo auxiliar “fazer” ao verbo lexical “cair”. Nesse caso, o predicado “fiz” responsável pela causação está sintaticamente separado do predicado de efeito “cair”.

Quanto à causativização morfológica, o verbo transitivo sofre aumento de valência por meio da adição de um morfema causativo. Em (69) temos um exemplo da língua Karitiana, do tronco Tupí, falada no estado de Rondônia, retirado de Rocha (2014, p. 185):

- (69a) *Ø-py-pikowogng-a-n*                      *õwã*  
 3-ASSERT-deslizar-VT-NFUT    criança  
 “A criança deslizou.”
- (69b) *Ø-py-m-pikowogng-a-n*                      *õwã*                      *taso*  
 3-ASSERT-CAUS-deslizar-VT- NFUT    criança                      homem  
 “O homem fez a criança deslizar”/ “O homem deslizou a criança.”

Os dados acima da língua Karitiana mostram o verbo intransitivo *pikowogng* “deslizar” sendo causativizado pelo morfema {*m-*} em (69b). Por meio do acréscimo do morfema, o referido verbo tem a valência aumentada e o sentido passa de *pikowogngan* “deslizar” para *mpikowogngan* “fazer deslizar”.

O fenômeno da causativização é comum entre as línguas humanas e pode variar de uma língua para outra. A seguir caracterizo as sentenças causativas da língua Guajajára.

#### 4.1.1 CAUSATIVAS EM TENETEHÁRA-GUAJAJÁRA

A língua Tenetehára-Guajajára apresenta dois tipos de estruturas causativas, seguindo a terminologia de Comrie (1989), quais sejam: (i) causativas lexicais; e (ii) causativas morfológicas.

Conforme visto, as causativas lexicais podem ser classificadas em dois subtipos, que são: homônimas e heterônimas. Adotando essa classificação para os dados do Guajajára, são elencadas abaixo algumas sentenças causativas homônimas e heterônimas nos exemplos em (b):

##### Causativas lexicais homônimas em Tenetehára-Guajajára

(70a) *u-pe'ág akuti tyrywa a'e*  
 3-partir tuturubá 3  
 “A tuturubá partiu.”

(70b) *Heru u-pe'ág akuti tyrywa wemimutar rupi*  
 meu pai 3-partir tuturubá de propósito PSP  
 “Meu pai partiu a tuturubá de propósito.”

(71a) *Ywytu u-pytym uken*  
 vento 3-fechar porta  
 “O vento fechou a porta.”

(71b) *u-ze-pytym uken*  
 3-AC-fechar porta  
 “A porta fechou.”

### Causativas lexicais heterônimas em Tenetehára-Guajajára

- (72a) *u-pen*            *takyhe*  
 3-quebrar        faca  
 “A faca quebrou.”
- (72b) *a-zuhaw*        *takyhe*            *he-wemimutar*        *rupi*  
 1-quebrar        faca            1 SG-de propósito        PSP  
 “Eu quebrei a faca de propósito.”
- (73a) *u-zyw*            *ma'e*            *h-o'o-kwer*  
 3-assar            coisa            3-carne-PASS  
 “A carne assou.”
- (73b) *u-mi'hir*        *ma'e*        *h-o'o-kwer*            *a'e*        *wà*  
 3-assar            coisa        3-carne-PASS            3        PL  
 “Eles assaram a carne.”

As sentenças em (70b) e (71b) são classificadas como causativas lexicais homônimas, pois os verbos *pe'àg* “partir” e *pytym* “fechar” assumem a mesma forma lexical nos pares causativo e anticausativo. No entanto, os verbos das sentenças (72a e b) *pen / zuhaw* “quebrar” e (73a e b) *zyw / mi'hir* “assar” apresentam formas heterogênea, sendo considerados, dessa forma, como causativos heterônimos.

Camargos (2013; 2017) elaborou uma pesquisa detalhada sobre as sentenças causativas na língua Tenetehára-Guajajára. Em conformidade com sua investigação, a causativização morfológica na língua Guajajára ocorre por meio de dois morfemas que promovem o aumento de valência do verbo, quais sejam:

o morfema {*mu-*} que aumenta a valência de verbos inergativos e inacusativos e do morfema {-(*u*)*kar*} que causativiza verbos transitivos. Veja alguns exemplos:

**Morfema causativo {*mu-*}**

(74a) *Ywy i-zipiw*  
chão 3-sujar  
“O chão sujou.”

(74b) *Kwarer u-mu-zipiw ywy awaxi memek pe wà*  
criança 3-CAUS-sujar chão milho mingau com PL  
“As crianças sujaram o chão com o mingau de milho.”

(75a) *u-'i topoz ete a'e*  
3-rasgar saia 3  
“A saia rasgou.”

(75b) *Kuzà u-mu-'i topoz ete a'e*  
mulher 3-CAUS-rasgar saia 3  
“A mulher rasgou a saia.”

**Morfema causativo {-(*u*)*kar*}**

(76a) *Kanu u-zapyk yryhu rupi*  
barco 3-afundar rio PERF  
“O barco afundou no rio.”

(76b) *Awa u-zapyk-kar kanu yryhu rupi a'e wà*  
homem 3-afundar-CAUS barco rio PSP 3 PL  
“Os homens fizeram o barco afundar no rio.”

(77a) *Ikàg temy'har a'e wà kury*  
3-secar roupa ela PL agora  
“As roupas secaram.”

(77b) *Kwarahy u-mu-kàg-kar temy'har*  
sol 3-CAUS-secar-CAUS roupas  
“O sol fez as roupas secarem.”

Observa-se que em (74b) e (75b) os verbos intransitivos deadjetivais *zipiw* “sujar” e *'i* “rasgar” recebem o morfema causativo {*mu-*} e passam a projetar dois argumentos. Como é possível observar, com os referidos verbos ocorre uma causação direta do sujeito sobre a ação desenvolvida pelo verbo, confirmando a proposta de Camargos (2017, p. 29), segundo a qual “o prefixo {*mu-*} introduz uma semântica de causativa direta”.

No exemplo (76b), o verbo *zapyppy* “afundar” é causativizado pelo sufixo {-*kar*}. Seguindo Camargos (2017), acontece com esse verbo uma causação indireta, em que não há a ação direta do sujeito sobre o evento<sup>14</sup>, pois {-(*u*)*kar*} tem a propriedade de introduzir uma semântica de causativa indireta.

Com o verbo *kàg* “secar” no exemplo em (77b) identifica-se uma dupla causativização pelos morfemas {*mu-*} e {-*kar*}<sup>15</sup>. Nesse contexto, ocorre primeiro a transitivização do verbo por meio do prefixo {*mu-*} e em seguida o verbo é causativizado pelo morfema {-*kar*}, resultando em uma causação

---

<sup>14</sup> A elicitación do dado linguístico encontrado em (76b), qual seja, *Awa uzapyppykar kanu yryhu rupi a'e wà*, deu-se a partir do seguinte contexto situacional apresentado ao falante: “Dois homens resolveram transportar uma carga de tijolos em um barco velho. Porém, nenhum dos dois observou que o barco estava com uma pequena rachadura no fundo e logo começaram a carregar com os tijolos. Pouco tempo depois que saíram remando, observaram que o barco estava afundando e, como perceberam não conseguiriam chegar ao destino e nem impedir que o barco afundasse totalmente, pularam na água e voltaram nadando. Por falta de atenção, os homens afundaram o barco no rio e perderam a carga de tijolos.

<sup>15</sup> Para maior conhecimento da estrutura e comportamento sintático das sentenças causativas na língua Tenetehára-Guajajára, indica-se os trabalhos de Camargos (2013; 2017).

indireta. De acordo com Camargos (2017), a causação indireta é marcada pela dupla causativização quando o predicado básico for intransitivo.

Os processos de causativização, tal como mostrados, promovem o aumento da valência dos verbos em mais um argumento, de maneira que esse novo argumento passa a ocupar a posição de sujeito na estrutura argumental e o argumento da construção intransitiva se torna o objeto da versão causativizada.

Neste estudo, darei enfoque para as estruturas anticausativas com vistas a compreender o comportamento sintático e a estrutura argumental dessas sentenças. A seguir faço uma descrição das sentenças anticausativas em Guajará e a apresentação de uma tipologia para estas.

## **4.2 ANTICAUSATIVAS**

O termo “anticausativas” é usado nas teorias sintáticas para se referir às sentenças intransitivas do par que figura na alternância causativa/anticausativa.

Retomando o par de sentenças apresentadas em (37), tem-se:

(78a) A janela fechou.

(78b) Ana fechou a janela.

O verbo “fechar” na sentença anticausativa (78a) dispõe de apenas um argumento, qual seja, o argumento interno “a janela”. Pode-se observar que o único argumento do verbo intransitivo nessa sentença tem a mesma relação temática com o verbo que o objeto da variante transitiva, isto é, o “tema”.

Como o objeto da variante causativa é o sujeito da variante anticausativa, evidencia-se que os verbos anticausativos são formas prototípicas de verbos inacusativos. Nesse sentido, verbos anticausativos e inacusativos compartilham algumas características estruturais, quais sejam: (i) dispõem de um único argumento interno; (ii) o argumento interno recebe papel temático de tema.

Do ponto de vista estrutural, as sentenças anticausativas são formadas a partir do licenciamento apenas do argumento interno ao VP. Assim, não é possível recuperar o argumento externo agente da causação, diferentemente do que ocorre com as passivas, que possuem um argumento externo implícito em sua estrutura.

Schäfer (2008) argumenta que os anticausativos não são diferentes dos causativos no que diz respeito à complexidade e à decomposição de eventos, pois ambos possuem um núcleo  $v_{\text{cause}}$  em sua estrutura. Assim, temos a decomposição semântica das anticausativas em (79):

(79) *The abstract decomposition of anticausatives*

[CAUSE [Root + DPtheme]

(SCHÄFER, 2008 p.140)

Todavia, no âmbito da proposta desses estudiosos, os anticausativos marcados fornecem evidências morfossintáticas para a presença de uma camada de voz, porém, eles não mostram nenhuma indicação semântica da presença de um argumento externo. Para explicar tais propriedades, Alexiadou, Anagnostopoulou e Schäfer (2006; 2015) e Schäfer (2008) propuseram que os anticausativos marcados morfologicamente envolvem uma projeção de Voice não temática, isto é, um Voice expletivo.

Nesse caso, o Voice expletivo não adiciona nenhuma semântica à frase verbal com a qual se combina. Difere, assim, do Voice temático presente em causativas, que introduz uma variável de argumento externo para o evento expresso pela frase verbal, o qual pode ser interpretado como um agente, uma causa ou um instrumento.

Alexiadou, Anagnostopoulou e Schäfer (2015) apresentam alguns testes que diagnosticam a ausência sintática de um argumento externo agente implícito nas sentenças anticausativas, os quais são mostrados a seguir:

a) licenciamento de *by-phrases*: anticausativas não permitem a modificação com *by-phrases*.

- (80) \**The ship sank by Bill/by the hurricane.*  
 “O navio afundou por Bill/pelo furacão.”

(ALEXIADOU; ANAGNOSTOPOLOU; SCHÄFER, 2015, p. 20)

- (81) \**u-pen*      *João*      *izywa*      *Pedro*      *pe*      *a'e*  
 3-quebrar      João      braço      Pedro      por      3  
 “O braço do João quebrou por Pedro.”

b) incompatibilidade com advérbios agentivos: advérbios orientados a agentes, como “deliberadamente”, “de propósito” estão associados a um agente implícito e por isso não podem aparecer em sentenças anticausativas.

- (82) \**The boat sank deliberately.*  
 “O barco afundou deliberadamente.”

(ALEXIADOU; ANAGNOSTOPOLOU; SCHÄFER, 2015, p. 20)

- (83) \**u-pen*      *takyhe*      *wemimutar*      *rupi*  
 3-quebrar      faca      de propósito      PERF  
 “A faca quebrou de propósito.”

c) Licenciamento de PPs instrumentais: anticausativas não licenciam PPs instrumentais, pois estes argumentos ficam sob o controle de um argumento externo.

- (84) \**The window broke with a hammer.*  
 “A janela quebrou com um martelo.”

(ALEXIADOU; ANAGNOSTOPOLOU; SCHÄFER, 2015, p. 20)

- (85) \**wàhu*      *u-ze-pe'àg*      *takyhe*      *puku*      *pe*  
 coco      3-AC-partir      faca      comprido      com  
 “O coco quebrou com um facão.”

d) Licenciamento de *by itself*: as sentenças anticausativas licenciam a frase adverbial *by itself* (“por si só”, “sozinho”), o que significa que ninguém ou nada pode ser identificado como agente do evento expresso pelo verbo.

- (86) \**The door broke by itself.*  
 “A porta quebrou sozinha”.

(ALEXIADOU; ANAGNOSTOPOLOU; SCHÄFER, 2015, p. 20)

- (87) \**u-ze-pe'àg*      *wàhu*      *a'e*      *a'e*  
 3-AC-partir      coco      DEM      3  
 “O coco partiu por ele mesmo.”

Esses testes concluem que os anticausativos acima não possuem um argumento implícito agentivo. O último teste mostrado, segundo Alexiadou, Anagnostopolou e Schäfer (2015) corrobora essa conclusão, pois evidencia que o licenciamento da frase *by itself* é sensível à presença de qualquer tipo de argumento externo implícito na sentença, ou seja, rejeita a participação de um causador do evento.

Com os resultados dos testes, identifica-se como outra propriedade das anticausativas a característica de não possuírem um agente, já que não aceitam *by-phrases*, advérbios agentivos e orações de propósito.

Como frisado, quanto à estrutura de argumentos, as sentenças anticausativas não possuem argumento externo. Contudo, conforme Alexiadou, Anagnostopoulou e Schäfer (2006; 2015) e Schäfer (2008), essas sentenças licenciam PPs de causa e eventos causadores, como é possível verificar no exemplo do grego a seguir:

- (88) *Ta ruxa stegnosan apo / me ton ilio.*  
 the clothes dried.ACT from / with the sun  
 “The clothes dried from the sun.”

ALEXIADOU; ANAGNOSTOPOLOU; SCHÄFER, 2015, p. 34)

Com base nessa característica presente em anticausativas quanto ao licenciamento de PPs causadores, os autores evidenciaram a presença de um núcleo *v* causativo nessas sentenças tanto marcadas como não marcadas em diferentes línguas. No que diz respeito ao argumento causador do evento, isto é, o argumento externo com papel temático de agente, este é ausente nas sentenças com os verbos anticausativos.

Carvalho (2016) exemplifica que no português esses PPs são encabeçados pela preposição “com” (“com o vento”, “com a força de Maria”) e

somente causas e eventos causadores podem ser recuperados com esse tipo de adjunto, como em (89):

(89a) O portão abriu com o vento.

(89b) O portão abriu com a força de Maria.

(CARVALHO, 2016, p. 94)

Já em relação à tipologia, os anticausativos podem se apresentar nas línguas em duas classes diferentes, isto é, marcados e não marcados. Os anticausativos marcados são aqueles que apresentam morfologia especial extra, como por exemplo afixos e pronomes clíticos; enquanto os anticausativos não marcados não apresentam nenhuma marca morfológica. Considerem-se os exemplos a seguir:

### **Anticausativas marcadas**

#### **Tenetehára**

(90) *u-ze-pe'àg wàhu a'e*  
 3-AC-partir coco ele  
 “O coco (se) partiu.”

#### **Grego**

(91) *I supa keg.ete*  
 the soup.NOM burns.NACT  
 “The soup is burning.”

(ALEXIADOU; ANAGNOSTOPOLOU; SCHÄFER, 2015, p. 19)

### Anticausativas não marcadas

#### Inglês

- (92) *The window broke.*  
 “A janela quebrou.”

#### Português

- (93) A carne assou.

Nos exemplos de (90) a (91), temos sentenças anticausativas marcadas e não marcadas. Em (90), a língua Tenetehára marca o verbo *pe'ág* “partiu” com o afixo {*ze-*}. Na sentença do grego em (91), o verbo é marcado com morfologia não ativa (NAct). Em (92), o verbo intransitivo da sentença anticausativa em inglês não tem marca morfológica no verbo *broke* “quebrou”. E no último exemplo em (93), o português também não marca morfológicamente o verbo intransitivo “assou”.

Segundo Haspelmath (1993), todas as línguas que possuem duas classes de anticausativos, como é o caso do Tenetehára, por exemplo, a variação não é totalmente aleatória. Para esse autor, essa subdivisão tem a ver com a natureza semântica dos verbos e destaca especialmente os verbos que denotam eventos de mudança de estado, pois tais eventos devem ser organizados em uma escala de ordem decrescente de espontaneidade.

Haspelmath (1993) propõe que a marcação morfológica das anticausativas marcadas está relacionada com o ingrediente semântico espontaneidade ou não dos eventos expressos por verbos anticausativos. Assim, línguas tendem a marcar iconicamente as versões anticausativas de verbos que expressam eventos que são menos espontâneos.

Alexiadou, Anagnostopoulou e Schäfer (2015) também explicam que a marcação de anticausativos pode dever-se a critérios como a espontaneidade ou a categoria ontológica da raiz. Esses autores concluem que, embora a distribuição da morfologia anticausativa seja basicamente desencadeada por considerações da conceituação de espontaneidade, deve-se considerar também o vestígio de informação lexical das raízes verbais que são combinadas com a voz presente nessas estruturas.

#### **4.2.1 ANTICAUSATIVAS EM TENETEHÁRA-GUAJAJÁRA**

Em conformidade com Schäfer (2008), as línguas podem apresentar anticausativos marcados e não marcados morfológicamente, os quais se diferenciam pela presença *versus* ausência da morfologia extra sobre os anticausativos. Seguindo essa ideia, identificam-se na língua Tenetehára-Guajajára os dois tipos de anticausativos, a saber: marcados morfológicamente

e não marcados. Esses anticausativos encontrados nos dados da referida língua podem ser organizados em duas classes específicas:

✓ Anticausativos não marcados morfológicamente – incluem os verbos que não apresentam marca morfológica extra, conforme mostram os dados que seguem:

(94) *Tàpuz*            *hakykwepe*    *i-àkym*  
 casa                atrás de            3-molhar  
 “O quintal molhou.”

(95) *I-aiw*            *Joana*            *h-emy’har*    *a’e*  
 3-estragar        Joana            R-roupa        3  
 “A roupa de Joana estragou.”

✓ Anticausativos opcionalmente marcados – enquadram verbos que apresentam duas formas de ocorrência destes nas sentenças, quais sejam, uma com o morfema anticausativo {ze-} anexado e outra sem a afixação do morfema, consoante mostram os dados a seguir:

(96a) *u-ze-pe’àg*    *akuti tyrywa*    *a’e*  
 3-AC-partir        tuturubá            3  
 “A tuturubá (se) partiu.”

(96b) *u-pe’àg*            *akuti tyrywa*    *a’e*  
 3-partir            tuturubá            3  
 “A tuturubá partiu.”

(97a) *u-ze-kamik-amik*    *he-pape*            *a’e*    *wà*  
 3-AC-amassar-RED    1SG-livro        3        PL  
 “Os meus livros (se) amassaram.”

- (97b) *u-kamik-amik*      *he-pape*      *a'è*      *wà*  
 3-amassar- RED      1SG-livro      3      PL  
 “Os meus livros amassaram.”

Os verbos anticausativos que fazem parte da alternância causativa em Guajajára que são estudados neste trabalho expressam mudança de estado. Constituem uma classe de verbos que se inserem, de acordo com sua formação, dentro do processo de causativização lexical homônima e heterônima.

Primeiramente, arrolo exemplos de pares alternantes em que os verbos anticausativos não marcados apresentam relação de heteronímia com sua contraparte causativa:

- (98a) *u-kaz*      *ka'a*      *huwer xinigwer*  
 3-queimar      folha      secas  
 “As folhas queimaram.”
- (98b) *Jessivan*      *u-wapy*      *ka'a*      *huwer xinigwer*  
 Jessivan      3-queimar      folhas      secas  
 “Jessivan queimou as folhas secas.”
- (99a) *takyhe*      *u-pen*      *Pedro*      *ikàgaw*      *pupe*  
 faca      3-quebrar      Pedro      força      com  
 “A faca quebrou com a força de Pedro.”
- (99b) *a-zuhaw*      *Pedro*      *takyhe*      *a'e*  
 1-quebrar      Pedro      faca      3  
 “Pedro quebrou a faca.”

Os pares de verbos *kaz / wapy* “queimar” e *pen / zuhaw* “quebrar” em (98) e (99), respectivamente, possuem formas lexicais diferentes em suas versões

causativa e anticausativa. A seguir são descritos exemplos de pares de verbos anticausativos não marcados que são homônimos de sua versão causativa:

(100a) *o-mog yypehar*  
 3-colar sapato  
 “O sapato colou.”

(100b) *Ana o-mog pypehar kwéhèarer*  
 Ana 3-colar sapato velho  
 “Ana colou o sapato velho.”

(101a) *u-hàz powapyw-har tamakya i'a kwer a'e*  
 3-desmanchar pulseira-NOM tiririca PASS 3  
 “A pulseira de tiririca desmanchou.”

(101b) *Ana u-mu-hàz powapyw-har tamakya i'a kwer a'e*  
 Ana 3-CAUS-desmanchar pulseira-NOM tiririca PASS 3  
 “Ana desmanchou a pulseira de tiririca.”

*Omog* “colar” em (100) e *hàz* “desmanchar” em (101) constituem anticausativos não marcados com forma lexical homônima dos predicados anticausativos com os quais alternam.

Os dados abaixo mostram sentenças com verbos anticausativos opcionalmente marcados. Nesses contextos, os verbos anticausativos se subdividem em dois subtipos: os marcados pelo prefixo {*ze-*} e os não marcados, os quais não apresentam a marca morfológica anticausativa.

(102a) *u-ze-pytym uken*  
 3-AC-fechar porta  
 “A porta (se) fechou.”

- (102b) *u-pytym uken*  
3-fechar porta  
“A porta fechou.”
- (102c) *awa u-pytym uken hàpàtymaw pupe*  
homem 3-fechar porta chave com  
“O homem fechou a porta com a chave.”
- (103a) *u-ze-piawok zapepo*  
3-AC-destampar panela  
“A panela (se) destampou.”
- (103b) *u-piawok zapepo*  
3-destampar panela  
“A panela destampou.”
- (103c) *ywytu upiawok zapepo*  
vento 3-destampar panela  
“O vento destampou a panela.”
- (104a) *u-ze-kanaw apègwer a’e*  
3-AC-dobrar pano 3  
“O pano (se) dobrou.”
- (104b) *u-kanaw apègwer a’e*  
3-dobrar pano 3  
“O pano dobrou.”
- (104c) *kuzà u-kanaw apègwer a’e*  
mulher 3-dobrar pano 3  
“A mulher dobrou o pano.”
- (105a) *u-ze-pytymawok uken*  
3-AC-abrir porta  
“A porta (se) abriu.”
- (105b) *u-pytymawok uken*  
3-abrir porta  
“A porta abriu.”

- (105c) *Ana u-pytymawok uken hàpàtymaw pupe*  
 Ana 3-abrir porta chave com  
 “Ana abriu a porta com a chave.”

As propriedades sintático-semânticas que regulam a ocorrência das sentenças anticausativas não marcadas morfológicamente e marcadas por meio do prefixo causativo {*ze-*} serão analisadas com mais detalhe no capítulo da proposta teórica.

### 4.3 RESUMO DO CAPÍTULO

Este capítulo teve por objetivo apresentar os dados da língua Guajajára que são analisados sob a abordagem da alternância causativa. Para isso, foi dividido em subseções destinadas ao estudo das causativas e das anticausativas e dentro de cada subseção específica foram apresentados os dados do Guajajára a respeito das tipologias de cada estrutura. Demonstrou-se uma classificação tipológica para cada grupo de sentenças, a saber: i) para as causativas seguiu-se a tipologia estabelecida por Comrie (1989), qual seja, causativas lexicais, causativas analíticas ou perifrásticas e causativas morfológicas; ii) para as anticausativas adotou-se a classificação de Alexiadou, Anagnostopoulou e Schäfer (2015) e Schäfer (2008) em anticausativas marcadas morfológicamente e anticausativas não marcadas.

## **CAPÍTULO 5:**

### **CONSTRUÇÕES REFLEXIVAS**

---

Neste capítulo examino as construções reflexivas na língua Tenetehára-Guajajára, tendo em vista que essas sentenças compartilham a mesma forma morfológica que as anticausativas, qual seja, o prefixo {ze-}. O objetivo é investigar o estatuto desse morfema, assim como a natureza do núcleo Voice em construções reflexivas e anticausativas. Iniciarei discorrendo sobre conceito e características da sentença reflexiva, apresentando alguns tipos de reflexivizadores sob a perspectiva da tipologia proposta por Haspelmath (2019). Em seguida demonstro os tipos de sentenças reflexivas da língua Guajajára, quais sejam: reflexivas marcadas pelo morfema de voz reflexiva {ze-} e reflexivas não marcadas morfológicamente. E por fim, desenvolvo uma análise sobre o sincretismo observado entre as construções reflexivas e anticausativas na referida língua, tomando por base a proposta de Schäfer (2007) a respeito do sincretismo do pronome fraco *sich* do alemão.

O capítulo está organizado em 3 seções. Na seção 5.1 apresento a estrutura morfossintática de construções reflexivas de forma geral. Na seção 5.1.1 descrevo as construções reflexivas na língua Tenetehára-Guajajára. Na seção 5.2 discuto e analiso o sincretismo manifestado pelo morfema {ze-} entre

sentenças reflexivas e anticausativas. Finalizo com a seção 5.3 apresentando o resumo do capítulo.

## 5.1 REFLEXIVAS

Consoante Haspelmath (2019, p. 1) “uma construção reflexiva é uma construção gramatical que só pode ser usada quando dois participantes de uma sentença são correferenciais e que contém uma forma especial (um reflexivizador) que sinaliza essa correferência”<sup>16</sup>. Geralmente ocorre na sentença o fato de que um participante objeto é correferente com um participante sujeito. Vejam alguns exemplos:

(106) Maria se penteou.

(107) *Pierre se lave.*  
“Pierre se lava.”

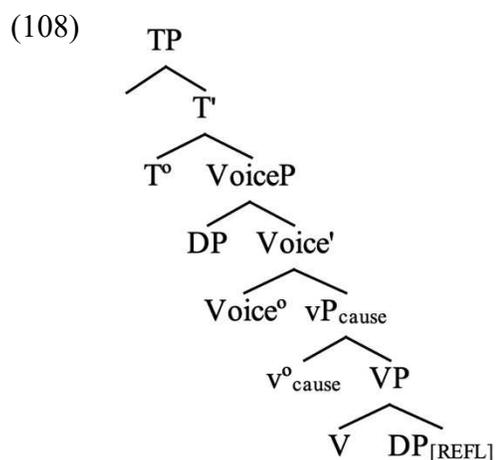
Nos dados em (106) e (107) a relação de correferência é estabelecida por um pronome clítico reflexivo, qual seja, o “se”. Em (106), o pronome “se” faz correferência com o sujeito “Maria”, enquanto no exemplo (107) a relação

---

<sup>16</sup> “A reflexive construction is a grammatical construction that can only be used when two participants of a clause are coreferential and that contains a special form (a reflexivizer) that signals this coreference”. (HASPELMATH, 2019, p. 1)

dá-se entre o participante objeto “se” e o participante sujeito “Pierre”, que têm o mesmo referente.

No que tange o processo de derivação sintática de sentenças reflexivas, Alexiadou, Anagnostopoulou e Schäfer (2015) explicam que, em uma estrutura semanticamente reflexiva como no exemplo (107) do francês “*Pierre se lave*”, o DP em Spec-VoiceP, nesse caso “Pierre”, deve se ligar ao SE-reflexivo sob uma relação de c-comando assimétrico. Segue a estrutura de acordo com a proposta de Alexiadou, Anagnostopoulou e Schäfer (2015)<sup>17</sup>:



Segundo esses autores, ocorre uma relação de *Agree*<sup>18</sup> (Chomsky, 2001) entre o DP antecedente local e o reflexivo “se”. Nesse caso, Alexiadou,

<sup>17</sup> A árvore sintática delineada em (104) é uma adaptação da estrutura de Alexiadou, Anagnostopoulou e Schäfer (2015, p. 111).

<sup>18</sup> Para mais detalhes a respeito do procedimento *Agree* entre SE-reflexivo e o antecedente, consultar Schäfer (2008), Chomsky (2001) e Alexiadou, Anagnostopoulou e Schäfer (2015).

Anagnostopolou e Schäfer (2015) assumem que o SE-reflexivo inicia a derivação com um conjunto de traços- $\phi$  não valorados. Esses traços são valorados pelo antecedente por c-comando, um DP que possui traços- $\phi$  com características- $\phi$  valoradas inerentemente. Dessa forma, o SE-reflexivo adquire uma denotação de objeto sintático (como uma variável vinculada) e a estrutura é sintática e semanticamente transitiva, pois envolve dois argumentos DPs com dois papéis temáticos diferentes.

Ainda sobre a estrutura em (108), proposta por Alexiadou, Anagnostopolou e Schäfer (2015), é consenso que uma operação *Agree* ocorra entre a sonda  $T^0$  e o argumento externo que é gerado em Spec-Voice. O resultado é que esse argumento tem seu caso valorado como nominativo. Os autores assumem, então, que o SE-reflexivo recebe caso acusativo do núcleo Voice.

Em geral, as construções reflexivas apresentam elementos reflexivizadores que indicam a impossibilidade de interpretação da referência separada. Haspelmath (2019) identifica três principais tipos de reflexivizadores, quais sejam: pronomes reflexivos (*reflexive pronoun*), marcadores de voz reflexiva (*reflexive voice marker*) e pronomes pessoais não reflexivos (*nonreflexive personal pronoun*). A seguir demonstramos alguns dados para exemplificar:

**French**

- (109) *Asma*<sub>1</sub>        *parle*        *d'*        *elle-même*<sub>1</sub>  
 Asma        talks        of        her-REFL  
 “Asma talks about herself.”

(HASPELMATH, 2019)

**Lithuanian**

- (110) *aš*        *prausi-uo-s*  
 I        wash-1SG-REFL  
 “I wash (myself).”

(HASPELMATH, 2019)

**Malay**

- (111) *Ahmat*<sub>1</sub> *tahu* [*Salmah*<sub>2</sub> *akan membeli baju untuk dirinya*<sub>1/2</sub>].  
 Ahmat. know Salmah FUT buy clothes for REFL.3SG  
 “Ahmat (M) knows that Salmah (F) will buy clothes for him/herself.”

(HASPELMATH, 2019)

No exemplo do francês em (109), o sujeito Asma é correferente do pronome reflexivo (*reflexive pronoun*) *elle-même* “ela mesma”. Nos dados do lituano em (110), o sujeito de *prausi* “lavar” refere-se à mesma pessoa que o sufixo marcador de voz reflexiva {-s} representa. Já em (111), exemplo do malaio, o pronome *dirinya* que trata de um *nonreflexive personal pronoun*, pode ser correferencial com Salmah, que é sujeito de sua oração subordinada, ou com o sujeito da oração principal Ahmat.

Já a língua Tenetehára-Guajajára apresenta como reflexivizador um prefixo marcador de voz reflexiva tal como a língua lituana descrita por

Haspelmath (2019), cujo exemplo está descrito em (110). Na seção seguinte o objetivo é descrever as construções reflexivas na língua Guajajára.

### 5.1.1 REFLEXIVAS EM TENETEHÁRA-GUAJAJÁRA

A voz reflexiva na língua Guajajára se manifesta pela presença do morfema {ze-} agregado à raiz do verbo. Seguindo a classificação de Haspelmath (2019) podemos caracterizar tal morfema como um marcador de voz reflexiva, ou seja, é um afixo verbal que indica a correferência de dois participantes de um verbo.

O marcador reflexivo {ze-} indica que o sujeito pratica e sofre a ação denotada pelo verbo. Esse morfema de voz reflexiva se junta aos verbos transitivos, como podemos verificar nos exemplos a seguir:

- (112) *awa*            *u-rekwahy*            *kwarer*            *kury*  
 Homem        3-machucar            menino            agora  
 “O homem machucou o menino agora.”

- (113) *kwarer*            *u-ze-rekw-ahy*            *u-zemaraz*        *pà*  
 Menino        3-REFL-machucar-ASP        3-brincar        GER  
  
*tàpuz*            *hakykwepe*  
 casa            atrás de  
 “O menino se machucou brincando no quintal.”

Em (112), vemos que o verbo transitivo *rekwahy* “machucar”, c-seleciona dois argumentos, o interno e o externo. Observa-se, no entanto, que no dado em (113), o prefixo reflexivo {ze-} quando é adicionado a esse verbo transitivo ocorre a diminuição do número de argumentos c-selecionados por este verbo.

A partir da análise dos dados coletados nesta pesquisa, verificou-se que embora o prefixo {ze-} seja o marcador de voz reflexiva, alguns verbos reflexivos em Guajajára podem figurar sem a presença do referido morfema. Nesse sentido, assumirei que há duas classes de verbos reflexivos nessa língua, a saber: (i) reflexivas marcadas pelo morfema {ze-} e (ii) reflexivas não marcadas morfológicamente.

A seguir arrolamos um conjunto de dados agrupados nas duas classes de sentenças reflexivas identificadas na língua Tenetehára-Guajajára:

### Reflexivas marcadas morfológicamente

- (114) *kuzatai-gwer*      *u-ze-mu-katu*      *wyra'uhaw*      *pe*  
 Menina-PAST      3-REFL-arrumar      festa do moqueado      PSP
- o-ho-haw*      *rehe*      *a'e*      *wà*  
 3-ir-NOM      C-de      3      PL  
 “As meninas se arrumaram para a ida à festa do moqueado.”
- (115) *João*      *u-ze-pihopyho*      *kyhaw*      *pe*      *zi'itahy*      *a'e*  
 João      3-REFL-esticar      rede      em      manhã      3  
 “João se esticou na rede de manhã.”

- (116) *Joana u-ze-m-akym àmàm pe*  
 Joana 3-REFL-CAUS-molhar chuva em  
 “Joana se molhou na chuva.”
- (117) *u-ze-mupinim kuzatai mynykaw pe o-ho*  
 3-REFL-pintar menina festa moqueado POSP 3-ir  
  
*mehe a'e*  
 quando 3  
 “A menina se pintou quando foi para a festa do moqueado.”
- (118) *Maria u-ze-mu-katu-wer a'e*  
 Maria 3-REFL-limpar-DESID 3  
 “Maria se limpou.”

### Reflexivas não marcadas morfologicamente

- (119) *Maria u-aw o-ho ku'em ete'ai*  
 Maria 3-deitar 3-ir noite tarde  
  
*mehe a'e*  
 quando 3  
 “Maria se deitou quando era tarde da noite.”
- (120) *kwarer u-zahak yrykaw r-upi zi'it-ahy*  
 menino 3-banhar rio R-em cedo-INTENS  
 “O menino se banhou no rio de manhã.”
- (121) *u-zuhez kuzatai*  
 3-lavar menina  
 “A menina se lavou.”
- (122) *Ana u-pu'àm ku'em etea'i mehe kyhaw*  
 Ana 3-levantar manhã quase quando rede  
 “Ana se levantou da rede quando era de madrugada.”

- (123) *ywy*            *r-ehe*            *awa*            *u-wapyk*            *a'e*  
 chão            R-em            homem            3-sentar            3  
 “O homem se sentou no chão.”

No primeiro grupo de sentenças os verbos ocorrem obrigatoriamente com o marcador de voz reflexiva {ze-} adicionado a cada raiz. Quanto ao segundo grupo, observa-se que os verbos não ocorrem com a marca reflexivizadora.

Outra propriedade do morfema reflexivo {ze-} em Guajajára é a possibilidade que essa marca reflexivizadora tem de ocorrer em diferentes contextos, sem fazer distinção de gênero ou número. Nesse caso, {ze-} ocorre nos contextos reflexivos a saber: 1ª pessoa do singular; 1ª pessoa do plural; 3ª pessoa do singular. Veja alguns exemplos:

- (124a) *a-ze-apy*            *tata*            *hupi*            *ihe*  
 1SG-REFL            fogo            PSP            1SG  
 “Eu me queimei no fogo.”

- (124b) *Maria*            *u-ze-apy*            *tata*            *rehe*            *a'e*  
 Maria            3-REFL-queimar            fogo            PSP            3  
 “Maria se queimou no fogo.”

- (124c) *uru-ze-apy*            *tata*            *pupe*            *kury*  
 1PL-REFL-queimar            fogo            PSP            agora  
 “Nós nos queimamos no fogo agora.”

- (125a) *a-ze-kyxi*            *takyhe*            *puku*            *pupe*            *ihe*  
 1SG-REFL-cortar            faca            comprido            com            eu  
 “Eu me cortei com um facão.”

(125b) *João u-ze-kyxi takyhe puku pupe a'e*  
 João 3-REFL-cortar faca comprido com 3  
 “João se cortou com o facão.”

(125c) *ure mokoz-har r-upi uru-ze-kyxi*  
 Nós duas-NOM R-em 1PL-REFL-cortar

*ihe puku pupe*  
 faca comprido PSP  
 “Nós duas nos cortamos com o facão.”

Observa-se nos dados em (124) e (125) que o marcador de voz reflexiva {ze-} é invariável quanto à pessoa, número e gênero, pois figura em sentenças que ocorrem com sujeito na 1ª pessoa do singular (124a e 125a); 1ª pessoa do plural (124c e 125c) e 3ª pessoa do singular (124b e 125b). Tais realizações do morfema {ze-} nessas diferentes sentenças demonstram, portanto, que nesta língua, o marcador de voz reflexiva não precisa concordar em traços- $\phi$  com o argumento externo.

De acordo com Kratzer (2009), em línguas como o russo, os pronomes reflexivos não fazem nenhuma distinção de pessoa, número ou gênero. Nesse caso, a língua não tem traços- $\phi$  disponíveis para  $v$  e somente um traço reflexivo é transmitido aos traços- $\phi$  do DP que é gerado na posição de complemento do verbo. Comparem-se os exemplos do russo, a seguir:

(126a) *Ja umyl-sja.*  
 eu lavar-REFL  
 “Eu me lavei.”

(126b) *On umyl-sja.*  
 ele lavar-REFL  
 “Ele se lavou.”

(LAZZARINI-CYRINO, 2015, p. 110)

(127a) *Ja prosnul-sja.*  
 eu acordar-REFL  
 “Eu acordei.”

(127b) *On prosnul-sja.*  
 ele acordar-REFL  
 “Ele acordou.”

(LAZZARINI-CYRINO, 2015, p. 110)

O russo apresenta como marca de voz reflexiva o afixo {-sja}<sup>19</sup>, que constitui uma forma invariável no que diz respeito a traços de pessoa e número para os verbos *umyl* “lavar” e *prosnul* “acordar” na 1ª e 3ª pessoas do singular, como visto nos dados de Lazzarini-Cyrino (2015) em (126) e (127). Situação muito semelhante acontece na língua Guajajára, como mostram os dados em (124) e (125), ou seja, os predicados reflexivos não fazem nenhuma distinção de pessoa, número ou gênero. Assim, em conformidade com Kratzer (2009), verbos que se encontram nesse grupo sempre podem ser interpretados localmente sem que traços- $\phi$  sejam morfologicamente realizados no prefixo {ze-}. Tudo o que o complemento do verbo precisa receber nesses casos é o traço de assinatura

---

<sup>19</sup> O russo apresenta duas formas reflexivas, a saber: i) uma anáfora reflexiva afixal {-sj(a)} e uma forma morfologicamente independente {sebj(a)}. Para mais informações ver Lazzarini-Cyrino (2015).

reflexiva, a qual é indicada pela presença do prefixo {ze-} que se realiza uma forma invariável sem distinção de traços- $\varphi$ .

Considerando que a forma reflexivizadora em Guajajára será sempre o morfema {ze-}, salvo quando os verbos não apresentam nenhuma marca, assumo que o núcleo Voice não possui traços- $\varphi$ , mas somente a assinatura de reflexividade, seguindo a teoria proposta por Kratzer (2009).

Na próxima seção discuto sobre o sincretismo manifestado pelo morfema {ze-} entre sentenças reflexivas e anticausativas da língua Tenetehára-Guajajára.

## 5.2 O SINCRETISMO ENTRE REFLEXIVAS E ANTICAUSATIVAS

Esta seção apresenta uma breve análise a respeito do sincretismo observado entre as construções reflexivas e anticausativas na língua Guajajára. Explico como acontece a derivação sintática dessas construções e a valoração dos traços- $\varphi$  do morfema sincrético {ze-}. Ao final da seção, apresento uma hipótese para explicar o sincretismo que se observa nessas estruturas.

O sincretismo é o nome atribuído ao fenômeno que as línguas têm de realizarem uma mesma marca morfológica para codificar diferentes funções gramaticais. Esta é, portanto, a situação do morfema {ze-}. Em línguas como o português e o espanhol, por exemplo, sentenças anticausativas e reflexivas

compartilham como marca sincrética o clítico pronominal “se”, como é possível observarmos nos exemplos que seguem:

### Português

- (128) A garota se perfumou. (reflexiva)  
 (129) A minha roupa (se) rasgou. (anticausativa)

### Espanhol

- (130) *La niña se lastimo.* (reflexiva)  
 “A menina se machucou.”  
 (131) *La tasa se rompió.* (anticausativa)  
 “A xícara se quebrou.”

Em contextos de sincretismo reflexivo-anticausativo, as línguas podem empregar como marca sincrética um pronome, um clítico ou um afixo. Lazzarini-Cyrino (2015) ressalta que as marcas sincréticas compartilhadas por anticausativos e reflexivos são sempre morfologicamente dependentes, tais como as citadas nos exemplos acima.

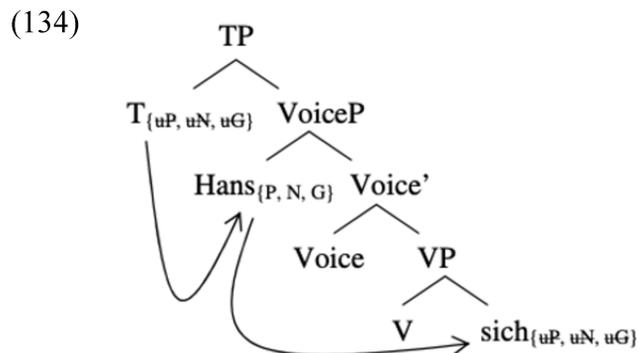
Schäfer (2007) analisa o sincretismo do pronome fraco *sich* do alemão compartilhado por reflexivas e anticausativas. Ele propõe que as marcas sincréticas compartilhadas por essas estruturas constituem a representação fonológica de variáveis. Nesse âmbito, variáveis podem ser definidas como NPs

com traços- $\phi$  defectivos (Chomsky, 1981). Contudo, as anáforas reflexivas são uma categoria de variáveis cujos traços- $\phi$  serão valorados durante a derivação sintática, enquanto as marcas anticausativas não terão seus traços valorados durante a derivação e sua interpretação será expletiva, pois não realizam traços- $\phi$ . Para exemplificarmos como se dão as respectivas derivações, tomemos os exemplos a seguir:

(132) *Hans*            *mag*            *sich*  
 João                3SG-gostar      REFL  
 “João gosta de si mesmo.”  
(SCHÄFER, 2007, p. 324)

(133) *Weil*            *sich*            *die*    *Tür*            *öffnet*  
 Porque            REFL            a        porta            3SG-abrir  
 “Porque a porta (se) abre.”  
(SCHÄFER, 2007, p. 325)

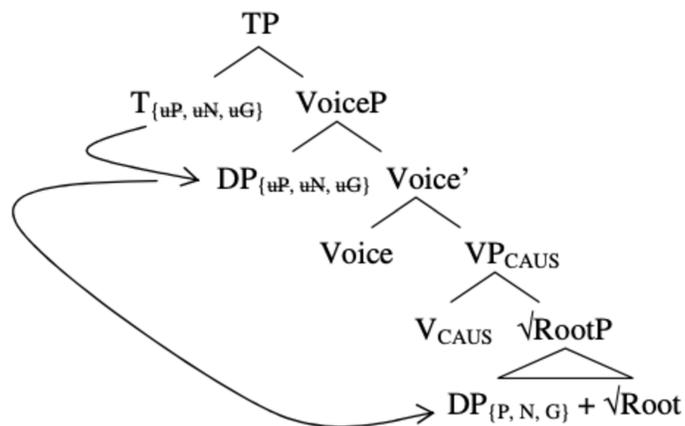
Primeiramente, mostramos a derivação de reflexivas segundo Schäfer (2007). Considerando o princípio A de ligação, a anáfora precisa de um antecedente que o c-comande e valore os seus traços- $\phi$ . Assim, nessas estruturas, a variável se encontra localmente ligada na posição do argumento interno, conforme vemos na estrutura sintática apresentada em (132):



Em conformidade com esse autor, nas sentenças reflexivas, a variável (nesse caso a anáfora *sich*) entra na derivação com traços- $\phi$  não-valorados. O DP sujeito atua como uma sonda e valora os traços da variável. A concordância será avaliada tanto na PF quanto em LF. Na PF, obtém-se a concordância verbal com o sujeito e a variável. Já em LF, a relação de concordância entre o sujeito e a variável é obrigatória e, uma vez que essa variável é ligada, esta denotará papel temático tema. Como vemos, o núcleo Voice nessa estrutura projeta o argumento externo, ou seja, o DP *Hans*.

Quanto à derivação sintática de anticausativas em alemão, Schäfer (2007) demonstra que existem dois DPs marcados por caso, mas com apenas um papel temático envolvido. Nesse tipo de sentença, o DP tema é mesclado na posição de objeto e a variável é mesclada no especificador de Voice, consoante vê-se na estrutura abaixo:

(135)



Na derivação (135), a variável não atua como uma sonda. Nesse caso, quando a sonda T é juntada na estrutura, ela estabelece uma relação de *Agree* com a variável.

Nesta tese analisamos o morfema sincrético {ze-}, em construções reflexivas e anticausativas na língua Tenetehára-Guajajára. Para tal, comparem-se os dados a seguir:

(136) *u-ze-pytymawok*      *zapepo*      *kury*  
 3-AC-destampar      panela      agora      (anticausativa)  
 “A panela destampou.”

(137) *ywyra*      *u-ze-wok*      *a'e*  
 madeira      3-AC-rachar      3      (anticausativa)  
 “A madeira (se) rachou.”

Notem que os verbos anticausativos em Guajajára, como os dos exemplos em (136) e (137) acima apresentam o morfema {ze-} como marca de anticausatividade. Acompanhando a proposta de Alexiadou, Anagnostopoulou e Schäfer (2015), essa marca tem característica expletiva e realiza o núcleo Voice<sup>20</sup>. Esse morfema {ze-} encontrado em anticausativos é compartilhado também pelos verbos reflexivos, fazendo emergir assim um sincretismo entre as duas formas. Mais precisamente, assumiremos que há um morfema {ze-} para indicar anticausativas, como nos exemplos acima, e outro morfema {ze-} que realiza o núcleo Voice em sentenças reflexivas. Destarte, verbos semanticamente reflexivos exibem esse morfema, conforme demonstram os dados em (138) e (139) abaixo.

(138) *Maria*            *u-ze-kaiw-katu*            *a'e*  
 Maria            3-REFL-cuidar-ASP            3            (reflexiva)  
 “Maria se cuida muito.”

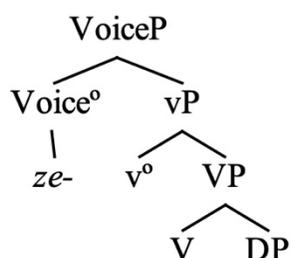
(139) *kwarer*            *u-ze-rekw-ahy*            *a'e*  
 Menino            3-REFL-machucar-ASP            3            (reflexiva)  
 “O menino se machucou.”

---

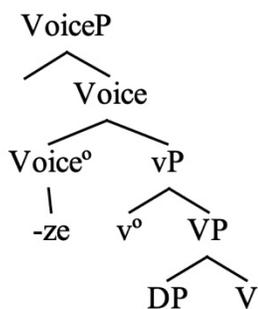
<sup>20</sup> O núcleo Voice, segundo Kratzer (1996) tem a função de introduzir o argumento externo. Contudo, Schafer (2008), propõe uma tipologia de Voice ativo, quando projeta um argumento externo no seu especificador e não ativo, quando este não é capaz de projetar uma posição de argumento no seu especificados. Considerando essa proposta, identificamos para o Guajajára o tipo de Voice não ativo em sentenças anticausativas.

Tendo em conta os dados acima, proponho que tanto em anticausativas como em reflexivas, o morfema {ze-} é a realização do núcleo Voice, consoante mostram as estruturas sintáticas abstratas de ambas as construções a seguir:

**(140a) Estrutura de verbos anticausativos**



**(140b) Estrutura de verbos reflexivos**



Em suma, observa-se que, em (140a) temos a representação sintática abstrata para as sentenças anticausativas na língua Guajajára. O morfema {ze-} nessas estruturas é instanciado no núcleo de Voice, mas possui uma característica

expletiva. Em (140b), temos a representação sintática dos reflexivos na qual podemos verificar que o morfema de voz reflexiva {ze-} é ativado no núcleo de VoiceP. Nessas últimas construções o morfema reflexivo modifica a natureza morfossintática do argumento externo introduzido por VoiceP, o qual pratica e sofre a ação.

Os verbos reflexivos e anticausativos têm a base verbal transitiva. Lazzarini-Cyrino (2015) em seu trabalho translinguístico sobre o sincretismo passivo-reflexivo explica que, embora tendo uma base verbal transitiva, reflexivas e anticausativas apresentam um argumento reduzido com implicações diferentes para ambos, quais sejam: a) em construções reflexivas um argumento é reduzido por não ser referencialmente independente, ou seja, é uma anáfora que ganha sua referência por estar ligada a um antecedente; b) em anticausativas um argumento é reduzido por não ser interpretado, considerando que é um expletivo.

Seguindo a linha de pensamento de Lazzarini-Cyrino (2015), a hipótese que lanço para explicar por que verbos reflexivos e verbos anticausativos compartilham a mesma marca morfológica em Tenetehára é a de que tais predicados são sintaticamente transitivos, mas ambos sofrem a redução de um argumento. Assim sendo, na voz reflexiva, o argumento reduzido é o argumento interno, enquanto na voz anticausativa, o argumento que será apagado é o argumento externo.

Conforme visto em Schäfer (2008), anticausativas apresentam um argumento expletivo. Seguindo essa ideia, assumo que na voz anticausativa do Guajajára a marca morfológica {ze-} é introduzida na derivação sintática sem traços- $\phi$  a serem valorados. Nessas estruturas, ocorre a ausência da realização de traços de pessoa e número no morfema anticausativo, resultando um núcleo Voice expletivo. De acordo com Schäfer (2008), a variável na posição do argumento externo não poderá receber papel temático por não haver esses traços de pessoa, levando em conta que não há um referente. Nesse caso, a estrutura anticausativa torna-se intransitiva, pois o argumento externo não será interpretado adequadamente.

Quanto às reflexivas, assumo que o Guajajára não possui traços- $\phi$  disponíveis para  $v$  durante a derivação, independentemente do DP que esteja na posição do argumento externo. Assim sendo, o morfema {ze-} não constitui o *spell-out* de um traço- $\phi$ , mas apenas a assinatura da reflexividade, em conformidade com a ideia de Kratzer (2009).

### 5.3 RESUMO DO CAPÍTULO

Este capítulo apresentou uma análise das sentenças reflexivas em Tenetehára-Guajajára. Essas estruturas compartilham a marca morfológica sincrética {ze-} com as anticausativas. Identifiquei dois tipos de reflexivas na

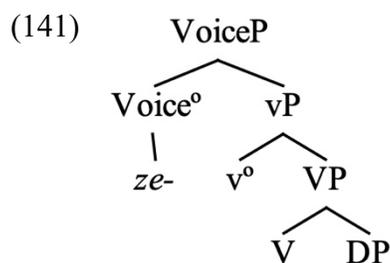
língua, a saber: (i) reflexivas marcadas pelo morfema {ze-}; (ii) reflexivas não marcadas morfologicamente. Em seguida, investiguei o sincretismo entre as construções reflexivas e anticausativas, no intuito de compreender por que ambas compartilham a mesma marca morfológica. Para isso, demonstrei quais as propriedades de {ze-} em cada uma e como ocorre a derivação sintática de anticausativas e reflexivas na língua.

**PARTE V**  
**PROPOSTA TEÓRICA**

## CAPÍTULO 6: PROPOSTA TEÓRICA

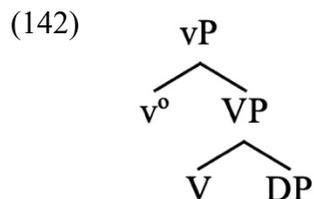
---

Este capítulo tem por objetivo apresentar a proposta teórica desta pesquisa. Mais precisamente, a tese que defendo é a de que as sentenças anticausativas na língua Guajajára possuem essencialmente duas estruturas sintáticas. O primeiro tipo corresponde às anticausativas que são marcadas morfologicamente pelo morfema {-ze} e o segundo tipo equivale às sentenças anticausativas não marcadas morfologicamente. A hipótese que proponho é a de que as anticausativas marcadas são formadas a partir da combinação de uma projeção vP e uma projeção VoiceP expletiva. Assumirei ainda que o morfema anticausativo {ze-} deve ser interpretado, doravante, como sendo a realização do núcleo licenciador da voz anticausativa, consoante mostra a estrutura sintática abstrata delineada em (141):



Já as anticausativas que não vêm marcadas por meio do prefixo {ze-}, ou seja, não apresentam nenhuma morfologia extra, a estrutura é formada apenas

por uma projeção  $vP$ , sem a camada VoiceP, conforme mostra a estrutura sintática abaixo:



A hipótese acima se sustenta no fato de que as sentenças anticausativas marcadas em Guajajára apresentam um morfema de voz {ze-} e este não se integra ao evento, ou seja, não faz parte da projeção  $vP$ , mas sim da projeção VoiceP. Assumo, ainda, que a projeção VoiceP nas anticausativas tem característica expletiva por não projetar um argumento externo nem atribuir papel temático. Mais precisamente, proponho que a voz anticausativa é destituída da semântica de agente, causa ou instrumento, conforme corroboram os exemplos a seguir:

(143) *u-ze-kanaw*            *apègwer*            *a'e*  
 3-AC-dobrar            pano            3  
 “O pano (se) dobrou.”

(144) *u-ze-pytymawok*      *uken*  
 3-AC-abrir            porta  
 “A porta (se) abriu.”

Outra hipótese que desenvolvo nesta seção é a de que sentenças anticausativas na língua Tenetehára-Guajajára possuem uma camada  $v_{\text{cause}}$  em

sua estrutura, compartilhando, assim, a mesma propriedade das causativas quanto à decomposição de eventos, consoante se pode ver nas decomposições de causativas e anticausativas abaixo, adaptadas da proposta de Schäfer (2008, p. 140):

(145a) Decomposição abstrata de causativas  
 [DP ext.arg Voice [CAUS [Root + DP theme]]]

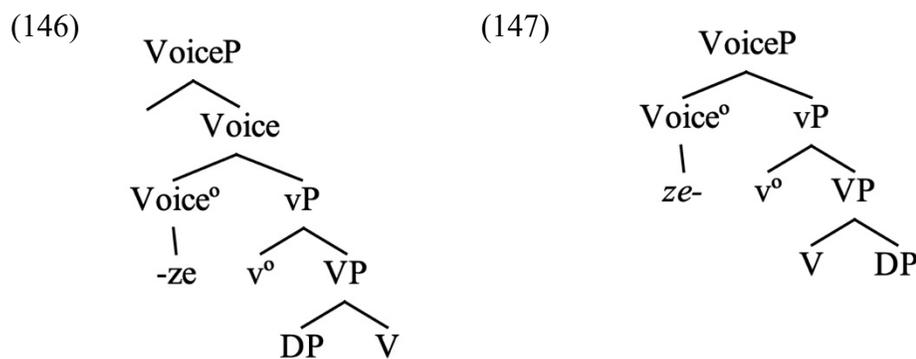
(145b) Decomposição abstrata de anticausativas marcadas  
 [Voice [CAUS [Root + DP theme]]]

(145c) Decomposição abstrata de anticausativas não marcadas  
 [CAUS [Root + DP theme]]

Note-se que, em consonância com a proposta sintática acima, os verbos anticausativos, por sua característica bieventiva, apresentam uma camada de causa, equivalente ao que Pylkkänen (2008) rotula de evento da causação, e uma de resultado do evento, o qual corresponde ao evento causado. Isto capta o fato de que essas estruturas envolvem, sim, uma semântica de causativização. Essas hipóteses baseiam-se na proposta teórica de Alexiadou, Anagnostopoulou e Schäfer (2015), conforme a qual a alternância causativa é uma alternância de tipos de Voice. Para esses autores, as anticausativas marcadas morfologicamente, assim como as não marcadas, são semanticamente causativas

e apresentam um núcleo Voice com característica expletiva, enquanto as anticausativas que não recebem marca morfológica não contêm este núcleo.

Nesta proposta também examinei o sincretismo entre as sentenças reflexivas e anticausativas. Ambas as construções compartilham o mesmo morfema sincrético {ze-} para evocar as vozes reflexiva e anticausativa, respectivamente. Com base na análise dos dados, retomo abaixo as duas estruturas sintáticas, quais sejam, (146) reflexivas e (147) anticausativas, já apresentadas no subtópico 5.2, para demonstrar o sincretismo reflexivo-anticausativo no Guajajára:



Este capítulo está dividido em cinco seções. Na seção 6.1 examino a estrutura vP das anticausativas marcadas morfológicamente e das não marcadas, com vistas à identificação de um núcleo *v* e da bieventividade dos verbos anticausativos. Na seção 6.2 investigo sobre o núcleo Voice em anticausativas marcadas pelo morfema {ze-}, tomando como base a proposta teórica de

Alexiadou, Anagnostopolou e Schäfer (2015). Na seção 6.3 apresento um resultado para a análise do sincretismo entre reflexivas e anticausativas no Tenetehára-Guajajara. Na seção 6.4 elaboro o resumo da proposta teórica. E na seção 6.5 apresento o resumo do capítulo.

### **6.1 A PROJEÇÃO V-CAUSE NAS ANTICAUSATIVAS**

Alexiadou, Anagnostopolou e Schäfer (2006; 2015) ressaltam que verbos anticausativos correspondem semanticamente a estruturas causativas, ou seja, eles não diferem dos causativos quanto à complexidade e à decomposição de eventos. Desse modo, causativos e anticausativos compartilham essa propriedade, ou seja, ambos possuem a camada  $v_{\text{cause}}$  em sua estrutura, assim como foi mostrado nas decomposições sintáticas abstratas em (141) e (141) acima.

Esses autores identificam que as sentenças anticausativas tanto marcadas morfologicamente como as não marcadas não possuem um argumento externo implícito, porém licenciam um tipo particular de PP, que geralmente são adjuntos representados por causas. É o licenciamento desses PPs causadores que sugere a presença de um componente de significado causativo nos verbos de mudança de estado que alternam.

O licenciamento de PPs de causa ou eventos causadores, os quais compartilham as mesmas características semânticas do adjunto, indicam que sentenças anticausativas possuem uma projeção  $v_{\text{cause}}$ , assim como ocorre com as estruturas causativas. Em conformidade com Alexiadou, Anagnostopoulou e Schäfer (2015, p. 29), assim como as sentenças causativas, “as anticausativas contém um componente de causa”, o que nos leva a compreender que a causatividade não está diretamente ligada à presença de argumento externo, já que essas sentenças não têm esse argumento<sup>21</sup>.

A língua Tenetehára-Guajajára apresenta evidências de que a proposta acima está mesmo correta, visto que as sentenças anticausativas têm a mesma propriedade de licenciar PPs causais e eventos causadores. Tal propriedade indica que as sentenças anticausativas da referida língua apresentam uma camada de causa em sua estrutura. Esta proposta é confirmada pelos dados empíricos da língua Guajajára abaixo:

- (148) *powapyw-har*                      *u-ház*                      *Mari*                      *pe*  
           pulseira-NOM                      3-desmanchar                      Mari                      com
- i-mu-tykahy*                      *mehe*  
           3-CAUS-puxar                      SUB
- “A pulseira desmanchou com o puxão de Maria.”  
 “A pulseira desmanchou com a Maria, quando ela a puxava.”

---

<sup>21</sup> Vale ressaltar que o licenciamento de adjuntos de causa também não apaga o argumento agente. Por exemplo, na sentença “Maria desmanchou a pulseira com um puxão”, ocorre o licenciamento tanto de um argumento externo agente como do adjunto de causa.

- (149) *y'tàtà*            *u-zeka'u*            *haku*            *kwer*            *pe*  
 gelo            3-derreter            quente/calor    PASS            com  
 “O gelo derreteu com o calor.”

Note-se o fato de que as sentenças anticausativas em (148) e (149) acima demonstram que há em suas estruturas a presença de um  $v_{\text{cause}}$  que licencia adjuntos causais e eventos causadores em Guajajára. Esses adjuntos vêm expressos pelos sintagmas *Mari pe imutykahy mehe* “com o puxão de Maria” e *haku kwer pe* “com o calor”.

É possível observar que esses exemplos trazem anticausativas não marcadas da língua Tenetehára-Guajajára. Assim sendo, o fato de existir anticausativas marcadas e não marcadas traz evidência adicional a favor da hipótese que estou defendendo nessa tese, conforme a qual os PPs causais e eventos causadores são igualmente licenciados nos dois tipos de estruturas anticausativas dessa língua.

Portanto, PPs adjuntos que modificam o evento causado ocorrem tanto em anticausativas marcadas pelo morfema de voz {*ze-*} como nas anticausativas não marcadas. Compare-se o licenciamento de PPs causais e eventos causadores nos dois tipos de anticausativas a seguir:

**Anticausativas marcadas:**

- (150) *ywyra*            *u-ze-wok*            *u-'ar-haw*            *pupe*  
 madeira            3-AC-rachar            3-cair-NOM            com  
 “A madeira (se) rachou com a queda.”

- (151) *uken*            *u-ze-pitymawok*        *ywytu*            *pupe*  
 porta            3-AC-abrir            vento            com  
 “A porta (se) abriu com o vento.”

**Anticausativas não marcadas:**

- (152) *ywyra*            *u-wok*            *u-'ar-haw*            *pupe*  
 madeira        3-rachar        3-cair-NOM            com  
 “A madeira rachou com a queda.”
- (153) *uken*            *u-pitymawok*            *ywytu*            *pupe*  
 porta            3-abrir            vento            com  
 “A porta abriu com o vento.”

Com base nos dados empíricos mostrados acima, comprova-se que tanto anticausativas marcadas como não marcadas em Guajajára licenciam os dois tipos de adjuntos. Esta possibilidade de ocorrência desses adjuntos nos dois tipos de cláusulas reforça, portanto, minha hipótese, segundo a qual há sim uma camada  $v_{\text{cause}}$  nos dois subtipos de verbos anticaustivos. Em suma, observa-se que os dois subtipos de estruturas não divergem quanto à possibilidade de coocorrerem com os PPs de causa.

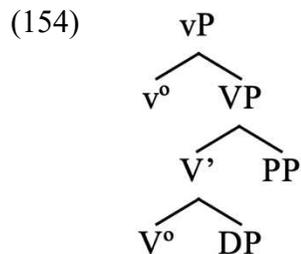
Em conformidade com Alexiadou, Anagnostopolou e Schäfer (2015), a causativização não é uma propriedade particular das sentenças causativas, mas sim de determinado tipo de estrutura. Dessa forma, as estruturas tanto causativas como anticausativas devem ter comportamento sintático semelhante quando submetidas a testes que avaliam a causativização.

Na próxima seção, o objetivo é utilizar dois diagnósticos de causativização com sentenças anticausativas marcadas e não marcadas da língua Tenetehára-Guajajara. O propósito é avaliar se essas sentenças se comportam da mesma maneira quanto a esse critério e se apresentam uma estrutura com camada *v*, ou não.

### 6.1.1 TESTES DE CAUSATIVIZAÇÃO

Nesta seção, apresento dois testes de causativização para mostrar que anticausativas marcadas e não marcadas envolvem a mesma estrutura com uma camada de causa. São eles: (i) teste com a adição de adjuntos de causa e (ii) teste de ambiguidade de leituras com o sufixo aspectual *wi* e a partícula adjetival *no* “de novo”.

Consoante vimos anteriormente, anticausativas não possuem argumento externo. Nesse caso, a voz anticausativa ocorre nessas sentenças quando o argumento externo agente ou causa responsável pela causação do evento não é projetado na posição de Spec-VoiceP. No entanto, em conformidade com Alexiadou, Anagnostopoulou e Schäfer (2015), essas sentenças têm a propriedade de licenciar PPs de causa e eventos causadores na posição de adjuntos, de acordo com a representação sintática abstrata abaixo:



### 6.1.1.1 LICENCIAMENTO DE ADJUNTOS DE CAUSA

Este teste tem por meta averiguar se os adjuntos de causa e eventos causadores são licenciados tanto nas anticausativas marcadas como nas não marcadas na língua Tenetehára-Guajajára. Nesta linha de investigação, observou-se que essa língua apresenta evidências a favor da hipótese de que, de fato, existe um componente  $v_{\text{cause}}$  nas sentenças anticausativas. Esta assunção é confirmada pelos dados de estruturas anticausativas que licenciam tanto PPs de causa quanto eventos causadores. Pode-se observar que estes adjuntos são encabeçados pelas posições *pupe* e *pe*, como mostram os exemplos abaixo:

(155) *uken*            *u-ze-pytym*            *ywytu*            *pupe*  
 porta            3-AC-fechar            vento            com  
 “A porta (se) fechou com o vento.”

(156) *ma'e*   *h-o'o-kwer*            *u-zyw*            *tata*   *haku*   *kwer*   *pe*  
 coisa   3-carne-PASS            3-assar            fogo   calor   PASS   com  
 “A carne assou com o calor do fogo”.

(157) *takyhe*            *u-pen*            *Pedro*            *ikàgaw*            *pupe*  
 faca            3-quebrar            Pedro            força            com  
 “A faca quebrou com a força de Pedro.”

- (158) *u-ze-pe' àg*                      *wàhu*                      *u-'ar-haw*      *pupe*  
           3-AC-partir                      coco                      3-cair-NOM      com  
           “O coco (se) partiu com a queda.”

Nos exemplos de (155) e (156) as sentenças anticausativas licenciam PPs de causa, quais sejam, *ywytu pupe* “com o vento” e *tata haku kwer pe* “com o calor do fogo”. Em (157) e (158), as sentenças licenciam os eventos causadores *Pedro ikàgaw pupe* “com a força de Pedro” e *u'ar haw pupe* “com a queda”. Conforme Alexiadou, Anagnostopolou e Schäfer (2006; 2015), o licenciamento de PPs em anticausativas indicam a presença de um núcleo *v*, uma vez que essas construções apresentam traços de causa. Destarte, verificou-se com a aplicação desse teste que a causativização é também uma propriedade das sentenças anticausativas da língua Guajajára. Nesse caso, constatou-se que tanto sentenças anticausativas marcadas como em (155) e (158) quanto não marcadas, em (156) e (157), licenciam esses PPs de causa, demonstrando que não há diferença entre essas sentenças na camada *vP*. Mais precisamente, essas sentenças apresentam o núcleo *v* responsável por licenciar o evento da causação.

#### 6.1.1.2 LICENCIAMENTO DAS LEITURAS REPETITIVA E RESTITUTIVA

A ocorrência do sufixo aspectual *wi* na morfologia verbal e da partícula *no* “de novo” nos permite delimitar as leituras repetitiva e restitutiva em

sentenças anticausativas não marcadas morfologicamente e em sentenças opcionalmente marcadas do Guajajára. As duas leituras são possíveis para sentenças anticausativas que possuem uma camada de processo e outra de resultado. Seguem os exemplos:

### Anticausativas não marcadas

(159) *u-zyw-wi*     *ma'e*             *h-o'o-kwer*             *a'e*     *no*  
 3-assar-ASP     coisa             3-carne-PASS             3             de novo  
 “A carne assou de novo.”

(160) *u-pen-wi*             *takyhe*             *a'e*     *no*  
 3-quebrar-ASP             faca             3             de novo  
 “A faca quebrou de novo.”

### Anticausativas opcionalmente marcadas

(161a) *u-pe'ág-wi*             *ywy*             *a'e*     *no*  
 3-partir-ASP             chão             3             de novo  
 “O chão partiu de novo.”

(161b) *u-ze-pe'ág-wi*             *ywy*             *a'e*     *no*  
 3-partir-ASP             chão             3             de novo  
 “O chão (se) partiu de novo.”

(162a) *u-pytym-wi*             *uken*             *a'e*     *no*  
 3-fechar-ASP             porta             3             de novo  
 “A porta fechou de novo.”

(162b) *u-ze-pytym-wi*             *uken*             *a'e*     *no*  
 3-AC-fechar-ASP             porta             3             de novo  
 “A porta (se) fechou de novo.”

Os verbos *zyw* “assar”, *pen* “quebrar”, *pe'æg* “partir” e *pytym* “fechar” são formados a partir de raízes de resultado de acordo com a classificação estabelecida por Alexiadou, Anagnostopoulou e Schäfer (2015). São verbos bieventivos que apresentam um evento de processo e um de resultado e são licenciados como complemento de *v*, lexicalizando um resultado. Esses verbos devem, por sua vez, admitir duas leituras: (i) repetitiva – que indica um processo e (ii) restitutiva – indicando um resultado.

Na leitura repetitiva identifica-se que um evento pode ocorrer repetidas vezes. Enquanto na leitura restitutiva foca-se no estado resultante, ou seja, é este que acontece novamente. Tomando por base o exemplo em (160) que é uma sentença anticausativa não marcada, e os exemplos em (161) e (162), que constituem anticausativas opcionalmente marcadas, procede-se à aplicação do teste das duas leituras:

a) Teste aplicado ao exemplo (160), repetido abaixo como (163)

(163) *u-pen-wi*                      *takyhe*                      *a'e*                      *no*  
 3-quebrar-ASP                      faca                      3                      de novo  
 “A faca quebrou de novo.”

Em (163), o evento *Upen takyhe a'e* “a faca quebrou” aconteceu novamente. Considere-se o contexto em que um grupo de Guajajára foi para a mata fazer uma caçada para uma festa na aldeia. No segundo dia, como já haviam conseguido algumas caças, resolveram cortar uma porção de carne de macaco

para consumo próprio, enquanto continuavam caçando. Quando um deles foi cortar o macaco, a faca quebrou no cabo. Imediatamente ele consertou a faca amarrando o cabo com um barbante e continuou cortando a carne. Mas pouco tempo depois a faca quebrou de novo. Ocorreu, assim, o evento em que “a faca quebrou” mais uma vez.

**Leitura restitutiva:** O estado resultante de *Upen wi takyhe a'e no* “a faca quebrou de novo” é o fato de a faca estar quebrada. Nesse caso, a faca ficou quebrada novamente, mesmo o homem consertando com a amarração do barbante. Ocorreu que, no segundo dia de caçada, ao quebrar a faca quando forçava o corte da carne, o homem consertou o cabo amarrando com um barbante e pareceu ficar bem firme. Porém, a faca não suportou o impacto de cortar e voltou ao estado resultante de quebrada.

Na sequência sigo o mesmo procedimento com as sentenças em (161a) e (161b) que são classificadas como estruturas anticausativas que podem ocorrer na língua com e sem a marca morfológica {ze-}. As sentenças são repetidas abaixo como (164a) e (164b).

b) Teste aplicado aos exemplos (161a) e (161b)

(164a)	<i>u-pe'âg-wi</i>	<i>ywy</i>	<i>a'e</i>	<i>no</i>
	3-partir-ASP	chão	3	de novo
	“O chão partiu de novo.”			

(164b) *u-ze-pe'àg-wi*      *ywy*      *a'e*      *no*  
           3-partir-ASP      chão      3      de novo  
           “O chão (se) partiu de novo.”

**Leitura repetitiva:** Um Guajajára estava construindo o piso da sala em sua casa. Ele colocou o cimento e esperou por um bom tempo até secar. De repente uma grade de ferro que estava encostada na parede caiu no chão e o homem foi correndo ver o que tinha acontecido. Ao chegar na sala, o Guajajára viu que “o chão partiu” (*upe'àg ywy a'e / uzepe'àg ywy a'e*). Decidiu, então, molhar um novo cimento e consertar o chão da sala. Horas depois ele foi verificar como estava o piso, pois já deveria estar seco e para sua surpresa viu que “o chão partiu de novo” (*upe'àg wi ywy a'e no / uzepe'àg wi ywy a'e no*) naquele mesmo lugar em que havia consertado.

**Leitura restitutiva:** Na leitura restitutiva identifica-se o estado resultante em que o chão estava partido acontecer novamente. Depois de construir o piso da sala, a grade de ferro caiu em cima e “o chão partiu” (*upe'àg ywy a'e / uzepe'àg ywy a'e*). Logo em seguida o Guajajára consertou o chão com um cimento novo, mas algumas horas depois o chão voltou a partir no mesmo lugar. Dessa forma, na primeira vez em que a grade caiu sobre o chão, este ficou partido e,

novamente, sem que o Guajajára percebesse como aconteceu, o chão voltou ao estado resultante de partido.

c) Teste aplicado aos exemplos (162a) e (162b), repetidos abaixo como (165a) e (165b).

(165a) *u-pytym-wi*            *uken*            *a'e*    *no*  
           3-fechar-ASP        porta            3        de novo  
           “A porta fechou de novo.”

(165b) *u-ze-pytym-wi*        *uken*            *a'e*    *no*  
           3-AC-fechar-ASP        porta            3        de novo  
           “A porta (se) fechou de novo.”

**Leitura repetitiva:** O contexto da sentença indica que o evento em que “a porta fechou” (*upytytym uken a'e/ uzepytytym uken a'e*) ocorreu novamente. Maria estava na sala fazendo seu artesanato e deixou a porta aberta para clarear a casa. Mas como estava uma manhã ventilada, “a porta fechou” (*upytytym uken a'e/ uzepytytym uken a'e*) com o impulso do vento que entrou pela cozinha. Maria se levantou, abriu a porta e continuou a trabalhar. Mas logo veio outro vento e, como Maria não colocou nenhum apoio na porta para impedir a ação do vento, “a porta fechou de novo” (*upytytym wi uken a'e no/ uzepytytym wi uken a'e no*). Assim, o evento em que “a porta fechou” (*upytytym uken a'e/ uzepytytym uken a'e*) se repetiu.

**Leitura restitutiva:** O estado resultante em que a porta estava fechada aconteceu novamente. Quando Maria pôs-se a trabalhar na sala de sua casa, a

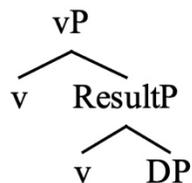
porta estava aberta, mas com a ação do vento, “a porta fechou” (*uzepytytym uken a'e*). Ela abriu a porta, entretanto continuou entrando vento pela cozinha. Como Maria somente reabriu a porta e não colocou nada para escorá-la, o vento bateu e “a porta fechou de novo” (*upytytym wi uken a'e no/ uzepytytym wi uken a'e no*). Observa-se, assim, que em um dado momento a porta encontrava-se no estado de fechada, foi aberta e depois voltou ao estado resultante de fechada.

A partir da análise dessas sentenças anticausativas marcadas e não marcadas morfologicamente pelo morfema {*ze-*}, pode-se concluir que as leituras repetitivas e restitutivas são possíveis, o que confirma a tese, conforme a qual realmente há uma projeção indicando um evento causador e outra projeção codificando o evento resultante da ação. Ao admitirem as duas leituras, as sentenças anticausativas em Guajajára demonstram que possuem uma camada de processo (leitura repetitiva) e uma camada de resultado (leitura restitutiva), como proposto por Alexiadou, Anagnostopoulou e Schäfer (2015) para os verbos de alternância.

Carvalho (2015) explica que as leituras repetitiva ou restitutiva são evocadas de acordo com a posição em que o modificador adverbial (no caso, “de novo”) é concatenado à estrutura. Segundo essa autora, se o modificador se concatena à camada de processo (vP), a leitura repetitiva é obtida, enquanto, se o advérbio modifica o resultado da mudança de estado (ResultP), a leitura

restitutiva será a obtida. A estrutura abaixo, adaptada de Alexiadou, Anagnostopoulou e Schäfer (2015, p. 97) ilustra as duas camadas mencionadas:

(166)



O teste de ambiguidade de escopo nos permite mapear a estrutura sintática das anticausativas. Nesses contextos analisados, o modificador *wi...no* “de novo” é ambíguo, pois pode se referir à repetição do evento como um todo ou apenas de sua parte resultativa. Portanto, tendo por base a aplicação do teste de ambiguidade de escopo do sufixo aspectual *wi* e da partícula *no* “de novo”, fico em condições de postular que nas estruturas sintáticas dos verbos anticausativos, tanto as marcadas como as não marcadas morfológicamente em Guajajára, as subpartes do processo e resultado do evento são representadas por camadas sintáticas diferentes.

Em suma, considerando-se que não houve diferença entre as sentenças anticausativas marcadas e as não marcadas em relação aos testes morfosintáticos aplicados, conseguimos defender a tese de que os dois grupos de anticausativas contêm a camada *vP*, a qual licencia o evento da causação. Nesse caso, os verbos anticausativos aceitam adjuntos de causa e são ambíguos

quanto ao escopo do sufixo aspectual *wi* e da partícula *no* “de novo”. Assumo ainda que ambas projetam uma camada intermediária que codifica o evento causado/resultado.

Na próxima seção, interessa-me discutir o estatuto gramatical do núcleo Voice nos dois tipos de anticausativas em Tenetehára-Guajajara. A hipótese teórica que assumo é a de que esta língua apresenta dois tipos de estruturas anticausativas, quais sejam, anticausativas marcadas pelo morfema de voz {*ze-*}, a qual projeta um núcleo Voice expletivo e anticausativas não marcadas morfologicamente que, por sua vez, não licenciam um núcleo Voice.

## 6.2 O NÚCLEO VOICE NAS ANTICAUSATIVAS

Conforme explicitado anteriormente, as anticausativas em Tenetehára-Guajajara podem ser do tipo não marcadas ou marcadas morfologicamente por um morfema de voz anticausativa. As sentenças anticausativas não marcadas na língua não apresentam nenhuma morfologia extra adicionada ao verbo, enquanto as sentenças anticausativas marcadas trazem o morfema {*ze-*} afixado ao verbo anticausativo, consoante mostram os exemplos abaixo:

- (167) *u-kaz*            *ka'a*            *huwer xinigwer*  
           3-queimar    folha            secas  
           “As folhas queimaram.”

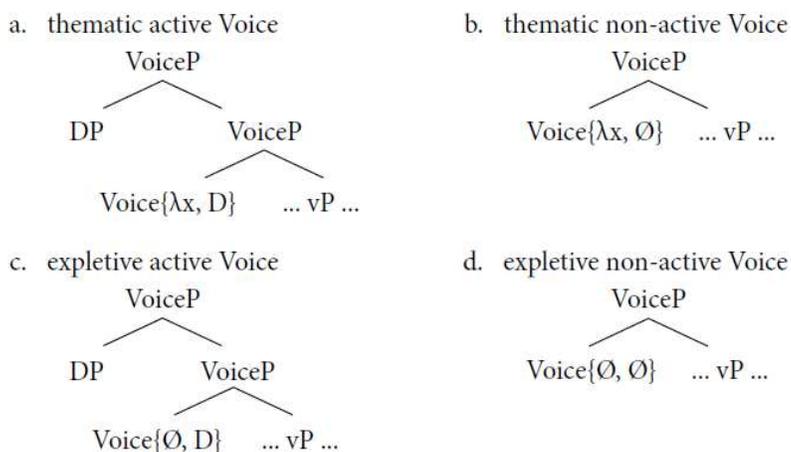
- (168) *u-ze-pytym*                      *uken*  
 3-AC-fechar                              porta  
 “A porta (se) fechou.”

A hipótese central que assumo é a de que a presença da morfologia anticausativa é reflexo de que o prefixo {ze-} realiza o núcleo Voice. Assumirei ainda que esse núcleo apresenta característica expletiva, visto que não tem um efeito semântico direto na estrutura argumental. Essa análise confirma a proposta de Alexiadou, Anagnostopolou e Schäfer (2006; 2015) e Schäfer (2008), segundo a qual a morfologia anticausativa é semanticamente expletiva, pois não reflete nenhuma operação (lexical ou sintática) na estrutura do argumento<sup>22</sup>.

Schäfer (2008) apresenta uma tipologia de Voice, a qual prevê que verbos anticausativos podem aparecer com morfologia relacionada à voz. Têm-se os quatro tipos de Voice retirados de Schäfer (2008, p. 175) em (169):

---

<sup>22</sup> Consoante Alexiadou, Anagnostopolou e Schäfer (2015, p. 81): “Instead, we argue that anticausative morphology is semantically expletive. From our perspective, anticausative morphology does not reflect any (lexical or syntactic) operation on argument structure, but it serves some effect of iconicity”.



A estrutura em (169a) representa a Voz temática ativa (*thematic active Voice*), a qual possui a presença de um DP temático ativo que introduz um argumento externo. Essa tipologia de Voice é própria de sentenças causativas, consoante mostra o exemplo do grego a seguir:

- (170) *O Janis ekapse ti supa.*  
 the John.NOM burnt.ACT the soup.ACC  
 “John burnt the soup.”

(ALEXIADOU; ANAGNOSTOPOLOU; SCHÄFER, 2015, p. 19)

Em (169b) tem-se uma estrutura que contrasta com a do Voice em (169a). A Voz temática não ativa (*thematic non-active Voice*) é encontrada em sentenças anticausativas marcadas por morfologia não ativa, como as do grego que foram estudadas por Alexiadou, Anagnostopolou e Schäfer (2006; 2015), conforme mostra o exemplo (171):

- (171) *I supa kegete.*  
 the soup.NOM burns.NACT  
 “The soup is burning.”

(ALEXIADOU; ANAGNOSTOPOLOU; SCHÄFER, 2015, p. 19)

Já em (169c) vê-se a estrutura de Voice que caracteriza a Voz expletiva ativa (*expletive active Voice*) presente também em anticausativas marcadas. O verbo nessa estrutura será morfologicamente marcado por um pronome reflexivo. Esse tipo de estrutura apresenta um DP especificador não temático que devido sua característica não introduz uma variável de argumento externo. O exemplo do alemão a seguir mostra esse tipo de estrutura.

- (172) *Die Tür öffnet sich.*  
 the door opens REFL  
 “The door opens.”

(ALEXIADOU; ANAGNOSTOPOLOU; SCHÄFER, 2015, p. 67)

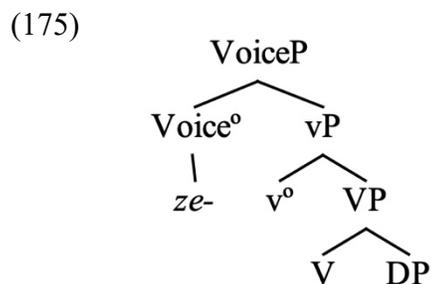
No que se refere a (169d), encontra-se o Voice que é próprio de anticausativas marcadas por morfologia não ativa, caracterizando uma Voz expletiva que não introduz argumento externo. Este é o caso da língua Guajajára, cujos dados serão analisados em seguida.

Tomando por base a tipologia proposta por Schäfer (2008), a hipótese que assumo é a de que a língua Tenetehára-Guajajára possui sentenças anticausativas não marcadas que, em conformidade com a abordagem assumida neste trabalho, não possui VoiceP. Todavia, as sentenças anticausativas

marcadas pelo morfema {ze-} se enquadram na tipologia de Voice representada em (169d) acima. Os exemplos abaixo ilustram esse tipo de sentenças que apresentam tal estrutura.

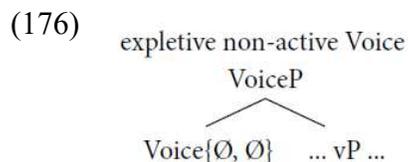
- (173) *ma'e*            *h-o'o-kwer*            *tykwer*            *i-ze-zuwa-katu*  
 coisa            3-carne-PASS            caldo            3-AC-engrossar-INTS  
 “O caldo da carne (se) engrossou.”
- (174) *u-ze-kamik-amik*            *he-pape*            *a'e*            *wà*  
 3-AC-amassar-RED            1-ASG-livro            3            PL  
 “Os meus livros (se) amassaram.”

Assim sendo, assumo a hipótese de que essas construções possuem um núcleo Voice, projetado acima de *v*, de acordo com o que está delineado na estrutura a seguir:



A estrutura acima está em consonância com a proposta assumida, conforme a qual o morfema {ze-} é caracterizado como morfologia não-ativa. Dessa forma, o afixo verbal {ze-}, por ser uma morfologia não-ativa, não se localiza no especificador de Voice onde se concatena o argumento externo. O núcleo Voice em anticausativas marcadas no Guajajára não apresentam um traço

D que é o responsável por exigir que um argumento externo seja projetado em Spec-VoiceP. A estrutura que representa esse tipo de Voice está delineada em (169), seguindo a classificação de Schäfer (2008) e demonstrada a seguir:



Como visto na representação acima, não há a presença de uma variável de argumento externo no núcleo de Voice e, por isso, este é classificado como expletivo. Nesse caso, {ze-} não recebe papel temático e assume o comportamento de um expletivo.

O núcleo Voice, por sua característica expletiva, não introduz uma variável de argumento externo e também não traz uma contribuição semântica ao evento. Tal proposta é corroborada pelas sentenças a seguir, as quais constituem anticausativas marcadas. Em síntese, essa proposta nos permite assumir que a voz anticausativa em Tenetehára-Guajajara é realizada pelo prefixo {ze-}, como mostram os exemplos a seguir:

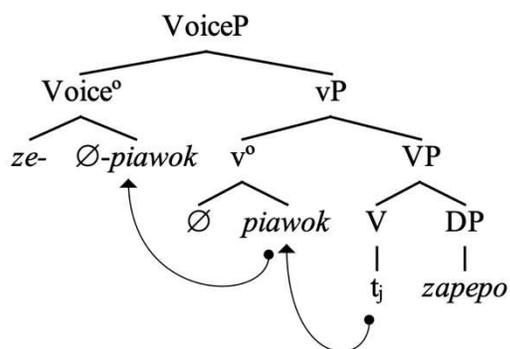
(177) *u-ze-piawok*                    *zapepo*  
 3-AC-destampar                    panela  
 “A panela (se) destampou.”

(178) *u-ze-kanaw*    *apègwer*            *a'e*  
 3-AC-dobrar    pano                    3  
 “O pano (se) dobrou.”

- (179) *u-ze-pytymawok uken*  
 3-AC-abrir porta  
 “A porta (se) abriu.”

Com base na proposta teórica delineada acima, assumirei que a sentença (177) possui a seguinte derivação: após juntar-se ao complemento, o verbo se move para núcleo *v*, em seguida se junta ao núcleo Voice, derivando a estrutura anticausativa *u-ze-piawok*<sup>23</sup>. Nessa língua, o verbo não se moverá para o núcleo de T, resultando na derivação final mostrada pela estrutura abaixo:

(180)



Tal como se vê na árvore sintática acima, a língua Guajajára apresenta evidência de que os núcleos *v* e Voice° são independentes um do outro, seguindo a proposta de Pykkänen (2002; 2008), de acordo com a qual os núcleos

<sup>23</sup> Remeto o leitor à leitura de Duarte (2012) sobre a proposta de que o verbo não se move para o núcleo T na língua Tenetehára.

funcionais Voice<sup>o</sup> e *v* podem ocorrer de forma cindida ou separada, variando parametricamente de acordo com as seleções de cada língua.<sup>24</sup>

Constata-se também que a marcação morfológica em anticausativas do Guajajára parece não seguir uma regra específica que a distingue de outras línguas. O núcleo Voice em sentenças anticausativas marcadas pelo morfema afixal {*ze-*} é considerado a instanciação de Voice expletivo que apresenta propriedade de núcleo funcional defectivo, ou seja, não possui uma variável de evento.

De acordo com Alexiadou, Anagnostopoulou e Schäfer (2006; 2015), é a marca morfológica anticausativa que torna o núcleo Voice não temático e, conseqüentemente, defectivo. Assim, a hipótese de que em anticausativas marcadas no Tenetehára-Guajajára ocorre o instanciamento de um Voice expletivo parece ser evidenciada, visto que o núcleo da projeção VoiceP é realizada pelo morfema {*ze-*}.

Nesse caso, o núcleo Voice em anticausativas marcadas do Guajajára é uma voz expletiva, devido ao fato de o morfema anticausativo não contribuir

---

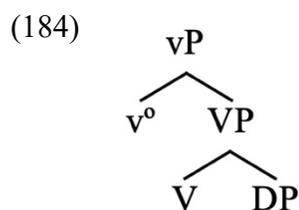
<sup>24</sup> De acordo com Pylkkänen (2008, p. 99): “Since there are languages that force us to separate Cause from Voice, the strongest theory would maintain this separation universally, so that Cause would never introduce an external argument.”

semanticamente para o desenvolvimento do evento. É possível conferir tal constatação quando comparamos as sentenças anticausativas não marcadas com as marcadas, tal como ilustram os dados a seguir:

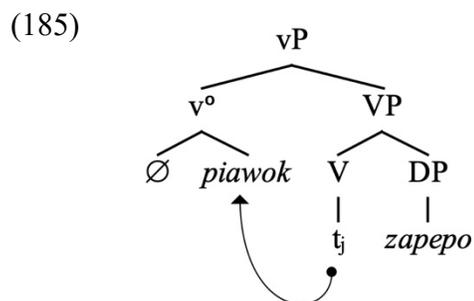
- (181a) *u-piawok*                      *zapepo*  
           3-destampar                      panela  
           “A panela destampou.”
- (181b) *u-ze-piawok*                      *zapepo*  
           3-AC-destampar                      panela  
           “A panela (se) destampou.”
- (182a) *u-kanaw*            *apègwer*            *a’e*  
           3-dobrar            pano                      3  
           “O pano dobrou.”
- (182b) *u-ze-kanaw*                      *apègwer*            *a’e*  
           3-AC-dobrar                      pano                      3  
           “O pano (se) dobrou
- (183a) *u-pytymawok*                      *uken*  
           3-abrir                      porta  
           “A porta abriu.”
- (183b) *u-ze-pytymawok*                      *uken*  
           3-AC-abrir                      porta  
           “A porta (se) abriu.”

Como se vê pelo contraste entre os pares de exemplos acima, mesmo com a ausência da marca morfológica {ze-} junto aos verbos das estruturas em (a), o sentido de cada uma das sentenças parece se manter semelhante ao daquelas em (b).

Tendo em conta essas evidências empíricas, proponho que a estrutura vP nas anticausativas não marcadas seja a mesma estrutura das anticausativas marcadas, entretanto a projeção Voice não será licenciada nas anticausativas não marcadas. É o que fica demonstrado na estrutura sintática mostrada em (142) na introdução desta proposta e retomada no exemplo (184):



Essa proposição se sustenta no fato de que a morfologia de voz é ausente nas sentenças anticausativas não marcadas, assim como podemos ver na derivação sintática da sentença (181a) demonstrada em (185):



A sentença em (185) não apresenta a marca morfológica {ze-} anexada ao verbo *piawok* “destampar”. Já na sentença em (180), o verbo *piawok* “destampar” apresenta o referido morfema anticausativo da língua. Comparando

as configurações arbóreas em (180) e (185) observa-se que a afixação do morfema anticausativo {ze-} a estes verbos não altera a estrutura da camada  $vP^{25}$ , visto estar essa camada presente nos dois tipos de construções. Fica claro, portanto, que o morfema de voz anticausativa {ze-} é a instanciação do núcleo de Voice e que não compõe a estrutura do  $vP$ . Dessa forma, esta proposta traz evidência adicional a favor da proposta de Alexiadou, Anagnostopoulou e Schäfer (2006; 2015), conforme a qual os núcleos Voice e  $v$ constituem camadas distintas no domínio da estrutura argumental.

Diante do que foi observado, parece não haver uma diferença significativa entre anticausativas marcadas e não marcadas morfológicamente no Tenetehára-Guajajára. A forte evidência a favor dessa análise advém do fato de que a marcação morfológica do anticausativo {ze-} não se mostra suficiente para distinguir semanticamente dois tipos de sentenças<sup>26</sup>.

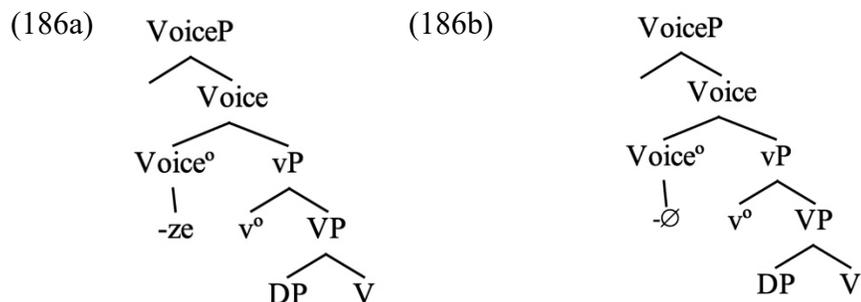
---

<sup>25</sup> Em seus estudos sobre o clítico -SE do português Carvalho (2016) afirma não haver uma semântica diferente entre as sentenças SE-anticausativas e  $\emptyset$ -anticausativas, pois a presença ou ausência de -SE não apresenta nenhum impacto na estrutura do evento. Assumo que, na língua Tenetehára-Guajajára ocorre a mesma situação.

<sup>26</sup> Uma posterior análise sobre a escala de espontaneidade quanto ao uso dos anticausativos marcados morfológicamente e não marcados será elaborada seguindo os estudos de Alexiadou, Anagnostopoulou e Schäfer (2015) e Haspelmath (1993). O objetivo dessa análise a ser feita posteriormente é investigar as possíveis motivações para a marcação do morfema anticausativo {ze-} nas sentenças que alternam entre marcadas e não marcadas, bem como compreender a não aceitabilidade dos falantes quanto ao uso desse morfema anticausativo em sentenças que são obrigatoriamente não marcadas na língua Tenetehára-Guajajára.

### 6.3 DERIVANDO O SINCRETISMO ENTRE REFLEXIVAS E ANTICAUSATIVAS

Conforme demonstrado no subtópico 5.1.1, a língua Tenetehára-Guajajára apresenta construções reflexivas de dois tipos, quais sejam: i) sentenças cujo verbo vem marcado pelo morfema de voz reflexiva {ze-}; ii) sentenças que não possuem nenhuma marca morfológica. Assim, com base na análise dos dados coletados, proponho as duas estruturas sintáticas abstratas abaixo para representar as sentenças reflexivas na referida língua:



Em (186a) temos a estrutura sintática que representa as sentenças reflexivas marcadas pelo morfema de voz reflexiva {ze-}, enquanto em (186b) está a representação das sentenças reflexivas que figuram na língua sem nenhum marcador de voz reflexiva. Os exemplos a seguir demonstram cada um desses tipos mencionados:

- (187) *Joana*            *u-ze-m-akym*            *a'e*  
 Joana            3-REFL-CAUS-molhar            3            (reflexiva marcada)  
 “Joana se molhou.”

- (188) *Maria*            *u-ze-mu-katu-wer*            *a'e*  
 Maria            3-REFL-limpar-DESID            3            (reflexiva marcada)  
 “Maria se limpou.”
- (189) *kwarer*            *u-zahak*            *a'e*  
 menino            3-banhar            3            (reflexiva não marcada)  
 “O menino se banhou.”
- (190) *u-zuhez*            *kuzatai*            *a'e*  
 3-lavar            menina            3            (reflexiva não marcada)  
 “A menina se lavou.”

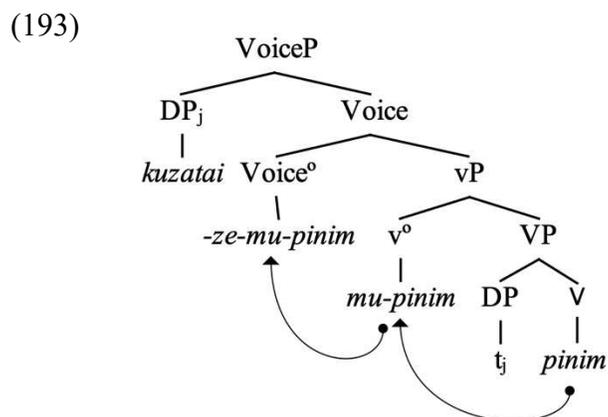
O morfema {ze-} que marca a voz reflexiva nas sentenças acima é também encontrado em anticausativas, o que caracteriza um sincretismo morfológico nessa língua. Essas marcas morfológicas de reflexivas e anticausativas não têm seus traços- $\phi$  valorados. Nesse caso, esses traços- $\phi$  poderão ser valorados por outros DPs referenciais, atribuindo a esse DP uma interpretação anafórica como nas reflexivas (LAZZARINI-CYRINO, 2015), ou poderão não ser valorados na sintaxe estrita, tendo como resultado os expletivos presentes nas anticausativas marcadas (LAZZARINI-CYRINO, 2015; SCHÄFER, 2007).

Para demonstrar como se dá a derivação sintática de sentenças reflexivas e anticausativas, tomemos os exemplos da língua Guajajára descritos em (191) e (192):

- (191) *u-ze-mu-pininim*            *kuzatai*            *a'e*  
 3-REFL-CAUS-pintar            menina            3  
 “A menina se pintou.”

- (192) *u-ze-pytymawok*                      *uken*                      *a'e*  
 3-AC-abrir                                      porta                                      3  
 “A porta abriu.”

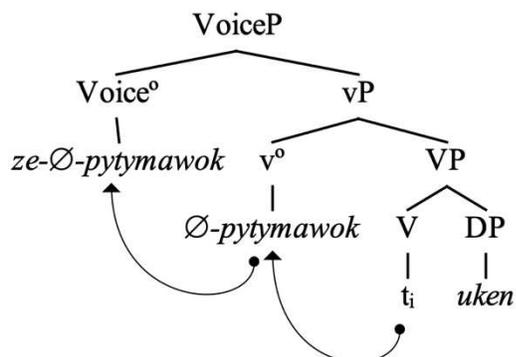
Primeiramente, tomemos o dado em (191) para o procedimento da derivação sintática que será representado em (193):



(193) mostra a derivação sintática da reflexiva marcada. Ao verbo *pinim* “pintar” está agregado o prefixo reflexivizador {ze-}instanciado no núcleo Voice. Este núcleo projeta um especificador ao qual se concatena o argumento externo *kuzatai* “menina”.

Passemos agora à análise da sentença anticausativa em (192) *uzepytykawok uken a'e*, cuja derivação sintática será representada pela árvore delineada em (194):

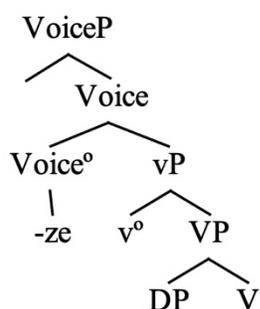
(194)



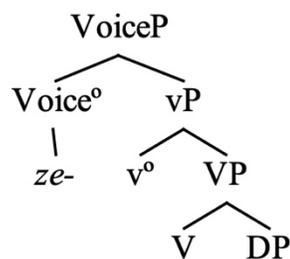
A derivação em (194) apresenta a sentença anticausativa marcada pelo morfema sincrético {*ze-*}. Nessa sentença o núcleo Voice não projeta um argumento externo em seu especificador e, devido a isso, a sentença torna-se intransitiva.

O sincretismo demonstra as características do morfema sincrético {*ze-*} em cada tipo de sentença e nos coloca em condições de postular que o núcleo Voice em reflexivas não é defeutivo e projeta um argumento externo, enquanto em anticausativas, este núcleo é expletivo. Com base nisso, proponho as duas estruturas sintáticas a seguir:

(195a)



(195b)



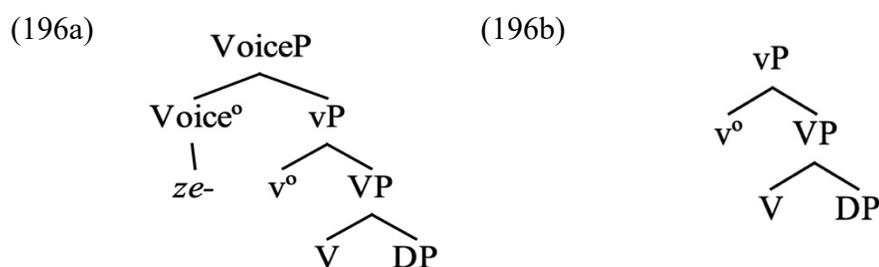
A representação sintática em (195a) traz a estrutura reflexiva marcada pelo morfema {ze-}, enquanto em (195b) temos a anticausativa marcada pelo morfema sincrético. Diante do que foi exposto nesse tópico, concluímos que ambas as estruturas, embora compartilhando a mesma marca morfológica, tem as suas derivações de maneira distinta, ou seja, em reflexivas a marca ocorre na posição do argumento interno e em anticausativas, na posição do argumento externo.

#### **6.4 RESUMO DA PROPOSTA TEÓRICA**

Nas seções anteriores, motivei a existência das camadas *v* e VoiceP nas sentenças anticausativas marcadas da língua Tenetehára-Guajajára. Para isso, apresentei testes que atestam a causativização das sentenças anticausativas, constatando a presença de um *v* nas estruturas marcadas pelo morfema {ze-} e nas estruturas não marcadas. Em seguida, examinei a presença do núcleo Voice em anticausativas marcadas morfológicamente e sua ausência em anticausativas não marcadas.

Essa investigação deu sustentação à proposta conforme a qual na língua Tenetehára-Guajajára as sentenças anticausativas que figuram no par da alternância causativa se diferem pela presença do morfema anticausativo {ze-} *versus* sua ausência.

Assim sendo, a proposta teórica apresentada nesta tese confirma a teoria desenvolvida por Alexiadou Anagnostopoulou e Schäfer (2015) a respeito da possibilidade de haver um núcleo Voice expletivo em anticausativas marcadas. Por essa razão, proponho para as sentenças anticausativas em Tenetehára-Guajajára duas estruturas sintáticas abstratas, a saber:



A estrutura arbórea em (196a) é a representação de sentenças anticausativas marcadas pelo morfema {ze-} na referida língua. Observa-se a estrutura vP que, da mesma forma que ocorre com as sentenças que se enquadram na estrutura arbórea em (196b), é composta de um núcleo *v* que representa a relação entre a causa e o evento da causação. Como o morfema anticausativo {ze-} não faz parte do vP, ocorre a instanciação de um VoiceP, cujo núcleo é expletivo e apresenta a propriedade de núcleo funcional defectivo, ou seja, não possui traços de concordância para serem valorados. É nesse núcleo que o morfema de voz anticausativa dessa língua será licenciado.

A estrutura arbórea em (196b) representa a configuração de sentenças anticausativas não marcadas em Guajajára. Essas sentenças são formadas a partir de uma projeção *vP* que possui uma camada de causa e resultado, o que indica que tais estruturas possuem causativização.

Ao adotar a proposta de Alexiadou, Anagnostopoulou e Schäfer (2006; 2015) de que as anticausativas marcadas possuem um Voice expletivo, assumo que as sentenças anticausativas marcadas e não marcadas morfologicamente na língua Tenetehára-Guajajára mantêm as características de inacusatividade e estrutura do *vP*, diferenciando-se pela presença ou ausência da projeção VoiceP na qual o morfema {*ze-*} sofre o *merge*.

Esse argumento se sustenta principalmente no fato de que esta língua possui pares de sentenças que são alternativamente marcadas pelo morfema anticausativo {*ze-*} e nos dois grupos a projeção *vP* permanece igual. Nesse caso, constata-se que o morfema de voz anticausativa não integra o evento, suscitando a projeção VoiceP expletiva.

Considerando-se que o morfema de voz anticausativa {*ze-*} é compartilhado por verbos reflexivos na língua Guajajára, procedi a uma análise desse sincretismo com vistas a identificar por que razão ambas as estruturas compartilham a mesma marca morfológica. A partir da investigação das características do núcleo Voice em cada um dos grupos de sentenças e de como

ocorre o processo de derivação, chegou-se à conclusão de que o contexto de transitividade sintática favorece esse compartilhamento. Ademais, o sincretismo ocorre entre a marca anticausativa que caracteriza a diminuição da valência verbal e a marca reflexivizadora que são ambas dependentes morfologicamente do verbo, já que são afixos.

## 6.5 RESUMO DO CAPÍTULO

Este capítulo teve por objetivo delinear a proposta teórica sobre as estruturas anticausativas da língua Tenetehára-Guajajára, qual seja: essa língua possui anticausativos não marcados morfologicamente e anticausativos marcados pelo morfema de voz {ze-}, o qual é licenciado por um núcleo Voice expletivo.

Para dar sustentação a essa hipótese, apresentou-se as evidências a seguir: (i) a camada  $vP$  permanece com a mesma estrutura em anticausativas marcadas e não marcadas e possui um núcleo  $v$ , o qual atesta a causativização dessas sentenças; (ii) o morfema de voz anticausativa {ze-} não faz parte da projeção  $vP$  e, devido a isso, assumo que o referido morfema é licenciado em uma projeção VoiceP expletiva. Ressalte-se que a presente proposta teórica segue os pressupostos teóricos de Alexiadou, Anagnostopoulou e Schäfer (2015)

sobre seus estudos translinguísticos de anticausativas não marcadas morfológicamente e anticausativas marcadas.

Também foi realizada uma sucinta análise do sincretismo presente em reflexivas e anticausativas da língua tenetehára-Guajajára que compartilham o morfema {ze-} como marca reflexivizadora e marca de voz anticausativa.

**PARTE VI**  
**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

## **CAPÍTULO 7:**

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

---

O objetivo desta tese foi investigar as propriedades e as condições de licenciamento de sentenças anticausativas marcadas e não marcadas que figuram na alternância causativa da língua Tenetehára-Guajajára. Fundamentei-me na abordagem teórica de Alexiadou, Anagnostopoulou e Schäfer (2015) segundo a qual a alternância causativa é uma alternância de Voice. Esses autores destacam que causativas possuem um Voice que introduz o argumento externo, enquanto anticausativas que apresentam uma morfologia de voz anticausativa instanciam um Voice expletivo onde essa voz é licenciada, divergindo de anticausativas não-marcadas que, por sua vez, não licenciam esse núcleo em sua estrutura argumental.

Os capítulos 4 e 5 referentes à apresentação de dados fazem uma descrição dos tipos de estruturas estudadas nessa tese, quais sejam: causativas, anticausativas e reflexivas. No capítulo 4 optei por descrever causativas e anticausativas da língua Guajajára em um único bloco por ambas constituírem sentenças que formam um par na alternância causativa. Descrevi primeiramente as causativas segundo a classificação tipológica de Comrie (1989), e na sequência delinee a classificação tipológica das anticausativas, seguindo a

proposta de Alexiadou, Anagnostopoulou e Schäfer (2015), dando especial enfoque a estas estruturas.

Seguindo a abordagem supracitada para o tratamento das sentenças anticausativas, identifiquei que na língua Tenetehára-Guajajára ocorrem sentenças anticausativas não marcadas morfologicamente e sentenças anticausativas que são marcadas por meio do prefixo de voz anticausativa {ze-}. Para seguir uma categorização tipológica dessas sentenças, dividi-as em dois grupos, a saber: i) anticausativas não marcadas, as quais não apresentam nenhuma marca morfológica anexada à forma verbal; ii) anticausativas opcionalmente marcadas, em que o verbo figura na sentença com o prefixo {ze-} ou com a ausência dele.

Ao examinar a estrutura argumental dos dois tipos de sentenças anticausativas – não marcadas e marcadas morfologicamente – na língua Guajajára, chegou-se às seguintes conclusões principais: (i) a estrutura do vP permanece a mesma em anticausativas marcadas e não marcadas; (ii) a estrutura vP de anticausativas marcadas e não marcadas possui um núcleo  $v_{\text{cause}}$ , o qual atesta a causativização dessas sentenças; (iii) o morfema de voz anticausativa {ze-} não faz parte da projeção vP e, devido a isso, assumo que o referido morfema é licenciado em uma projeção VoiceP expletiva, com propriedade defectiva.

Com base nisso, propus que as sentenças anticausativas na língua Tenetehára-Guajajára apresentam duas estruturas sintáticas básicas: (i) uma estrutura formada por uma projeção  $vP$  para representar as anticausativas não marcadas morfologicamente; (ii) uma estrutura formada a partir de uma projeção  $vP$  e uma projeção VoiceP expletiva para representar as anticausativas marcadas por meio do prefixo {ze-}.

O capítulo 5 é dedicado à descrição e análise de sentenças reflexivas da língua Guajajára. Um dos objetivos deste trabalho foi apresentar uma análise comparativa do morfema {ze-} que é uma marca morfológica presente em reflexivas e anticausativas marcadas da referida língua. Para esse intuito, adotei como base a proposta de análise do sincretismo do pronome fraco *sich* do alemão, elaborada por Schäfer (2007). A análise desse sincretismo nos permitiu verificar que embora marque voz reflexiva e voz anticausativa, respectivamente, o morfema {ze-} tem comportamentos sintático e semântico diferente em cada tipo de estrutura. Ambas as estruturas argumentais possuem um núcleo Voice no qual se concatena esse morfema. Porém, nas reflexivas tem-se um Voice que projeta um argumento externo, enquanto em anticausativas esse Voice não é defectivo e por isso não projeta um argumento externo, resultando em um núcleo expletivo.

Reitero, seguindo a proposta de Alexiadou, Anagnostopoulou e Schäfer (2015), que a alternância causativa da língua Guajajára é uma alternância de tipos de Voice, conforme foi visto ao longo desta pesquisa. Causativas possuem um Voice ativo, anticausativas marcadas morfologicamente possuem um Voice expletivo e anticausativas não marcadas não licenciam esse núcleo Voice.

A princípio, parece não haver diferença de significado quanto ao uso ou não do morfema de voz anticausativo afixado aos verbos de mudança de estado nas sentenças anticausativas. No entanto, uma investigação que avalie o grau de espontaneidade do uso ou não uso do morfema {ze-} poderá ser realizada posteriormente, pois algumas questões precisam ser respondidas, como por exemplo: Por que alguns verbos de alternância causativa não licenciam o morfema de voz anticausativa? Qual o critério que rege o uso dos verbos anticausativos marcados ou não marcados morfologicamente nas sentenças em que essa marcação é opcional? Por que não ocorrem verbos anticausativos obrigatoriamente marcados pelo morfema {ze-}? Este último questionamento se dá em função de não se ter identificado nos dados coletados nenhum verbo de mudança de estado que ocorra com uso obrigatório do prefixo de voz anticausativa.

Diante dessas considerações, acredito que o trabalho de investigação sobre as anticausativas em Tenetehára-Guajajára se mostra bastante profícuo,

principalmente porque fornecerá um estudo apurado da alternância causativa no Tenetehára-Guajajara. Levando-se em consideração que poucas pesquisas foram desenvolvidas nesse campo de abordagem, este estudo poderá auxiliar as demais pesquisas linguísticas dessa área, realizadas por linguistas brasileiros, por estudantes e/ou por professores da etnia Guajajara.

## REFERÊNCIAS

---

ALEXIADOU, A., ANAGNOSTOPOULOU, E.; SCHÄFER, F. **External Arguments in Transitivity Alternations: A Layering Approach**. Oxford: Oxford University Press, 2015.

ALEXIADOU, A.; ANAGNOSTOPOULOU, E.; SCHÄFER, F. The fine structure of (anti-)causatives. *In*: DAVIS, C. Deal, A. D.; ZABBAL, Y. (eds). **Proceedings of NELS 36**. Amherst MA: GLSA, 2006.

CAMARGOS, Quesler Fagundes. **Aplicativização, causativização e nominalização: uma análise unificada de estruturas argumentais em Tenetehára-Guajajara (Família Tupí-Guaraní)**. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos). Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

CAMARGOS, Quesler Fagundes. **Estruturas causativas em Tenetehára: uma abordagem minimalista**. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

CARVALHO, Janayna Maria da Rocha. A relação entre a presença do núcleo Voice e o clítico SE no português brasileiro. **Revista D.E.L.T.A.** vol 34.2, 2018.

CARVALHO, Janayna Maria da Rocha. **A morfossintaxe do português brasileiro e sua estrutura argumental: uma investigação sobre anticausativas, médias, impessoais e a alternância agentiva**. Tese (Doutorado em Linguística). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

CASTRO, Ricardo Campos. **Morfossintaxe Tenetehára (Tupí-Guaraní)**. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

CASTRO, Ricardo Campos. **Interface morfologia e sintaxe em Tenetehára**. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

CHOMSKY, Noam. Derivation by phase. In: KENSTOWICZ, Michael (Org.). **Ken Hale: a life in language**. Cambridge: MIT Press, 2001. p. 1-52.

CHOMSKY, Noam. **Minimalist Inquiries: The Framework**. In: MARTIN, R.; MICHAELS, D.; URIAGEREKA, J. (Org.). **Step by Step: Essays on Minimalist Syntax in honor of Howard Lasnik**. Cambridge: MIT Press, 2000.

CHOMSKY, Noam. **Lectures on Government and Binding**. Mouton de Gruyter, Berlin, 1981.

COMRIE, B. PPCausative constructions. In B. Comrie (Ed.), **Language universals and linguistic typology: syntax and morphology** (2nd ed., p. 165-184). Chicago, IL: University of Chicago Press, 1989.

DIETRICH, Wolf. O tronco tupi e as suas famílias de línguas. Classificação e esboço tipológico. In: NOLL, Volker; DIETRICH, Wolf (Org.). **O português e o tupi no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 2010. p. 9-25.

DOWTY, David. **Word meaning and Montague grammar** – The semantics of verbs and times in generative semantics and in Montague's PTQ. Dordrecht: Reidel, 1979.

DUARTE, Fábio Bonfim; MENEZES, Ana Claudia; SILVA, Cíntia Maria Santana. O fonema /z/ camaleão na língua Tenetehára: uma abordagem variacionaista. **Revista Brasileira de Linguística Antropológica**. Vol 14, novembro de 2022.

DUARTE, Fábio Bonfim. **Diversidade linguística no Brasil: a situação das línguas ameríndias**. Revista Caletrosópio. Vol 4, número especial, julho de 2016.

DUARTE, Fábio Bonfim. Tenetehára: A predicate-fronting language. **The Canadian Journal of Linguistics / La revue Canadienne de linguistique**, vol 57, p. 359-386, 2012.

DUARTE, Fábio Bonfim. **Estudos de Morfossintaxe Tenetehára**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2007.

EMBICK, David. Unaccusative Syntax and Verbal Alternation. In: ALEXIADOU, Artemis; ANAGNOSTOPOULOU, Elena; EVERAERT.

Martin. **The Unaccusativity Puzzle**. Oxford: Oxford University Press, 2004. p. 137-158.

HASPELMATH, Martin. **Comparing reflexives constructions in the world's languages**. MPI-SHH Jena & Leipzig university. June, 2019.

HASPELMATH, Martin. More on the typology of inchoative/causative verb alternation. In: COMRIE, Bernard; POLINSKY, Maria. (Orgs.) **Causatives and Transitivity**. Amsterdam: John Benjamins. 1993.

HARLEY, Heidi; NOYER, Rolf. **State-of-the-Article: Distributed Morphology**. University of Pennsylvania appeared in *GLOT 4.4*, April 1999, pp. 3-9

HARLEY, Heidi; NOYER, Rolf. Licensing in the non-lexicalist lexicon: nominalizations, Vocabulary Items and the Encyclopedia. **MITWPL 32: Papers from the UPenn/MIT Roundtable on Argument Structure and Aspect**. Edited by Heidi Harley, 119-137. Cambridge: MITWPL. 1998.

KRATZER, Angelika. **Making a Pronoun: Fake Indexicals as Windows into the Properties of Pronouns**. The MIT Press, vol 40, n 2, 2009.

KRATZER, Angelika. Severing the External Argument from its Verb. In: ROORYCK, Johan; ZARING, Laurie (Ed.). **Phrase Structure and the Lexicon**. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 1996.

LAKOFF, George. Some verbs of change and causation. In: S. Kuno (ed.). **Mathematical linguistics and automatic translation**. Cambridge: Harvard University Press, 1968.

LAKOFF, George. **Irregularity in syntax**. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1970.

LAZZARINI-CYRINO, João Paulo. **O sincretismo passivo-reflexivo: um estudo translinguístico**. Tese (Doutorado em Letras). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

LEVIN, Beth; RAPPAPORT HOVAV, Malka. **Unaccusativity: at the syntax – lexical semantics interface**. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press, 1995.

LOPES, Ruan Carlos dos Santos. Políticas indigenistas na amazônia brasileira e a resistência étnica dos Tembé/Tenetehára de Santa Maria do Pará. **Espaço Ameríndio**. Porto Alegre, v. 10, n. 2, p. 162-193, jul./dez. 2016.

MARANTZ, Alec. No escape from syntax: Don't try morphological analysis in the privacy of your own lexicon. **University of Pennsylvania working papers in linguistics**, v. 4, n. 2, p. 14, 1997.

MARANTZ, Alec. **Roots and argument structure**. Handout of a talk given at the 'Workshop on Verb Classes and Alternations'. Stuttgart: University of Stuttgart, 2003.

PESETSKY, D. **Zero syntax**. Experiencers and casacades. Cambridge MA: The MIT Press, 1995.

PYLKKÄNEN, Liina. **Introducing Arguments**. Tese (Doutorado em Linguística) – Massachusetts Institute of Technology, Cambridge, 2002.

PYLKKÄNEN, Liina. **Introducing Arguments**. Cambridge: The MIT Press, 2008.

RAPAPPORT-HOVAV, Malka; LEVIN, Beth. Lexicon uniformity and the causative alternation. In: EVERAERT, E.; MARELJ, M.; SILONI, T. **The theta system: Argument structure at the interface**. Oxford: Oxford University Press, 2011.

REINHART, T. **The theta system: Syntactic realization of verbal concepts**. OTS working papers: Utrecht University. 2000.

ROCHA, Ivan. Processos de causativização na língua Karitiana. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**. Ciências Humanas, v. 9, n. 1, p. 183-197, jan.-abr. 2014.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. **Línguas brasileiras: para conhecimento das línguas indígenas**. São Paulo: Loyola, 1986.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. Relações internas na família lingüística Tupí-Guaraní. **Revista de Antropologia**. Vol. 27/28, p. 33-53, 1985.

SCHÄFER, Florian. **The syntax of (anti-)causatives**: external arguments in change-of-state contexts. Philadelphia: John Benjamins B.V., 2008.

SCHÄFER, Florian. **On the nature of anticausative morphology**: External arguments in change-of-states contexts. Tese (Doutorado em Linguística). Institut für Linguistik/Anglistik der Universität Stuttgart, 2007.

SILVA, Tabita Fernandes da. **História da língua Tenetehára**: contribuição aos estudos histórico-comparativos sobre a diversificação da família Tupí-Guaraní do tronco Tupí. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade de Brasília, Brasília-DF, 2010.

WEINREICH, U. **Languages in Contact**. New York: Linguistics, Circle of New York, 1953.